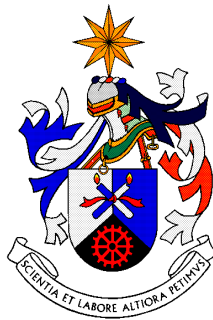


**UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
FACULDADE DE ARTES E LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS**



**CONTRIBUTOS PARA UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DO TEXTO
PROVERBIAL DA BEIRA BAIXA**

JOSÉ CARLOS DUARTE MOURA

**Covilhã
Outubro
2010**

Contributos para um Estudo Etnográfico do Texto Proverbial da Beira Baixa

Orientador: Professor Doutor Paulo Osório

**Dissertação de 2º Ciclo em *Estudos Ibéricos conducente ao grau de Mestre, apresentada
à Universidade da Beira Interior.***

Resumo

A Beira Baixa, devido ao seu posicionamento geográfico e à sua localização no interior de um país com escassas vias de comunicação, viveu isolada de contacto com outros povos. Ao longo da história, as passagens de outros povos por estas terras deveu-se sempre a incursões com carácter bélico. Os povos de toda esta região, cercada por serras e matagais, desenvolveram um modo de vida próprio, metidos no seu isolamento, criando um perfil desconfiado e reservado que, naturalmente, a experiência da história lhe ensinou.

A cultura destes povos passou de geração em geração, tendo um saber singular em relação às restantes regiões do país, mais permeáveis pela geografia a influências externas. A literatura popular da Beira Baixa constitui, deste modo, um caso único, um acervo ancestral vivo em pequenas localidades isoladas. Os provérbios e os ditos populares desempenham um papel bastante importante nas mais diversas comunidades. Estas frases representam o saber acumulado pelos povos, com o seu viver ao longo dos tempos. Por vezes, encontramos provérbios ou, simplesmente, ditos iguais com pequenas diferenças em quase toda a Beira Baixa. Noutras ocasiões, surgem-nos outros que somente encontramos numa ou outra localidade.

Ao elaborar estudos no âmbito etnográfico nos mais diversificados temas, encontrámos algumas semelhanças. Entre as diversas localidades, variam, por vezes, palavras, nomes ou expressões de que os povos se apropriaram ao longo dos tempos, dando-lhe um cunho próprio do local onde vivem. Esta herança tem vindo a transmitir uma carga cultural resultado da entrega de elementos muito significativos da tradição oral de geração em geração.

Abstract

“Beira Baixa” due to its geographical positioning and location in the inner part of a country with few roads, has lived isolated from the contact with other peoples. Through history, the passing of other peoples has always been linked to incursions of a warlike character. The peoples of this entire region, enclosed by mountains and bush areas, have developed their own way of living, exposed to their isolation, giving birth to a suspicious and shy profile that naturally history has taught them.

The culture of these peoples has passed from generation to generation, having a singular erudition in relation to the other regions of the country which are more permeable due to their geography and external influences. Popular literature from “Beira Baixa” constitutes, in this way, a unique case, an ancestral heap alive in small isolated areas. The proverbs and popular sayings play an important part in the various communities. These sentences and sayings represent an accumulated knowledge by the peoples, with their living through the times. In some cases the same proverbs or sayings can be found with few differences in practically all “Beira Baixa”. In other occasions, others appear which can only be found in certain areas.

By elaborating studies in the ethnographical scope in various topics, some similarities were found. From one place to another, sometimes words, names or phrases vary and the peoples take possession of them through the times giving them their own marks of the place where they live. This inheritance has been transmitting a cultural load resulting from the delivery of very signifying elements of oral tradition transmitted from generation to generation.

ÍNDICE

Introdução -----	9
Capítulo I - A Beira Baixa na História	
1. Breve Caracterização Histórica da Beira Baixa -----	12
2. Árabes e Cristãos -----	14
2.1. Templários -----	16
2.2. Templários na Beira Baixa -----	18
2.3. Castelo e Muralhas -----	19
Capítulo II - A Evolução Tecnológica do Homem	
1. Uma Abordagem da História -----	21
Capítulo III - O Homem como Objecto de Estudo da Etnografia	
1. Etnografia a Ciência da Descrição -----	25
2. Folclore -----	27
Capítulo IV - Ciências Antropológicas	
1. Práticas das Ciências Antropológicas -----	31
2. Os Provérbios: seu Valor Textual Histórico e Cultural -----	32
2.1. Provérbios e Ditos -----	34
2.2. Metodologia -----	34
3. Classificação e Análise dos Provérbios -----	39
4. Glossário -----	45
5. Listagem de Provérbios Recolhidos e Divididos por Unidades Temáticas -----	67
Conclusão -----	89
Bibliografia -----	93
Anexos-----	95

I - Listagem de Informantes por Localidade -----	95
II – Contos Mitos e Lendas da Beira -----	97
Quadro da Temática Etnológica -----	164

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Categorização de Provérbios -----	40
---	----

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Categorização de Provérbios -----	41
--	----

AGRADECIMENTOS

À Catarina e ao João pelos momentos que lhes roubei.

Ao Professor Paulo Osório pela disponibilidade sempre manifestada.

A todos aqueles que partiram mas nos deixaram memórias da tradição oral.

**Quantas vezes a memória
Para fingir que inda é gente,
Nos conta uma grande história
Em que ninguém está presente.**

Fernando Pessoa

INTRODUÇÃO

Ao longo dos tempos a relação do Homem com o ambiente sempre foi nitidamente marcada pelos avanços devidos a domínio de processos que, transmitindo-se através das gerações, se revelaram úteis à produção de resultados (técnicas) (*Dicionário de Língua Portuguesa*, 1985, p.1314).

Actualmente, mais do que em qualquer outro momento da história, o domínio e aplicação dos conhecimentos científicos (tecnologia) é um dos principais factores de mudanças estruturais e comunitárias. A tecnologia, na sua rápida evolução, converte valores antigos, cria novos valores, muda a Terra e mesmo o Homem. Hoje em dia surgem novos meios que facultam um rápido acesso devidos ao domínio das fontes do conhecimento. A comunidade onde as pessoas vivem, continua a ser, um dos meios, por excelência, para a transmissão da oralidade. No entanto hoje existe a internet, a velocidade da informação com todos os seus intervenientes, uma aldeia global assumida. Noutros tempos não era assim, não existiam os meios de comunicação à escala global, nem vias rodoviárias eficazes, muitas comunidades viveram isoladas geográfica e culturalmente anos a fio, gerações mesmo.

O isolamento e a falta de contactos permanentes ou regulares com outras comunidades desempenhou uma dualidade de papéis, sujeitou as comunidades a um atraso tecnológico significativo, mas manteve os diversos traços de algumas comunidades inalteráveis durante anos. Um dos aspectos que manteve as suas características originais foi a tradição oral de algumas regiões.

Com este trabalho pretendemos, efectuar uma análise da oralidade recolhida no trabalho de campo, tendo em linha de conta as seguintes orientações:

- Recolher elementos diversos da tradição oral na Beira Baixa;
- Proceder a uma análise etnográfica dos elementos recolhidos;
- Elaborar um glossário com elementos recolhidos.

De modo a conseguirmos fazer uma análise com algum grau de correcção, julgámos por bem situar do ponto de vista geográfico e histórico a área em que efectuámos o trabalho de campo e a respectiva recolha de materiais etnográficos.

O território onde desenvolvemos o nosso trabalho de recolha é o da Beira Baixa (que corresponde à divisão administrativa do distrito de Castelo Branco mais os concelhos de Pampilhosa da Serra e Mação). Parte das recolhas que apresentamos neste estudo resultam do trabalho de campo desenvolvido entre 1987 e 2009.

A Beira Baixa corresponde ao território entre os rios Douro e Tejo, dividida pela maior cordilheira que atravessa o nosso país. A área da Beira Baixa, na qual desenvolvemos o nosso estudo, é uma manta de retalhos, uma justaposição de unidades, essas bem demarcadas no aspecto da paisagem e no modo de viver dos habitantes e como tal provida de nomes populares. Os vales profundos e isolados, os acessos difíceis. Invernos frios e verões muito quentes (guia de Portugal). Todos estes elementos contribuíram ao longo dos anos de um modo decisivo para uma forma de vida própria dos seus habitantes o que de certa forma tem um efeito directo na cultura e consequentemente na oralidade. Acreditámos que existem muitas probabilidades de factores como a geografia, história e a toponímia local influenciarem a utilização de certos termos.

Ao efectuar este tipo de trabalho, temos de ter sempre em linha de conta os longos tempos de isolamento geográfico, viário e cultural que as localidades objecto do nosso estudo sofreram. De certa forma este isolamento pode sustentar a nossa opinião de que nas terras da Beira Baixa podem-se encontrar jóias da Literatura e Cultura popular.

Os provérbios e os ditos populares desempenham um papel bastante importante nas mais diversas comunidades. Estas frases representam o saber acumulado pelos povos, com o seu viver ao longo dos tempos. Por vezes, encontramos provérbios ou simplesmente ditos iguais com pequenas diferenças em quase toda a Beira Baixa. Noutras ocasiões, surgem-nos outros que somente encontramos noutra localidade.

Ao elaborarmos estudos no âmbito etnográfico nos mais diversificados temas, encontrámos algumas semelhanças aqui e ali, variam por vezes palavras, nomes ou expressões de que os povos se apropriaram ao longo dos tempos dando-lhe o cunho próprio do local onde vivem, transmitindo-lhe toda uma carga cultural resultante da transmissão da oralidade de geração em geração.

Neste trabalho optámos por fazer uma breve caracterização da Beira Baixa de modo a situar os factores naturais e históricos que servem de cenário a um nicho na tradição oral portuguesa. Abordaremos do ponto de vista histórico a evolução do Homem, especialmente a dualidade entre a técnica e a magia.

Dado que o nosso trabalho se inscreve na vertente dos estudos etnográficos, optámos por efectuar uma passagem pela linha evolutiva da história, para a cultura que foi sustentada pelos homens e mulheres do povo aos quais de uma forma geral a história não faz referência. Através desta opção pretendemos dar importância à passagem da tradição e dos costumes entre gerações. Afigura-se-nos interessante abordar o nascimento e a evolução dos estudos etnológicos em Portugal, seguindo o método de trabalho que estas ciências praticam.

CAPÍTULO I

A BEIRA BAIXA NA HISTÓRIA

1. Breve Caracterização Histórica da Beira Baixa

Para conhecer verdadeiramente a Beira Baixa é necessário um trabalho interdisciplinar, assumindo um papel relevante a História, a Geografia, a Geologia e a Antropologia Cultural. Do alto do castelo de Castelo Branco observámos as serras (Estrela, Malcata, Gardunha, Alvelos, Moradal), depois os rios (Zêzere e Tejo) que isolam e estabelecem limites a toda esta região. Com poucas passagens fronteiriças, a quase ausência de comunicações com outras regiões esteve sempre presente. Toda esta região possui só um corredor geográfico ao longo do Rio Tejo.

De certa forma, a geografia determinou a história da Beira Baixa, tendo moldado o Beirão e a sua cultura. A terra da Beira Baixa está isolada por serranias, compartimentada pelos rios e ribeiros Erges, Aravil, Zêzere, Ponsul e Ocreza. Ao longo da história passaram por estas terras diversos povos. Os Romanos entraram por Segura e espalharam-se por toda a Beira Baixa, os Visigodos por sua vez substituíram os Romanos. Os Árabes surgiram também daqueles lados vindos de Mérida. Foi também por ali que entrou em 1807 a primeira invasão francesa. Em sentido oposto andaram os Templários, na direcção de Monsanto onde fundaram o primeiro castelo da Beira. (*Nunes, 2002, p.15*)

A linha Segura, Castelo Branco e Vila Velha de Rodão é um caminho com um enorme peso carregado de história, diria mesmo um marco para estas terras.

Como definir o Homem da Beira Baixa:

“Aos nomes mais ilustres da etnografia de um passado ainda recente não passou despercebido o facto de o Beirão da Beira Baixa possuir atributos e comportamentos muito próprios. (...) Impossibilitados de fáceis contactos, os seus avós foram-se fixando,

naturalmente, na terra à qual são muito arreigados e, habituando-se a resolver por si os próprios problemas, acabaram por forjar, ao longo dos séculos, uma cultura e uma filosofia muito suas (...) Na sua essência, o beirão da Beira Baixa foi-se fazendo a si mesmo, criando caracteres adequados a uma situação de isolamento.” (Nunes, 2002, P. 17)

Do ponto de vista cultural, a situação de isolamento da Beira Baixa, no centro do país, tornou-a impermeável a influências culturais durante muitos anos. Mercê deste isolamento não se desenvolveu por aqui uma cultura erudita, os costumes e tradições são simples e de uma forma geral associados à terra. Neste contexto as colchas de Castelo Branco sobressaem pela diferença, dada a complexidade dos seus motivos, merecendo algum destaque assumido em relação aos restantes elementos.

Pires Nunes, a este respeito, refere: “ Tudo o que é genuíno na Beira Baixa é rústico, simples e ingénuo, seja na Charneca, no Pinhal, na Cova da Beira ou na Campina da Idanha.” (Nunes, 2002, p.19)

Na Beira Baixa algumas das propriedades resultam ainda das doações feitas, no período histórico da Reconquista, às ordens militares, especialmente à Ordem de Cristo. Outras terras remontam aos extensos baldios existentes nos concelhos, dos quais ainda restam alguns vestígios. Durante muitos anos, parte significativa das populações vivia apertada entre as grandes propriedades agrárias, a que se chamava “Coutos” ou “Montes”, onde se sentia mais protegida, em detrimento de parcelas de pequenas dimensões. Mais tarde com as leis liberais quase todas as grandes propriedades passaram para a posse de particulares. (Guia Portugal, p.638)

De um modo geral, as localidades com o topónimo de “ Campo” (Salgueiro do Campo...) remetem para territórios mais férteis e albergando, conseqüentemente, um maior número de habitantes. Outras zonas da Beira Baixa, quer a “Arraia”, quer a “Charneca”, são mais pobres.

Apesar da pobreza e dos lugares isolados, os Beirões preferem cultivar os seus próprios pedaços de terra. No entanto para ganhar o sustento, durante muitos anos foi costume fazerem trabalhos agrícolas para os grandes senhores, na época da azeitona ou partindo para as ceifas, no Alentejo. Outro aspecto interessante a registar, será o facto de na Beira Baixa se usarem ainda, no cultivo das terras, instrumentos agrícolas que noutras regiões já só pertencem às colecções dos museus etnográficos. Da mesma forma aspectos linguísticos relevantes, festas e romarias populares, tradições e em particular superstições persistem nas vivências de uma parte significativa dos habitantes.

Na realidade, toda a investigação de recolha etnográfica efectuada na Beira Baixa destaca-se pela simplicidade e sempre presente uma grande proximidade ao elemento terra que durante séculos foi o centro de atenções, vida e sustento do Beirão.

2. Árabes e Cristãos

As terras da Beira Baixa viram passar por elas muitos povos com objectivos de invasão e conquista, os Muçulmanos foram um povo singular pois vinham não só para saque mas para conquistar e ocupar a terra.

Acerca das diferenças entre os muçulmanos e outros povos que por aqui passaram Florentino Beirão refere: “ O que se pode afirmar com alguma consistência é que, até ao século X, os Mouros conviveram com Judeus e Cristãos dentro do espírito de tolerância desde que os povos dominados aceitassem a sua supremacia política, pagando os devidos impostos. A superioridade da sua civilização facilmente se impôs aos povos vencidos, os Visigodos. Chegaram mesmo na Beira, em Almeida a possuir um forte dispositivo militar.” (*Beirão, 2005, p.62*)

O mesmo autor diz ainda que na Estremadura Espanhola e na actual Beira Baixa, viveu uma população Moçárabe que conservou as suas crenças religiosas (cristãs) e grupos de Berberes, estas populações permaneceram desde o século VIII até às razias feitas pelo movimento militar da reconquista. (*Beirão, 2003, p.62*)

Na área da actual Beira Baixa, subsistiram zonas bastante despovoadas com gentes de dois credos, Cristãos e Árabes, existindo ainda alguns núcleos de Judeus, foi esta a realidade dos povoados destas zonas, nos tempos medievais. (*Beirão, 2003, p.62*)

Perante esta realidade é fácil constatar a existência de tempos de convivência e tempos de tensões. O espírito de cruzada da cristandade medieval com o objectivo de libertar Jerusalém foi aproveitado e canalizado para a reconquista cristã na Península Ibérica. O objectivo prioritário na Península era consolidar a tutela das terras entre os rios Douro e Mondego.

Um exemplo claro, desta estratégia de defesa aconteceu quando D. Teresa em 1116 depois de uma invasão comandada pelo Alvali de Córdova tenta reconstruir fortalezas com o objectivo de manter os árabes para sul da Serra da Estrela. (*Beirão, 2003,p.63*)

A Beira Baixa com as suas fronteiras naturais e a sua importância estratégica esteve em poder dos Árabes do século VIII ao século XII.

Perante o cenário de reconquista podemos constatar que foi uma zona muito instável nos aspectos político e militar, terras de avanços e recuos de Cristãos e Árabes. Com quatro séculos de permanência os Árabes deixaram aqui sinais da sua civilização, podemos destacar a agricultura, toponímia, usos e costumes.

Por toda a Beira Baixa existem numerosos nomes iniciados por “Al” podemos destacar aqui Alcains, Alcongosta, Alcaria, Alcafozes, Alpedrinha, Almaceda, Alpreada, Alcongosta. Além dos nomes de localidades, outros como alguidar, alfaiate, algerós, alcatruzes, alface, almofariz, almocreve, e muitos outros que dão uma riqueza substancial à nossa língua.

A este respeito José Hermano Saraiva refere que uma palavra nova se adopta ao contexto para exprimir uma realidade nova. Por esta razão houve importação de uma parte significativa de vocabulário de origem árabe, necessário para definir novas realidades ou novos produtos. (*Saraiva, J. H. 1995, p.34*)

Este autor reputa de muito importante a influência cultural Árabe. A cultura Árabe implantou-se pelo idioma, vestuário, alimentação, nos costumes pessoais e até na identidade física. Passados os primeiros séculos da Reconquista, em que os Árabes foram perseguidos e mortos, os Cristãos entenderam o seu valor. (*Saraiva, 1995, p.78*)

A este respeito Hermano Saraiva escreve o seguinte: “ D. Afonso Henriques protegeu os Mouros que ficaram na região de Lisboa depois da reconquista. Numa carta de segurança de 1170 proíbe que sejam maltratados por Cristãos ou Judeus” (*Saraiva, 1995,p.79*). Sabemos os Árabes contribuíram, em diversas áreas da ciência e do saber, para um grande desenvolvimento. O próprio D. Afonso III de Leão mandou o seu filho, seu sucessor, estudar em Saragoça, na altura capital do Reino Mouro.

O avô de D. Afonso Henriques – Afonso VI – viveu em Toledo com uma mulher Árabe de quem teve um filho. (*Saraiva, 1995, p.79*). Aludindo à dimensão cultural Árabe, Hermano Saraiva refere que: “Alguns dos grandes vultos desse século de ouro da cultura hispano-árabe estão relacionados com o território português: o poeta Abenabdun era de Évora, o poeta Almutâmide de Beja, Ibn de Santarém” (*Saraiva, 1995,p.79*)

Através das recolhas etnográficas que ao longo dos anos fomos efectuando, verificámos que os Mouros estão bem presentes na tradição oral. Todas as áreas de estudo da Etnografia apresentam referências aos Árabes ou Mouros. Na Beira Baixa são muito frequentes as alusões a Mouras encantadas que guardam tesouros. Os Mouros e as Mouras encantadas dão um cunho de sobrenatural à nossa literatura popular e geralmente estão relacionados com transformações de objectos de uso comum em ouro. No decurso da compilação “ Contos Mitos e Lendas da Beira” encontrámos referência a Mouros em trinta e três contos recolhidos na tradição oral da Beira Baixa. De igual modo, quando estudamos as Superstições e Práticas mágicas, recolhidas na mesma área geográfica, encontrámos novamente referências a Mouros, sempre relacionadas com actos de transformação e encantamento. Ao realizar trabalho de campo no concelho de Pampilhosa da Serra constatámos que as lendas na sua grande maioria implicam a figura de Mouros na origem de diversas localidades.

2.1. Templários

A Ordem dos Templários nasceu depois da primeira cruzada de 1096 e tinha por fim proteger os Cristãos aquando das suas idas a Jerusalém. Esta Ordem de Cavalaria foi fundada em 1118 por Hughes de Payens e outros oito cavaleiros, tendo perdurado por dois séculos. A Ordem nasceu com o objectivo de tomar Jerusalém e proteger os peregrinos que ali se dirigiam, mas abraçou, posteriormente, uma dimensão muito mais vasta. (www.acasicos.com.br)

Estes cavaleiros eram treinados para montar e aprendiam tácticas de guerra. O treino com armas era mesmo muito rigoroso, os recrutas eram sujeitos a duras horas de trabalho no terreno, sob um calor escaldante e tinham de aceitar a rígida disciplina em campo. (*Guillou, Jam, 2005, p.222*)

Uma das características importantes no modelo de combate dos cavaleiros do Templo era o famoso ataque em bloco; desprezavam profundamente as iniciativas individuais, em prol do grupo.

Os Templários desempenharam vários papéis ainda hoje considerados importantes, quando foi extinta a sua Ordem. O seu poder económico era grande, sendo eles precursores

de um modelo económico que hoje persiste no “cheque bancário”. Um comerciante podia simplesmente transportar um documento com a chancela da Ordem do Templo, para que o seu valor fosse reconhecido num lugar distante da origem. Filipe o Belo, Rei de França, era um dos grandes devedores à Ordem do Templo.

Falar dos Templários implica sempre fazer uma abordagem histórica, não descurando no entanto as implicações no Mito e na Lenda, que esta Ordem envolveu e que continuou pelos tempos fora. O fim da Ordem do Templo deu-se em França, a treze de Outubro de 1307, sexta-feira, quando Filipe IV ordenou uma “Caça às Bruxas”. Parte significativa dos Templários Franceses foi presa, muitos foram excomungados e queimados na fogueira.

A dezoito de Março de 1314, o último líder Templário Jacques de Molay declarou a sua inocência e a da Ordem ao ser queimado na fogueira. É nesta altura que profere a maldição Templária dizendo: “ todos aqueles que actuaram contra nós vão sofrer por aquilo que fizeram”. Os acontecimentos que se seguiram contribuíram para alimentar a lenda. Os dois homens que acabaram com a Ordem do Templo foram o Papa Clemente, que morreu misteriosamente, em 1314 e o Rei Filipe, de França, que morreu num acidente de caça, em Novembro do mesmo ano.

Passada a realidade histórica, diz a lenda que na noite em que Filipe o Belo atacou os Templários, um tesouro foi transportado para o porto de La Rochelle, escoltado por vinte e quatro membros da Ordem. Os números mágicos de acontecimentos relacionados com os Templários chegaram até aos dias de hoje. O número nove porque a Ordem foi fundada por nove cavaleiros. Sexta-feira, dia treze, porque foi o dia do ataque aos Templários em França. Por último, o número vinte e quatro, porque foi este o número de Templários que escoltaram o tesouro em fuga para o porto de La Rochelle.

Na actualidade muitos historiadores se têm debruçado sobre os mistérios e história da Ordem do Templo. Umberto Eco refere que uma Ordem tão poderosa sabia antecipadamente que o Rei de França andava a instigar o Papa. (*Eco, H, 2005, p.110*) Para este historiador a Ordem teve tempo de se preparar e de formar um directório secreto. Perseguidos em França os Templários passaram à clandestinidade: “ Perseguidos em Inglaterra (...) o Rei resiste às pressões do Papa (...) em Espanha a Ordem decide mudar de nome, torna-se Ordem de Montesa. Meus senhores era gente que podia convencer um Rei, tinham tantas letras dele nos seus cofres que podiam mandá-lo para a bancarrota numa semana. Também o Rei de Portugal negociava: façamos assim: (...) deixam de se chamar

cavaleiros do Templo e passam a ser cavaleiro de Cristo”. (*Eco, H, 2005, p.111*)
Constatámos assim que a dimensão e o poder dos Templários permitiram a sua continuidade por toda a Europa.

2.2. Templários na Beira Baixa

Tendo a Ordem do Templo sido fundada com o objectivo de proteger Jerusalém, os primeiros combates, porém, aconteceram na Península Ibérica, para sustentar os avanços Árabes. A Beira Baixa apresenta muitas marcas da presença Templária. As fortificações Templárias são uma constante, o que é natural, uma vez que as ameaças Árabes surgiram do lado da fronteira, a denominada zona da Raia. Castelo Branco foi durante um século capital Templária de Portugal, pelo facto de estar situada numa zona elevada, de onde se avistavam todas as ameaças.

A geografia de toda esta zona foi utilizada desde os primórdios como defesa, isso nos revelam não só as inúmeras posições defensivas mas também a toponímia de certos locais.

Durante muitos anos, estas terras até ao rio Tejo, fronteira natural, foram terras de ninguém. Os habitantes de algumas povoações viviam em completo isolamento, enquanto isso os grupos de conquista ou pura e simplesmente de defesa que aqui estiveram mantinham uma faixa de terra como elemento de respeito em relação ao avanço dos prováveis adversários.

Toda a Beira Baixa, pela sua notável importância estratégica, apresenta desde o século XII uma presença templária muito forte.

A este respeito, Pires Nunes refere: “ Quando, em 1165, D. Afonso Henriques doou aos templários toda a vasta área territorial da Egitânia, marcou para sempre a matriz histórica da Beira Baixa”.

Efectivamente, tal como já tinha acontecido anteriormente, sempre que existiam propósitos defensivos prioritários esta zona assumiu a sua natural importância estratégica.

Os cavaleiros da Ordem do Templo lutaram contra os Árabes nestas terras, sempre pelos poderosos castelos. Sob a protecção dos castelos nasceram muitas povoações, marcadas naturalmente pelo castelo que lhes deu origem e protecção. (*Nunes, 2005, p.9*)

Foi precisamente a partir destas terras que os templários conquistando, povoando e consolidando a reconquista avançaram pelo rio Tejo, Nabão até ao Erges. Os limites destes rios foram mantidos até à extinção da Ordem do Templo.

Os cavaleiros do templo atravessaram as terras da Beira Baixa desde 1165, deixando um vasto cunho da sua acção. Em Castelo Branco, os templários estiveram presentes entre 1214 e 1314, foram, de facto, 100 anos marcantes desde o foral de 1214, o que deixa um sinal claro da importância defensiva atribuída àquele local. (*Nunes, 2005,p.10*)

Castelo Branco aparece na história desde os princípios da nacionalidade, que teve origem numa povoação de nome Mancarche, segundo Pires Nunes trata-se de uma palavra de raiz latina, arabizada que significa Monte Castro. Seria um reduto defensivo dos Cristãos. A história diz-nos que muitos destes locais de importância defensiva se mantiveram mesmo sob o domínio Árabe. Esta fortificação teria acolhido para protecção um grupo de moradores de uma povoação designada Vila Franca da Cardosa.

No que diz respeito ao castelo de Castelo Branco, os Templários usaram a planta de uma fortificação erigida em 1171, no condado de Tripoli, mais exactamente em Chastel Blanc, na actual Síria. Num estudo recente, da autoria de Nuno Villamariz, apresentou-se um substancial acervo de informação com o qual se consegue atribuir uma relação entre a toponímia e a antropologia do espaço; as próprias dimensões do complexo fortificado também são semelhantes. (*Azevedo, Silveira e Quintela, 2003, p.17*)

Esta descoberta constitui uma lufada de ar fresco pois contribui para uma correcção de teses defendidas por vários autores, sobre o aparecimento do nome Castelo Branco.

2.3. Castelo e Muralhas

A cidade de Castelo Branco teve origem numa encosta do cerro da Cardosa, as características desta posição permitiram ao longo dos tempos um total controlo visual de todo o planalto onde este acidente geológico se situa. Toda a zona envolvente é caracterizada por uma vasta área de planalto, com poucos recortes ou acidentes, aqui e ali existem apenas alguns cabeços dispersos.

O castelo foi edificado no afloramento central da faixa ordovícica de Castelo Branco, constituída essencialmente por quartzitos do skidaviano, que se encontra orientada de

noroeste (Ribeira da Lória) para sudoeste (S.Martinho). A sudoeste, estes afloramentos contactam com xistos metamórficos e a nordeste, com granito porfiróide.

O afloramento de Castelo Branco, com a altitude de 489m, é o mais extenso (2,5 Km) sendo mais longo na zona da cidade. Os quartzitos são acompanhados de finas faixas xistentas, bastante metamorfizadas. (*Ribeiro, 1967, p.11*)

O castelo Templário de Castelo Branco foi principiado em 1214, foi nesta época que os Templários puseram o nome de Castelo Branco. No ano de 1230 o castelo já estava edificado. Dada a sua posição, assumiu a fama de inespugnável, do alto das suas muralhas pode avistar-se uma grande área, desde as montanhas circundantes até terras de Espanha. Era pois fácil preparar a defesa atempada perante qualquer ataque inimigo. (*Roxo, 2005, p.50*)

A povoação cresceu rapidamente, em 1285 quando D. Dinis esteve aqui com sua esposa D. Isabel, achou que a vila estava apertada pela área de muralhas, tendo ordenado que fosse feita nova muralha.

Pires Nunes refere que: “Castelo Branco é uma urbe templária, eminentemente medieval, que teve o seu berço no castelo. (...) A partir do castelo, Castelo Branco cresceu na encosta até definir a sua zona medieval (séc XIII – XVI)”

Ainda hoje podemos observar as cinturas de muralhas que envolvem as ruas, umas de raiz agrícola como o nome Chões, outras relativas a artesãos como Peleteiros.

A rua do Mercado, muito próxima do castelo, onde se faziam os primeiros eventos comerciais da vila templária, continuando pela rua do Arressário que Pires Nunes refere significar risonho ou soalheiro. (*Nunes, 2002,p.10*)

CAPÍTULO II

A EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA DO HOMEM

1. Uma Abordagem da História

Actualmente, toda a vida do Homem está, de algum modo, intimamente relacionada com as descobertas e aplicações da tecnologia. Ao investigar o longo e moroso processo da evolução do Homem, surge desde logo a ideia de que a técnica é considerada um dos principais factores do processo da civilização (hominização). Em relação à questão qual a diferença entre o Homem e o animal afigura-se-nos tecer algumas considerações.

Partimos do princípio de que o uso de ferramentas foi um factor essencial ao desenvolvimento do Homem, não sendo no entanto o único. No decorrer da sua evolução técnica, o Homem fez melhorias progressivas na fabricação de instrumentos, grande parte dos instrumentos que actualmente fazem parte integrante da nossa vida, tornaram-se normais e até de uso imprescindível. As pesquisas desenvolvidas acerca das diferenças entre o Homem e os animais apontam para a seguinte reflexão: “o homem distingue-se do animal por uma desvantagem notável a que é costume chamar redução do instinto” (*História Universal*, 1989, p.38). Perante as características físicas do Homem, este não se sente em situação de segurança perante o meio que o rodeia.

No entanto, os animais apresentam capacidades técnicas que correspondem à relação instintiva que mantêm com o meio, o animal tem no seu corpo meios que o capacitam na luta pela sobrevivência. O ser humano durante os seus primeiros anos de vida, é um ser passivo, como não tem capacidades físicas como os restantes animais é necessariamente obrigado a usar meios auxiliares. Assim, podemos considerar que o desenvolvimento técnico, efectuado pelo Homem, é uma forma contínua de superar as desvantagens físicas. Actualmente é difícil, para nós, imaginar a importância que terá tido para os nossos antepassados a utilização de uma pedra para raspar algo. Esta inovação técnica pode talvez equiparar-se à descoberta da pólvora ou da máquina a vapor no nosso mundo. (*História Universal*, 1989, p.39). A relação do Homem com o ambiente natural que o rodeava mudou de uma forma revolucionária.

Mas, se o simples facto de utilizar uma ferramenta não possa ser considerado um critério de diferenciação entre o Homem e os outros animais, o mesmo não se pode dizer pelo facto do trabalho técnico desenvolvido nas ferramentas. Os simples instrumentos de osso trabalhado, para a preparação da comida, indicam já a existência de uma inteligência superior e diferenciadora entre o Homem e os outros animais. Mas é desde o momento que assume a posição erecta, que o Homem olha o mundo de um modo diferente, dando uso aos membros superiores, que agora passam a estar livres. A este respeito, Grimberg diz “O Cérebro humano pôde aumentar de volume graças à bipedia, que libertou as mãos, sendo também graças a ela que se realizou a aproximação dos olhos na face diminuída, conseguindo-se a convergência e a afixação das imagens do que as mãos apreendiam, seguravam e manejavam; dessa mesma bipedia dependeu o próprio gesto, exteriorizado, da reflexão!” (*Grimberg, 1965, p. 14*)

Sabemos que o Homem primitivo estava naturalmente direccionado para o real, dominar a natureza para assim poder satisfazer as suas necessidades mais prementes: alimentar-se, defender-se, abrigar-se; o Homem na sua luta diária procura soluções técnicas e mágicas.

Os nossos antepassados, não tinham uma relação fria e sensata com a natureza e a técnica. O Homem primitivo, não estabelecia uma distinção completa entre ele e o mundo, pensava mesmo, fazer parte integrante do mundo. (*História. Universal. 1989, p.40*)

Para ele, os instrumentos utilizados revestiam-se de um cunho sagrado e até as suas actividades quotidianas como a recolha e a caça, obedeciam a regras rituais que lhe davam confiança e orientação. No mundo dos nossos antepassados, a magia desempenhava um papel importante permitindo ao grupo “conjugam a sua própria capacidade com o mundo incompreensível” (*História Universal, 1989, p.41*)

Dado o carácter estático da magia, nas sociedades dos nossos antepassados, a acontecer qualquer evolução tecnológica, esta tinha de partir de um acto mágico. Na sociedade actual acontece exactamente o oposto, com a grande evolução técnica dos últimos séculos, esta já não obedece às necessidades do Homem. O Homem desenvolveu diversos meios com o objectivo de dominar a natureza, mas alguns tiveram o efeito oposto. No mundo actual a técnica tem de ser respeitada pelo Homem na sua dualidade, pode ser encarada como progresso e, simultaneamente, como perigo e incerteza. O crescente desenvolvimento da sociedade fez e desenvolveu divisões sociais hierarquizadas durante

muitos anos. Desde os tempos mais remotos, temos notícia de senhores e servos, grupos que se ocupavam do saber, enquanto outros grupos estavam ocupados com o fazer assumindo uma importância técnica. Mas é na Grécia que pela primeira vez se vai fazer uma diferenciação nítida entre a acção e a reflexão, diferença que se vai manter durante a época romana.

Os conhecimentos técnicos foram importantes na conquista da natureza, dando hipótese a que se desfizessem determinados mitos, contribuindo para consideráveis avanços da ciência, no entanto, *ficaram desprezados em favor do saber dito intelectual. A este respeito, a História Universal diz-nos: “Cada descoberta técnica, a roda, o tear mecânico, a máquina a vapor, influi e modifica a natureza e a forma de como os homens vivem em sociedade e vai ao mesmo tempo alargar os seus recursos e o seu campo criador” (História Universal, 1990, p.178)*

Pensadores como Marx, ao falar da natureza da técnica, concebem-na como um instrumento do Homem a caminho do mundo da produção. (*História. Universal, 1990, p.155*). No mundo contemporâneo, alguns autores, sentem o contrário, que o Homem é quase o instrumento de um processo que se exprime através do desenvolvimento técnico.

Na opinião dos antitecnológicos, a técnica por vezes, volta-se contra o Homem. “Verifica-se, pois diz Alexis Carrel (1970) que o meio que a ciência e a técnica conseguiram desenvolver a favor do homem não nos convém, porque foi criado ao acaso, sem suficiente conhecimento da natureza dos seres humanos e sem preocupações da sua verdadeira realidade” (*Carrel, 1970, p.37*).

Este autor considera que as transformações produzidas pelas aplicações da ciência influenciaram o modo de vida das populações, no entanto salienta ainda que o efeito foi diferente do que se esperava, interroga-se mesmo sobre este paradoxal resultado.

Para Amália Medeiros (1975) “o progresso técnico realiza-se a um tal ritmo que o homem lhe perdeu o controlo. A técnica, que, originariamente, era o prolongamento do braço humano, que multiplicava o seu poder, que o ajudava a viver e a sobreviver, a dominar a natureza e a colocá-la ao seu serviço, esta mesma técnica evoluiu agora, separada dos valores humanos, escraviza o homem e quase o transforma em robot.” (*Medeiros, 1975, p.101*)

Para esta investigadora, é urgente reflectir sobre este assunto, no entanto, considera que não será necessário fazer um volte face radical à evolução técnica.

“ No nosso tempo – diz Delfim Santos (1977, citado por Silva, 1989, p.488) – o homem situa-se entre dois medos de sinal contrário: o medo de aniquilamento por falta de meios de defesa e o medo de extermínio por excesso de meios de defesa.”

Mas para este pensador, o perigo da perversão da técnica é ao nível das finalidades e não ao nível dos meios. Podemos ainda destacar outros pensadores e filósofos que deram o seu contributo para o surgir do pensamento técnico nos finais do século XIX.

Mas o fosso entre o saber dito técnico e o saber intelectual foi-se aproximando até à união da ciência moderna, que se baseia na reflexão e experimentação. Esta aproximação aconteceu nos finais do século XVI, altura em que aconteceram algumas mudanças estruturais do ponto de vista social: época de navegações marítimas, intercâmbio e trocas comerciais em todo o mundo, o crescimento da burguesia surgindo a necessidade de desenvolver a componente produtiva em vários sectores (*Silva, 1989, p.16*). É nesta época que o campo ideológico sofre grandes mudanças, a ciência deixa de ser a ciência dos livros, para ser a ciência que resulta da observação e da experiência.

Para B. Russel (1984) desde o terminus do século XVIII, surge um aproximar de relações entre os práticos e os teóricos, da junção entre a ciência e a técnica, resulta uma transformação do pensamento técnico, cada vez mais próximo da experimentação, e da corroboração de dados e teorias. Actualmente falar de técnica é o mesmo que falar de ciência aplicada, assim a técnica sendo objecto de reflexão teórica abre caminho para a noção de tecnologia, em que os ditos conhecimentos do foro científico fazem a sua junção numa tentativa de resolução dos problemas práticos. (*M. Bunge, 1976, citado por Silva, 1989, p.16*).

Temos então a tecnologia como um modo de conduzir a acção (*Silva, 1989, p.19*). No entanto todo este processo não está necessariamente relacionado com os materiais que nele podem colaborar. Em relação a este aspecto (*Ferrandes, 1977, citado por Blanco, 1991, p.32*) diz: “ do mesmo modo que é possível uma tecnologia sem máquinas, é igualmente possível e podemos anuir que é muito corrente – um emprego de máquinas sem nenhuma visão tecnológica.”

CAPÍTULO III

O HOMEM COMO OBJECTO DE ESTUDO DA ETNOGRAFIA

1. Etnografia a Ciência da Descrição

Conhecer a nossa história não é suficiente para que saibamos o que somos; para isso, é necessário conhecermos a nossa cultura e não apenas a cultura erudita, mas, na realidade, a cultura que foi criada pelos homens e mulheres do povo ao longo dos séculos é sustentada na tradição. Numa palavra: a cultura dos mentefactos, sociofactos e artefactos que constitui a tradição (em rápida e constante transformação é certo). É sempre um referencial importante ao efectuar um estudo, no caso do povo português como em relação a qualquer grupo, os usos e costumes, as formas de organização social, o artesanato são desde logo um indicador preciso quanto às suas características. Temos nesta cultura a par da cultura erudita mas mais forte que esta, que individualiza, que lhe dá uma personalidade própria no conjunto dos outros povos que habitam a terra. (*Ribas, 1977*). Todos os povos ou grupos devem conhecer-se. Mas só o poderão fazer através da cultura que criam e transmitem de geração em geração.

Já na Antiguidade – no Egipto, na Grécia, em Roma – alguns autores se preocuparam em estudar a descrição dos vários povos conhecidos, seus usos, costumes. Mas é no Renascimento (séculos XV e XVI) que este tipo de estudos começou a ganhar alguma importância. Portugal foi um dos países que deu um contributo bastante importante. Os cronistas e os navegadores portugueses, ao longo dos anos iam enviando crónicas e cartas para a corte, descrevendo nos mais diversos aspectos as terras que acabavam de descobrir, os usos e costumes dos novos povos, estavam já de certa forma a proceder aos primórdios da etnografia.

Mais tarde já no século XVIII os estudos antropológicos organizam-se, assumindo o nome de ciência, se bem que nesta altura ainda existisse uma ligação bastante grande a outras ciências. (*Ribas, 1977*)

Para Mischa Titiev, o Homem é um animal com cultura. Segundo este autor a palavra Antropologia, sendo uma ciência do Homem, é um termo que abrange subdisciplinas, que apesar do parentesco que as une estão altamente individualizadas.

No entanto, as divisões existentes são mantidas em conjunto dado que existe um interesse comum pelo Homem, não se interessando pelo problema de quando e sob que forma apareceu na Terra. Graças a este interesse comum, os antropólogos prosseguem o mesmo objectivo, dado que cada um deles pretende prestar um contributo no sentido de uma melhor compreensão quer do corpo quer do comportamento humano. (*Titiev, 1980, p.26*)

Actualmente, parece ser mais consensual olhar a Antropologia enquanto Ciência Social, pois o seu objecto diz claramente respeito a grupos de pessoas que geralmente ocupam uma única região e partilham uma maneira de viver em comum.

Ainda segundo este autor, na base da distinção entre a Biologia Humana e a Cultura Humana são normalmente seguidas três linhas gerais de investigação. Aqueles que estudam os problemas da evolução, estrutura óssea, forma, aparência e variações do corpo, designam-se antropólogos físicos. Aqueles que se dedicam ao estudo de vestígios do trabalho feito pelo homem no passado são os arqueólogos. Os que estão principalmente interessados no comportamento de grupos humanos vivos são apelidados de etnólogos, antropólogos sociais, antropólogos culturais.

De certa forma podemos afirmar que a carta de Pêro Vaz de Caminha enviada ao Rei D. Manuel a dar conta do descobrimento das terras de Vera Cruz (Brasil) descrevendo a fauna, flora e a gente dessas terras, é um dos primeiros documentos etnográficos em Portugal. (*Ribas, 1.p.34*).

Foi efectivamente no século XVIII que se foi manifestando um novo critério para o estudo do Homem, com o século XIX intensificou-se o estudo do Homem: “Em Portugal foi igualmente no século XIX que surgiram os primeiros estudos antropológicos (...) Em 1879 a Sociedade de Ciências Médicas e a Sociedade de Geografia, de Lisboa, criaram comissões permanentes de Antropologia. (...) As Universidades de Coimbra e do Porto demonstraram, antes da de Lisboa, um grande interesse por estes estudos.” (*Ribas, 1- p.35*)

Na Universidade de Coimbra iniciou-se a cadeira de Antropologia, onde se formou o primeiro museu de Etnografia, onde se reuniram, além de documentos, ossos humanos pré-históricos. Em 1897 surgiu em Coimbra a Sociedade de Antropologia. No Porto, criou-se em 1887 a Sociedade Carlos Ribeiro com o objectivo de desenvolver estudos antropológicos. Foi também na Universidade do Porto em 1911 que se criou a cadeira de

Antropologia, sendo também nesta cidade que posteriormente surgiu o Centro de Estudos de Etnologia Peninsular. (*Ribas, 1 p.37*)

A partir de 1918, depois da criação da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia pelo Professor Mendes Correia, surgiu uma geração de distintos Antropólogos e Etnólogos. Mais tarde, em Lisboa, em 1933, fundou-se o Instituto Português de Arqueologia, História e Etnologia.

Ao investigar a história da moderna Etnografia em Portugal, surgem alguns nomes que constituíram marcos importantes. Jorge Dias (1907 – 1973) é sem dúvida uma das figuras mais relevantes na Antropologia Portuguesa. Além do seu papel na componente da investigação, o seu trabalho passou também pela constituição de um valioso grupo de trabalho (Margot Dias, Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Bejamim Enes Pereira).

Salientamos como aspectos importantes do seu trabalho: os estudos monográficos, nomeadamente as monografias que versavam sobre tecnologias tradicionais portuguesas (sistemas de rega, de moagem, entre outros). Este grupo elaborou um retrato exaustivo do país e da sua riqueza cultural. Foi também Jorge Dias o grande mentor da carta etnológica portuguesa, devendo-se a ele também a abundante divulgação dos aspectos específicos da cultura portuguesa fora do país. (www.apantropologia.net/publicações)

2. Folclore

Tendo abordado a noção de etnografia e a sua importância no âmbito dos estudos etnológicos, vejamos agora o que é o Folclore.

Tendo clara noção que tanto a Etnografia como o Folclore são ciências auxiliares da Antropologia Cultural ou Etnologia, sabemos também que a Etnografia e o Folclore são ciências afins, muito semelhantes.

O termo Folclore vem do inglês, (folk – povo e lore – saber, ciência). Para a etimologia inglesa o Folclore estuda as dimensões tradicionais de uma sociedade.

Para os Norte Americanos, existe o termo folk sociology, um ramo da Sociologia que estuda todas as manifestações folk, numa sociedade, quer sejam as práticas, os usos, as crenças, os mitos tradicionais. (*Birou, A., 1988, p.126*)

A este respeito Alain Birou refere: “Em linguagem corrente, o folclore consiste em qualquer manifestação, mais ou menos ocasional de tradições populares, sua sobrevivência marginal em festas, hábitos, danças, lendas ou superstições, ou até dialectos”. (*Birou, A., 1988, p.126*)

Este autor levanta também uma questão importante quando diz que degradar o sentido do termo, acontece quando o Folclore não significa mais que uma curiosidade de museu, passando o Folclore a ser um qualquer resíduo cultural, de uma época antiga. (*Birou, A., 1988, p.126*).

Alain Birou considera que o Folclore deve funcionar como uma disciplina em que exista uma procura de elementos culturais na sua coesão passada e no que significam actualmente. Para que não restem dúvidas diz que o Folclore tem traços que o identificam: “ser constituído por elementos de uma civilização muito arcaica, não incluir qualquer meio de transmissão erudita, incluir uma certa contaminação (sem fusão) de elementos de civilização muito recentes.” (*Birou, A., 1988, p.127*)

Julgámos que a opinião deste autor se adequa ao uso do termo também em Portugal.

A Etnologia e o Folclore estudam as formas de cultura de um povo, um grupo ou mesmo uma região. No entanto a Etnologia dedica-se ao estudo de actividades e de objectos concretos, materiais, enquanto o folclore estuda actividades e objectos espirituais, mesmo abstractos: usos, costumes, tradições espirituais, expressões orais populares e geralmente regionais. (*Ribas, 1977, p.26*)

Dentro deste quadro de ideias, podemos definir o Folclore como um departamento da ciência etnológica que estuda os usos costumes e tradições espirituais de um determinado povo ou grupo. Assim podemos dizer que o que de facto interessa ao Folclore é o que de primitivo e popular, genuíno, ainda existe num dado povo ou num dado grupo étnico que actualmente já vivem de acordo com padrões sociais evoluídos.

Demos o exemplo deste estudo: o povo da Beira Baixa, de uma maneira geral, vive dentro dos padrões sociais dos povos evoluídos, no entanto mantém ainda usos costumes e muitas tradições ancestrais sobre as quais assenta a nossa cultura popular num contexto nacional.

Nas vilas e cidades de Portugal a população vive em casas de tipo urbano, segue a moda dita ocidental, tem os mesmos hábitos de consumo relativamente a rádio, televisão, divertimentos, transportes. Apesar de todas estas semelhanças muitos habitantes das ditas grandes cidades continuam a manter hábitos, usos e costumes nacionais e regionais bastante antigos (desde a gastronomia dita tradicional, às expressões, provérbios e histórias aprendidas com os seus antepassados).

Desta forma o Folclore é encarado quase como uma arqueologia espiritual. O Folclore como ciência surge nos meados do século passado como consequência do desenvolvimento e especialização da Arqueologia e Etnologia.

Relativamente à história do Folclore, o termo é a forma aportuguesada da palavra inglesa *folklore*, constituída por duas palavras de origem saxónica: *folk* (povo) e *lore* (tradição). Este termo foi utilizado pela primeira vez em 1846 por um arqueólogo inglês Thoms, ao publicar um artigo na revista *Londrina Athenaeum*, substituindo a palavra *antiquities* (antiguidades populares) usada até então. (*Ribas, 1977, p.27*)

Foi também no século passado que a Arqueologia teve um grande desenvolvimento. Temos no entanto, de ter em linha de conta a dedicação desta ciência ao estudo de documentos materiais, no entanto os arqueólogos depararam com grande número de tradições ancestrais que era necessário estudar e interpretar, pois eram tradições que caracterizavam as culturas e a personalidade de um povo, de uma nação ou simplesmente de uma região.

Neste contexto Ribas refere: “Não admira numa época como o século XIX, em que o Romantismo se inspirava nos temas e assuntos da idade média (precisamente essa idade histórica em que a Europa se organiza e define em nações) e em que o Liberalismo preconizava a independência dos povos que estavam submetidos a outros povos, o estudo de tudo o que caracterizava um povo e lhe dava personalidade merecesse a atenção de historiadores e sociólogos”.

Podemos afirmar que esta nova ciência, nasceu pelo facto de os arqueólogos e historiadores prestarem atenção às tradições populares, verificando ao mesmo tempo que não cabiam no seu objecto de estudo.

William John Thoms foi o precursor, ao ser o primeiro arqueólogo a prestar atenção às tradições populares (*Ribas, 1977, p.28*). Ao estudo dos usos tradicionais os Ingleses chamaram “popular antiquities”, o termo *folklore* passou a ser utilizado para definir

crenças tradicionais, usos e costumes do povo que persistiram até aos nossos dias. No início foram três os países onde se iniciou o estudo dessas tradições populares, o folclore que dizia respeito à recolha de lendas, contos, provérbios. Mas rapidamente o folclore estendeu o seu leque de estudo às crenças, superstições, usos e costumes de um determinado povo.

Será interessante verificar o campo de estudo do Folclore desde o século passado até aos nossos dias. Podemos apontar desde logo alguns assuntos como objecto de estudo do Folclore:

- Usos e costumes sociais;
- Tradições;
- Superstições e crenças;
- Literatura oral;
- Medicina popular e bruxaria;
- Artesanato, rituais religiosos.

De uma maneira geral, a herança cultural de um povo, que o identifica em relação aos demais, são manifestações de folclore.

Desde a sua origem em Inglaterra o termo folclore está relacionado com o povo, podemos considerar este termo como um fundamento essencial para caracterizar a cultura de um povo, apontando para uma transmissão feita através da tradição oral.

CAPÍTULO IV

CIÊNCIAS ANTROPOLÓGICAS

1. Práticas das Ciências Antropológicas

No capítulo anterior tentamos, de uma forma simples, contar como foi a evolução da Etnografia, especialmente no caso português, as ciências humanas e sociais, em especial as ciências antropológicas (antropologia cultural ou etnologia, a etnografia e o folclore). Depois de apresentadas algumas definições e explicados determinados aspectos relacionados com o assunto, vamos agora focar o modo de aplicar na prática a Etnografia. Convém salientar aqui que a Etnografia e o Folclore, sendo ciências auxiliares da Etnologia, apresentam uma componente prática semelhante. Para Tomás Ribas, Etnologia e Folclore diferem apenas no facto de a Etnologia estudar os assuntos e os objectos concretos ditos materiais, enquanto o Folclore observa e estuda assuntos e objectos espirituais como os usos, costumes e tradições. (*Ribas, 1977,p.5*).

A este respeito Tomás Ribas refere:

“O conhecimento empírico de uma ciência, seja ela qual for, não basta. O conhecimento é um punhado de ideias gerais e definições que se relacionem com qualquer ciência (ou até, qualquer ramo do conhecimento humano) também não é suficiente. Para lá do entendimento e conhecimento empíricos de uma dada ciência, se dela nos queremos servir, é necessário saber aplicá-la. A utilidade de uma ciência, de qualquer ciência, está na sua aplicação.” (*Ribas, 1977, p.5*)

Assim, constatamos que a etnologia como as outras áreas do conhecimento utiliza os seus métodos próprios. A prática de qualquer ciência tem por base a sua metodologia, a aplicação dos seus métodos direccionando-se para o seu objecto de estudo.

A metodologia no que concerne às ciências etnológicas (etnografia e folclore) divide-se em dois tipos de trabalho: o trabalho de campo e o trabalho de gabinete.

O trabalho de campo é aquele que envolve a recolha de elementos e que se efectua sempre no campo de estudo. Como é natural, o campo de estudo da etnografia e do folclore situa-se nos pequenos aglomerados rurais afastados dos grandes centros.

De uma maneira geral, a população dos grandes centros vive dentro dos padrões internacionais. Os padrões, as mentalidades, os hábitos e a maneira de viver das populações dos grandes centros seguem uma tendência internacional. As populações dos pequenos aglomerados rurais mantêm mais vincada e demorada o seu padrão tradicional de cultura.

A este respeito Tomás Ribas refere:

“A um estrangeiro que visite Portugal é muito mais fácil entender o povo português e os padrões de cultura nacional dos portugueses se observar, durante algum tempo, uma pequena vila ou aldeia, do que uma cidade como Lisboa ou Porto.” (Ribas, 1977, p.6)

Não será, pois, nos grandes centros populacionais, industriais citadinos, e urbanos, que melhor se poderá estudar e compreender a cultura nacional de um povo ou mesmo a cultura regional de determinada área.

Ao desenvolver o trabalho de campo, devemos observar, ver, ouvir e reproduzir. Este trabalho, para ser efectuado de uma forma consistente, passa pela recolha de todo o tipo de dados, elementos, informações, objectos e documentos de carácter etnológico.

A recolha é feita através do trabalho de campo, através de conversas, inquéritos que terão de ser registados. Noutros tempos o trabalho de campo era efectuado por mera descrição, actualmente a juntar às indispensáveis notas escritas os métodos mecânicos e as novas tecnologias constituem uma mais-valia para a pesquisa etnográfica.

Assim da junção de todos os elementos recolhidos no local de estudo, resulta o trabalho de campo. A componente seguinte designa-se geralmente por trabalho de gabinete, a sequência lógica do trabalho de campo.

2. Os Provérbios: seu valor textual histórico e cultural

A história na sua componente de investigação aposta em fontes de diversas proveniências. As fontes de investigação, podem ser documentos, inscrições ou mesmo

objectos resultantes de escavações que chegam aos nossos dias e nos permitem fazer história. Estamos conscientes que com a passagem dos tempos muitos dados importantes acabam por se perder, acabando por vezes por comprometer a investigação. Apesar de todas as falhas, os historiadores tentam ser rigorosos, naturalmente sustentam a verdade histórica em fontes credíveis. O grande problema da história passa geralmente por uma falha enorme nas referidas fontes. De uma forma geral as fontes documentais referem-se às classes dominantes das diferentes épocas da história.

Assim como a história, a literatura passada a escrito era produzida na corte. Não aconteceu isso à literatura que nasceu nos meios populares, nas feiras, nos campos, nas colheitas, nos barcos. Na história de Portugal registámos apenas uma excepção. O cantar do povo alusivo a D. Afonso Henriques foi recolhido pelos religiosos de Santa Cruz de Coimbra, durante muito tempo foi mantido, na oralidade, como uma forma de culto ao primeiro rei. (*Saraiva, J, 1995, p.107*)

Apesar da falta de interesse pela tradição oral ao longo de parte significativa da história, muita e variada matéria chegou aos nossos dias. Sabemos que a transmissão da oralidade aconteceu sempre pela via das classes populares, temos de estar conscientes disso quando efectuamos o nosso trabalho de campo.

Iniciamos os nossos primeiros trabalhos de recolha etnográfica em 1987. Pouco tempo depois, já no âmbito do trabalho de gabinete, sentimos uma enorme necessidade de efectuar uma separação temática do material recolhido. Tomámos então contacto com o Quadro de Temática Etnológica, aplicado ao caso de Portugal, que apresenta todos os assuntos que a Etnografia e o Folclore observam e estudam.

Na área da Literatura Popular existem diversos temas: Contos Mitos e Lendas, Pregões e Fórmulas, Toponímia, Vocabulário Regional, Provérbios e outros ditos entre outros. Nesta área, o primeiro tema que trabalhamos foi: Contos Mitos e Lendas. Temos naturalmente de registar que nas Lendas recolhidas na Beira encontramos também muitos provérbios e algum vocabulário regional.

Na área da literatura popular, o assunto que nos propomos estudar aparece com a denominação: “Provérbios e Outros Ditos” (*Ribas, T, 1977, p.31*)

2.1- Provérbios e Ditos

Surgem com diversos nomes: adágios, para alguns, máximas para outros, sentenças, rifões e ditos populares. Para o padre delicado eram “ditos antigos que servem para a direcção da vida comum”. Relativamente a este assunto Antero de Figueiredo e D. Francisco Manuel de Melo refere rifões e anexins, o primeiro chama-os também de “cristais da verdade talhados na experiência” e o segundo “sentenças verdadeiras que a experiência, suma mestra das artes, pronunciou pelas bocas do povo”. (livro dos provérbios portugueses, 1999). A este respeito Paula Sande faz alusão ao Romance “O Ano da morte de Ricardo Reis”, este autor apresenta os provérbios como: “fórmulas de sabedoria condensadas, para uso imediato e efeito rápido, como os purgantes”.

José Saramago representa os provérbios com uma definição económica e altamente eficaz, pois faz alusão a algumas das suas características essenciais. Os provérbios além de uma economia verbal são bastante flexíveis no contexto, eficazes ao traduzirem uma verdade, expressão ou ideia, experiência de um saber, ideia ou conselho. (www.ielt.org).

2.2. Metodologia

Entre a gente da Beira Baixa, os provérbios sempre tiveram grande significado. Surgem espontaneamente nas conversas, nas discussões, etc. Aqui ficam alguns que vieram de tempos longínquos e que correm também noutras regiões. A área de recolha dos provérbios que agora se apresentam corresponde ao distrito de Castelo Branco, na chamada Beira Baixa. As aldeias onde foi realizado o trabalho de campo estão a descaracterizar-se rapidamente, com o falecimento progressivo dos mais idosos este tipo de cultura popular tende a perder-se. As populações que serviram de informantes para este trabalho são caracterizadas pelo envelhecimento, isolamento e analfabetismo (alguns sabem apenas escrever o seu nome).

Relativamente ao tipo de ocupação dos informantes, a agricultura tradicional constitui ainda a principal actividade destas gentes. A sociedade moderna, e as transformações sociais contribuíram de um modo decisivo para que já pouco reste de um espólio enorme de património cultural único. Agentes da sociedade moderna como a luz eléctrica, os jornais, rádio e televisão partiram os padrões culturais ancestrais, quebrando

mesmo o modo de vida simples destas pessoas. Todos os provérbios que fazem parte desta recolha resultaram de trabalho de campo, saiu desse trabalho um conjunto de elementos de diversas temáticas culturais.

Os objectivos destas recolhas são essencialmente dois: o primeiro pretende preservar um conjunto de memórias da Beira Baixa e o segundo pretende deixar informação compilada para que possa ser utilizada no futuro em trabalhos nos domínios da etnografia.

A recolha de elementos incluídos neste trabalho foi feita no terreno por pessoas com diversificadas formações. Dada a dimensão da área de recolha estes trabalhos foram feitos ao longo de vários anos com recurso a voluntários, estudantes, projectos de OTL (Ocupação de Tempos Livres). Acompanhamos ao longo dos anos grupos oriundos desta ou de outra localidade por ser mais fácil, porque sendo naturais das localidades conheciam as pessoas que os podiam informar. Notámos que nas aldeias existe sempre uma ou mais pessoas que foi quase um fiel depositário das memórias da tradição oral dos antepassados. De uma maneira geral cada grupo ficava responsável pela recolha em relação a determinada localidade. Os jovens que colaboraram nos trabalhos de campo tiveram uma breve preparação para o efeito, como instrumentos foram utilizadas fichas e gravador.

Os informantes foram pessoas de ambos os sexos quase sempre com mais de sessenta anos à data das recolhas. Relativamente a algumas temáticas recolhidas encontramos diferenças de localidade para localidade. No que diz respeito à literatura popular onde estão englobados os provérbios, os mesmos repetiam-se em quase todas as localidades estudadas.

Segundo os informantes, os contos e os provérbios eram transmitidos dos mais velhos para os mais novos nas noites de Outono e de Inverno de uma forma geral em casa em redor da lareira. De modo a que a compilação possa assumir algum significado, juntamos os provérbios por pequenas unidades temáticas. Os provérbios recolhidos são utilizados nas mais diversas situações da vida e assumem um valor transmitido ao longo dos tempos de geração em geração.

A recolha destes e de outros materiais etnográficos foi feita desde o ano de 1987 ao ano de 2009. A recolha etnográfica tem sido feita de um modo continuado, mesmo quando não temos esse propósito ao visitar algumas localidades surgem com frequência termos, costumes, tradições, lendas, rituais com algumas nuances e por hábito tomamos nota e acrescentamos ao arquivo.

Ao efectuar o trabalho de campo tivemos sempre o cuidado de entrevistar pessoas oriundas das localidades, de modo a conseguir apurar, com alguma consistência, um potencial etnográfico proveniente da Beira Baixa.

O trabalho de campo elaborado ao longo destes anos foi feito em localidades da Beira Baixa, desde as terras raianas de Idanha, às aldeias da Serra de Estrela, ao Pinhal, às ruas íngremes que conduzem ao Castelo Templário de Castelo Branco.

Ao conversar com as pessoas mais idosas, que foram sempre o nosso objecto de estudo preferencial, deixamos fluir os seus conhecimentos e memórias. Ao efectuar um trabalho de campo desta natureza não nos podemos circunscrever a uma unidade temática, isso será trabalho para mais tarde. No momento temos ali a pessoa que é a nossa fonte de informação, e pela experiência deste tipo de trabalho sabemos que o mais proveitoso é deixar fluir memórias.

Ao longo destes anos de investigação juntámos vários volumes escritos e cerca de mil horas de gravações. Parte significativa das pessoas com quem falámos já “partiram do mundo dos vivos”, expressão que muitas vezes ouvimos. Temos a clara consciência que juntámos um arquivo de memórias. Deste arquivo efectuámos já um trabalho sobre os “Contos Mitos e Lendas da Beira Baixa” e outro sobre “Histórias e Superstições”.

Sabemos que explorámos uma pequena parte deste baú de memórias, mas iremos continuar com o objectivo de preservar a tradição oral da Beira Baixa.

Posteriormente, na fase de tratamento de dados, vulgarmente conhecida em etnografia como a fase de trabalho de gabinete, consultamos com algum detalhe o quadro de temática etnológica onde pudemos consultar os assuntos que a Etnografia e o Folclore geralmente observam e estudam.

Das áreas de estudo, constatámos que a maior parte das nossas recolhas se referiam às seguintes temáticas:

- Usos e costumes;
- Ritos de passagem;
- Literatura popular;
- Alimentação;
- Ciência popular.

A temática em que aconteceram maior quantidade de recolhas foi a “literatura popular”, dentro desta os Contos Mitos e Lendas é a temática mais abordada por todos os nossos informantes, seguida pelo vocabulário regional e pela temática presente neste estudo designada ali por provérbios e outros ditos.

Na literatura popular da Beira Baixa encontramos como característica bastante comum, a Mitologia apoiada na religião dando, no entanto, motivo a que se conjugue amiúde com o pagão. O milagre atribuído ao Santo de devoção tem de continuar a ser comemorado, recorrendo-se muitas vezes a ancestrais rituais pagãos. O povo da Beira é mesmo assim, fervoroso nas horas de aflição, crente em Deuses e Demónios, Bruxas e Lobisomens. O combate às trovoadas é feito com Santa Bárbara, aqui sempre existe um Santo como defensor de cada malefício por que se é atingido. Dado que surge muitas vezes a necessidade de um milagre, o povo acredita em bruxas, acedentes e maus-olhados, mas é ao mesmo tempo devoto acérrimo do Santo da sua devoção. Aliás o Santuário de cada localidade é o local onde uma ou mais vezes por ano, o povo faz a sua “Catarsis” colectiva, banhando-se em rituais pagãos com um pano de fundo religioso, ganhando assim forças para as provações que a vida lhe reserva nos tempos mais próximos. As crendices aqui tocam os extremos que coabitam e que não se conseguem separar.

A literatura popular da Beira Baixa é feita de pequenas pepitas de identidade que embora rareando cada vez mais continuam a surgir, muitas vezes longe do seu local de origem. Aqui o sagrado e o profano são frutos do mesmo ramo misturados muitas vezes num sumo comum. Estes elementos surgem como símbolos de uma identidade regional, como uma procura constante de valores que por vezes estão tão profundos no nosso colectivo que os desconhecemos. Este fio condutor colectivo será algo que precisa de se cumprir em cada um de nós.

Será um serão passado à lareira numa noite de inverno. O ambiente propício leva-nos a outros tempos em que ao fim de um dia de trabalho as várias gerações se sentavam à lareira em redor do fogo unificador. Era depois da “janta” junto à lareira que se transmitia a genuína cultura popular. Outros tempos em que não existia a luz eléctrica ou os modernos meios de comunicação como elementos dispersores de cultura e de população.

No decurso do nosso primeiro trabalho de investigação na área da literatura popular efectuámos um estudo de noventa “Contos Mitos e Lendas da Beira Baixa”. Considerando

alguns aspectos globalizantes fizemos uma análise relativamente às treze temáticas mais evidentes como a seguir mostrámos:

1. Factos ou acontecimentos relacionados com a história ou vida quotidiana da região ou localidade -38,
2. Factos relacionados com a história do país – 9,
3. Relata milagres relacionados com a história da região – 2,
4. Falam de entes mágicos ligados a acontecimentos sobrenaturais (bruxas, mouros, lobisomens) -33,
5. Têm a participação de pessoas – 57,
6. Têm a participação de animais – 22,
7. Têm a participação de pessoas e animais – 17,
8. Têm um fundo moral – 29,
9. Usa elementos do religioso e do pagão misturados – 17,
10. Trata de factos de origem natural (cheias, fogos, nevões, pragas, invasões) – 9,
11. O factor religioso como solução ou salvação de elementos de origem natural (milagres, promessas) – 17,
12. Os elementos do foro religioso como salvadores ou protectores de desventuras de origem pessoal – 7,
13. Usam números como simbologia – 9.

3. Classificação e Análise dos Provérbios

Durante a fase de organização do material recolhido em diversas localidades da Beira Baixa, somos confrontados com algumas dificuldades. Temos 499 provérbios compilados, alguns repetem-se em diversas localidades. Depois de uma leitura de algumas obras que abordam a paremeologia no país, ficámos com a dúvida quanto à classificação do material recolhido.

Depois de ler algumas vezes todos os provérbios recolhidos optámos por dividir os mesmos por unidades temáticas de modo a que seja possível um estudo relativo aos aspectos mais significativos observados nos mesmos.

Tentámos colocar algum rigor no nosso trabalho, sabemos no entanto que este tipo de classificação corre o risco de não ser consensual, outro estudioso ao elaborar o mesmo trabalho poderia, como é óbvio, partir para uma classificação divergente daquela que optámos por realizar. A divisão em categorias dos 499 provérbios recolhidos pretende assim elaborar uma análise alusiva à predominância de algumas categorias em detrimento de outras.

Foram estabelecidas 15 categorias, distribuámos os 499 provérbios por estas.

Depois de divididos os provérbios optámos por conceber um quadro de modo a que possa ser realizada uma observação rápida que dê uma ideia breve e sucinta da abrangência de cada categoria de provérbio, bem como a sua quantificação em relação ao total, assim como a sua percentagem.

Foram as seguintes unidades temáticas em que foram divididos os provérbios:

- Alimentação
- Ambição
- Amizade
- Aprendizagem
- Paixões da alma
- Comportamento
- Destino
- Família
- Oralidade
- Trabalho
- Vaidade
- Aprendizagem de vida
- Meses do ano

- O tempo em adágios
- Para os que gostam da pinga

A listagem de provérbios recolhidos e divididos por unidades temáticas encontra-se em anexo.

CATEGORIAS DE PROVÉRBIOS	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	PERCENTAGEM
Alimentação	27	5.4
Ambição	18	3.6
Amizade	23	4.6
Aprendizagem	11	2.2
Paixões da Alma	30	6.0
Comportamento	81	16.2
Destino	32	6.4
Família	17	3.4
Oralidade	19	3.8
Trabalho	28	5.6
Vaidade	7	14.0
Aprendizagem de Vida	134	26.8
Meses do ano	48	9.61
O Tempo em Adágios	14	2.8
Para os que gostam da pinga	10	2.0
Total	499	100%

Tabela 1: Categorização de Provérbios

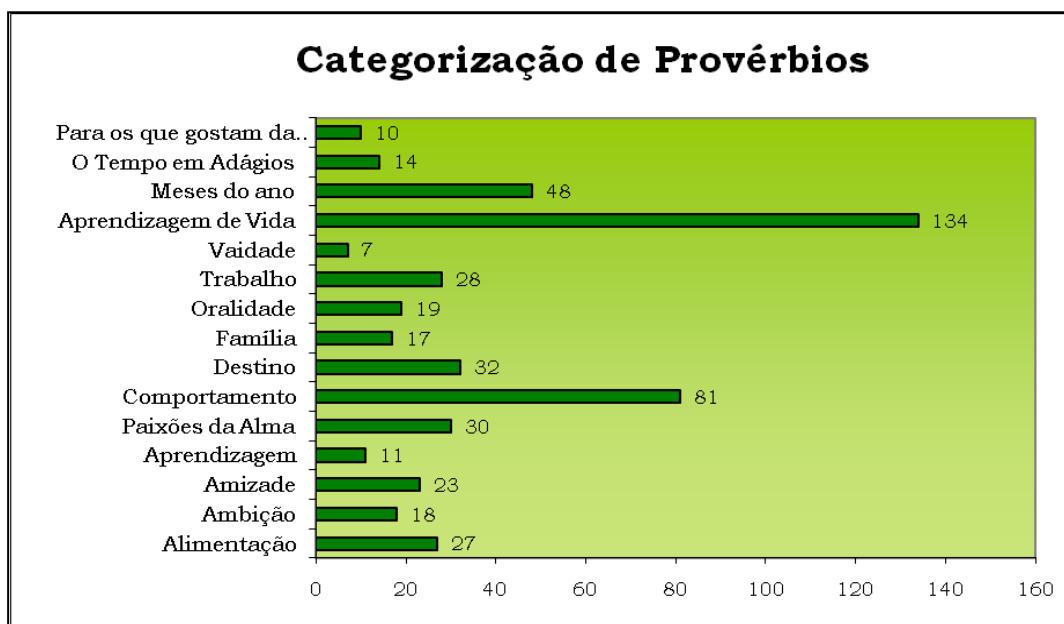


Gráfico 1: Categorização de Provérbios

Popularmente, os provérbios são tidos como uma máxima certa, “já os antigos diziam” foi uma expressão que se ouviu com frequência à medida que íamos fazendo as nossas recolhas. Neste, como noutros temas quando a razão não chegava as pessoas referiam sempre que já os seus antepassados diziam ser assim. Efectivamente a experiência tem sido um guia para a vida das pessoas.

Nos meios rurais, bem como nas cidades, estas máximas continuam a assumir um peso bastante considerável, muitas vezes uma máxima ou um provérbio são o desfecho de uma conversa a que ninguém arrisca ripostar.

No que diz respeito ao nosso estudo proverbial, na Beira Baixa, registamos alguns dados que considerámos serem bastante importantes. Dos 499 provérbios recolhidos, 134 ou seja 26,8% dizem respeito à categoria “Aprendizagem de vida”. Podemos constatar a importância dada à experiência adquirida pelas pessoas ao longo dos tempos.

Dos 499 provérbios recolhidos, 134, ou seja 26,8% da amostragem, dizem respeito à aprendizagem de vida, o que nos permite constatar a importância dada à experiência adquirida pelas pessoas ao longo dos tempos. No que diz respeito a esta categoria de provérbios podemos citar alguns exemplos:

“Quem mais cala mais vence”;

“Muito dorme pouco aprende”;

“Ano de muita lagarta é ano de muito milho”;

“Aos dois mil chegarás e aos dois mil não passarás”;

“Cada terra tem seu uso, cada roca tem seu fuso”;

“Quando Deus não quer S^a António não pode”.

Aqui podemos encontrar provérbios que citam assuntos diversos desde a agricultura, à tradição, à religião e até às profecias. Era bastante comum ouvir os mais velhos dizer: “Aos dois mil chegarás e aos dois mil não passarás”, pois segundo diziam o mundo ia acabar no ano 2000.

A experiência de vida assume um papel destacado relativamente à importância que os Beirões lhe atribuem.

Em segundo lugar relativo ao número de provérbios encontrados, temos a categoria “Comportamento”, com 81 provérbios.

A componente moral sempre assumiu grande importância para o povo e aqui podemos encontrar provérbios como:

“Vale mais um gosto que quatro vinténs”;

“Quem tem rabo-de-palha não chega perto do fogo”;

“A corda rebenta sempre no lado do mais fraco”.

Podemos apontar aqui, além do valor da experiência, a condição humana.

Em terceiro lugar encontramos 48 provérbios ou seja 9,61 % da amostragem na categoria “Meses do ano”. Nesta categoria encontramos muitas vezes alusões aos meses do ano relacionados com o tempo e a agricultura, o que não deixa de ser natural dado o peso atribuído a esta actividade na Beira Baixa.

No quarto lugar encontramos categoria “Destino” que no caso português surge desde logo como uma imagem de caminho algo pessimista da condição humana. Nesta categoria encontramos 32 provérbios correspondentes a 6,4% e destacamos desde logo alguns por nos parecerem mais significativos:

“O bem é de quem o tem, o mal todos alcançam”;

“Do chão se levantam os trabalhos”;

“Cada qual com a sua cruz”;

“Quem por sapatos de defunto esperou, sempre descalço andou”.

Em quinto lugar, com a categoria “Paixões da alma”, encontramos 30 provérbios, correspondente a 6%.

Apresentamos aqui alguns que julgamos serem os menos conhecidos e que menos temos ouvido noutros locais que não a Beira Baixa:

“Quando nasceu um sapo, nasceu uma sapa”;

“Quem longe faz a boda, lá a come toda”;

“Casa de pombos, casa de tombos” (é comum referir que deve evitar-se ter pombos perto de casa porque dá azar);

“O casamento é uma carta fechada”;

“Homem velho e mulher nova, filhos até à cova”;

“De Espanha nem bom vento nem bom casamento” (este provérbio surge um pouco por toda a Beira se bem que seja mais comum nas localidades junto da linha de fronteira, terá origem nas muitas rivalidades entre Portugal e Espanha ao longo da história).

O trabalho também assume a sua real importância relativamente aos provérbios, esta categoria está em sexto lugar com 28 provérbios 5,6%. Destacamos aqui alguns que consideramos mais significativos:

“Quem não trabuca, não manduca” (ou seja quem não trabalha, não come);

“Guarda que comer, não guardes que fazer”;

“Não podes querer sol na eira e água no nabal”;

“Enquanto o pau vai e vem folgam as costas”.

Será de algum interesse constatar que parte dos provérbios desta categoria diz respeito à agricultura, natural, pois durante muitos anos foi a principal actividade empregadora nas terras da Beira Baixa.

A categoria “Alimentação” ocupa o sétimo lugar de importância relativamente ao número de provérbios encontrados, ou seja 5,4 %. Apresentamos aqui alguns que não conhecemos de outras regiões:

“Está que nem uma giboia” (quer dizer que está muito gordo);

“Come que nem uma frieira” (quando uma pessoa come muito);

“Sem sangue não se fazem morcelas” (sem comida não se tem força);

“De grandes ceias estão sepulturas cheias” (diz se que não se deve comer muito na última refeição do dia).

Em oitavo lugar de importância, surge a categoria “Amizade” com 23 provérbios, a que corresponde 4,6 %. Destacámos aqui alguns provérbios:

“Se queres um bom conselho consulta o travesseiro”;

“Azeite, vinho e amigo do mais antigo”;

“Procura as minhas companhias e saberás as minhas manhas”;

“No hospital e na boda saberá quem te honra”.

As restantes categorias de provérbios assumem pelo número recolhido uma importância muito idêntica, a diferença relativamente ao número de provérbios entre o nono lugar e o décimo quinto é pouco significativa.

As restantes categorias de provérbios encontrados são respectivamente:

9º Oralidade (19 provérbios)

10º Ambição (18 provérbios)

11º Família (17 provérbios)

12º O tempo (14 provérbios)

13º Aprendizagem (11 provérbios)

14º Para os que gostam da pinga (10 provérbios)

15º Vaidade (7 provérbios)

4. Glossário

Ao elaborar a compilação das recolhas efectuadas encontramos um conjunto vasto de termos que achamos por conveniente acoplar ao estudo em questão. Ao proceder ao trabalho de recolha questionávamos as pessoas sobre os termos utilizados nas localidades assim como o seu significado, encontrámos termos que nunca tínhamos ouvido até ao momento, outros mais comuns. Sabemos que os Beirões são identificados fora da sua terra, ao usarem por exemplo o termo “bem-haja” como forma de agradecimento, outro termo que os identifica é o termo “aventar” que significa aqui deitar fora.

Faz algum tempo, registámos com algum interesse a utilização do termo “bem-haja” nas zonas rurais do Porto. Questionámos o significado e foi referido querer dizer: bem apresentado, ainda bem, que assim seja.

A Beira Baixa apresenta na sua literatura popular uma riqueza que prima pela sua singularidade de termos.

Justificámos esta nossa opção de colocar aqui o glossário dos termos recolhido por a temática etnográfica em questão fazer parte do mesmo item dentro do quadro da temática etnológica, a Literatura Popular.

No âmbito da Literatura Popular surgem alguns dos aspectos que através da transmissão da oralidade chegaram até nós em maiores quantidades. Neste caso específico, compilamos todos os termos da linguagem regional que encontramos ao recolher elementos para o nosso trabalho.

Glossário

A

Abalar – ir embora

Abêbera – figo, pingo de mel

Abespra – vespa

Abespreiro – ninho de vespas

Abrir os cordões à bolsa – pagar

Acalar – parar

Acamado – sem poder sair da cama

Acareio – juízo

Acarrar – quando as ovelhas chegam ao bardo e se deitam

Acartar – transportar

Acatchafundar – levar ao fundo da água

Acilhada – diz-se da lande e da bolota, que começa a dar mostras de madura

Acincho – forma de metal para fazer queijos

Aciudar – provocar

Acomodar – dar repasto aos animais

Acressimos – arrepios, mau estar

Acrotcho – pequeno pau curvado

Açucré – açúcar

Adjegar – apertar o pescoço

Agachar – baixar

Aguamento – doença, Tristeza

Alacrário – escorpião

Alagosto – comilão

Alanterna – lanterna

Alavao – as ovelhas a dar leite

Alcacêr – centeio semeado para alimento dos gados

Aldraças – artimanhas

Ale – ele

Alecrario – lacrau, escorpião

Alguêro – cisco

Alinterna – lanterna

Almario – armário

Alqueiro – objecto minúsculo estranho aos olhos ou alimentos

Altmoveel – carro

Altomove – automóvel

Amargucher – baixar a cabeça

Amargulher – baixar a cabeça

Amojo – úbere

Amorfar – comer

Amuado – zangado

Anafaiar – lisonjear

Anecril – alecrim

Antiontem – 1 dia antes de ontem

Aprisco – local onde se ordenham as ovelhas

Aquamento – doença ou tristeza causada pelo desejo de alguma coisa

Arreganhado – com frio

Assanhado – zangado

Assobacado – pessoa que ficou momentaneamente sem fala, por virtude de súbita comoção

Atão – então

Atragalhado – mal feito

Atrogalhado – mal feito, mal realizado

Augamento – doença, tristeza, causada por frustração do desejo de alguma coisa

Aventar – deitar fora

Avesseira – encosta voltada a norte

Aventar – deitar fora

Azinagre – almofeira, água-ruça

B

Babia – cesto com uma grande asa

Bacelada – bacelo para enxertar

Bácoro – suíno, porco, pessoa não asseada

Bacro – porco imundo

Badalhoca – porca

Badana – ovelha idosa e não encarada

Baem – bem

Bagalhos – planta azeda comestível

Baixa – terra fértil

Bajas – vagens

Balaia – cesto com uma grande asa

Balção – varanda

Balças – silvas

Balhaca – má

Balho – baile

Balsa – casca, bagaço das uvas

Balsas – aglomerado de silvas

Bança – benção

Banda – lugar, lado

Banquinha – mesa de cabeceira

Banzalhada – coisas inúteis

Banzos – os degraus da escada

Baraço – atilho feito de junco ou de colmo para atar os molhos do pasto

Baranda – varanda

Barburinho – remoinho produzido em hélice pelo vento

Bardo - local constituído por cancelas de madeira onde pernoitam as ovelhas

Barolal – banco de pedra junto ao forno

Barraco – porco

Basqueiro – barulho

Bastir – empastar lã, para chapéus

Batorel – banco de pedra colorido junto das casas ao lado das portas

Baturel – muro

Bazambu – belzebu

Bêbado que nem um caixo – muito bêbado

Beijinhas – feijão verde

Bem-haja – forma de agradecimento

Bexigas – varíola

Bichas – sanguessugas

Bôcho! Bocho! – para chamar os cães

Boer – beber

Bojio – seixo rolado

Bolhagos – planta azeda comestível

Bom cabedal – bom corpo

Borna – morna

Bornal – saco que se coloca com ração na boca dos animais

Borralho – pó

Botelha – abóbora

Botelha-de-beber – cabaça

Botelho – pequena vasilha, feita do bojo superior de uma cabaça

Bradadouro – acto de bradar repetidas vezes

Brança – flor da Oliveira

Brandura – calma

Branquita – aguardente

Brebe – depressa

Breda – vereda

Briol – frio

Bua – água

Buer – beber

Burburinho – remoinho produzido em hélice pelo vento

Burra – engenho de madeira que tem uma pegadeira onde se coloca um balde e se tira com facilidade água dos poços.

Buxa – pequena refeição

C

Cabaço – cabeça

Cabarê – caçarei

Cabo – fim

Cabrunco – carbunculo

Cabulo – Inchaço

Caçare – caçarei

Cachaço – pescoço
Cachopa – rapariga
Cachopo – rapaz
Caganito – coisa pequenina
Calacêro – preguiçoso
Cambonco – estribo que prende do selim ou da albarda
Cambos – fateixas
Canalha – crianças
Cancaró – cancro
Canchada – passo largo
Caniço – lugar onde se secam castanhas e enchidos
Cantareira – prateleiras para pratos
Cantchada – passo Largo
Caramelo – gelo
Carojar – chuva miudinha
Carolo – farinha grossa para peneirar
Carro – 60 molhos de pão (centeio ou trigo)
Carujar – chuva miudinha
Caruma – agulha dos pinheiros
Catarro – gripe forte
Catchaço – pescoço
Caturro – bota grosseira, de cano curto
Cêfar – ceifar
Cesta – canastra
Chamaralda – grande chama

Chavela – chave do arado

Chavelha – chave do arado

Chiba – cabra pequena

Chicha – carne

Chinca – gota de água que cai da telha partida

Choça – abrigo ambulante de mato onde dormem os pastores

Choço – abrigo ambulante de mato onde dormem os pastores (encontrámos o termo no masculino e no feminino)

Choviver – chover água miudinha

Cobanco – estribo que prende do selim ou da albarda

Códão – geada espessa

Coero – coiro

Corna – chavelho de animal

Coroa-d’el-Rei – o mesmo que louva a Deus

Corral – dormitório dos animais

Correcio – vadio

Cos – contracção de contos

Cotche! Cotche! – para enxotar os porcos

Covivir – chover água miudinha

Cruto – coruto

Cruzes – zona do corpo sobre os rins – “ai doem-me as cruzes”

Cudas – pensas

Cueiro – fraldas antigas

Cunfia – confiança

D

Dabanão - de repente

Dabanço – de vez em quando

Dâle – dele

Damonho – malvado

Danado – mau, zangado

Dantes – noutro tempo

Dar de badalo – falar muito e sem jeito

Debrebe – depressa

Dejua – pequeno-almoço

Desmantcho – desmancho-o

Détar – deitar

Déter-se – deitar-se

Diabolca – diabólica

Diche – disse

Djua – pequeno-almoço

Djuar – jejuar

Dar de badalo – falar muito e sem jeito

Dormederas – dormideiras

Dornalha – cortiça com abertura lateral, para transporte de mel, na ocasião da cresta

Durô- durou

Dzorro – de arrasto

E

Ê – eu

É Canja – é fácil

Emonado – amuado

Empa – estaca de suporte

Empalamado – doente

Empinado – de pé

Encardido – muito sujo

Encatarrado – muito constipado

Encrenca – reles, fraco

Engavelar – comer

Ensarralhada – enfezada

Esbacoljar – entomar

Esborregado – deitado

Escalamido – com muita fome

Escapuluido – com muita fome

Escarrapachado – sentado com uma perna para cada lado

Escarrapachar – montar com uma perna para cada lado

Esganada – malvada, egoísta, avarenta

Espandireido – caído no chão

Espantecar – saltar com satisfação

Espinha – coluna

Estalecido – abcesso

Estâmado – estômago

Esterco – estrume

Esterloucada – variada da cabeça

Estreucada – variada da cabeça

Esterloucadas – colheitas a perderem-se, variada da cabeça...

Estômado – estômago

Estrobo – enxeco

Estropaço – susto

F

Facaneja – faca velha e ordinária

Facô-o - ficou-o

Fagulhas – faúlhas

Fanaco – um pedaço de pão

Farê – farei

Fatoco – fatia de pão grosso

Fecô – ficou

Fejães – feijões

Ferreijo – pasto para animais

Foita – sem medo

Folha – um campo da sementeira

Folhadeira – cabeção de renda

Formiguedo – grande quantidade de formigas

Forreta – agarrado

Forro – sotão

Fouta – pessoa sem medo

Fretér – fritar

Friteir – fritar

Fronha – cara

Fumeiro – armação em madeira, onde se dependuram os enchidos

Furda – pocilga

G

Gadápula – mão

Galdeirice – brincadeira

Galfanhoto – gafanhoto

Galhofa – rir

Garganta – conversa

Garruço – gorra

Garteir – gritar

Gatcho – uva

Genete – bolo amassado com ovos e azeite

Gorrão – seixo rolada; bojio

Gorricho – porco

Gretér – gritar

Gripada – gripe forte

H

Home – homem

I

Ibeido – enfezado

Imbude – planta cujas raízes anestesiam os peixes

Impandneido – com a barriga muito cheia, vaidoso

Impauquedo – com pouco juízo

In cocro – em couro

Incardido – sujo

Incarrapato – nu

Inchogar – passar por água

Incôuro – nú

Increnca – problema

Incrujeda – encruzilhada

Infousar – entusiasmar

Infusa – jarra de barro

Ingives – gengives

Intolhas – duvidas

Intreter – Passar o tempo

Inxogar – passar por água

Inzonar – enganar

J

Jaja – vestido de bebé

Javaril – javali

Joana – mulher desejada

L

Laborja – besuntão

Labrego – saloio

Lage – pedra lasca

Lagueiro – sítio onde empoça a água

Lambão – comilão, mandrião

Lambão – homem que come muito

Lambão – preguiçoso

Lambarão – muita conversa

Lanchada – acto de arremessar pedra grande, pedrada

Lapacha – lama

Lapacheiro – charco, lama

Laraita – fome

Latada – armação de madeira pela qual se formam os pentes das videiras

Lobsomem - lobisomem

Lôcero – louceiro

Lonjura – distância

Losca – osga

Lostra – lambada

Ludra – turva

M

Mai – mais

Malacoteiro – pessegueiro

Malacoto – pêsego

Malatraca – matraca

Malga – tigela

Malha – tarefa

Manapula – mão

Manel – Manuel

Manhém – manhã

Mansa – calma

Manzão – muito mau

Mão-canha – mão esquerda

Maracoto – pêsego

Marcar – comprar

Marouva – fruta

Más – mais

Matação – coisa grande, matar o porco

Matcho – macho

Mau parecer – mau aspecto

Mechanos – melgas

Melancanha – pouco esperta

Melias – uma pessoa sem acção

Mercolas – compras

Merenda – lanche

Miguelho – pedaço, um bocadinho

Milhano – milhafre

Mo - contração de me + o

Mocha – cabra sem chifres

Moio – 60 alqueires

Molenzão – indolente

Mongal – mangual

Morangãos – morangos

Mosca-morta – sonso parece que nem parte um prato e é a destruição da louça

N

Nã senhor – não senhor

Na senhora – não senhora

Naco – pedaço

Não são assuntos do teu bugalho – não te dizem respeito

No – não

O

O coirão – o corpo

O vivo – o gado

Ódespois – depois

Ogar – regar com o agadouro

Ólvera – oliveira

Onte – ontem

Opoi – depois

Ospois – depois

Otras das vezes – outras vezes

P

Pálitos – fósforos

Pálo – Paulo

Palonso – com pouca acção

Pantanar – de costas

Panteia – penteia

Pantonar – de costa

Pão-leve – pão-de-ló

Papa sorda – sem desembaraço

Parnâta – fúria anormal

Pastagueira – planta herbácea, da qual quando seca se fazem vassouras

Paveia – molho

Pecarricho – pequenino

Pecarucho – pequeno

Pedra milheira – granito

Pedra-centeia – xisto

Peguilho – embaraçado

Pela – frigideira

Pelacho – nú

Pelheira – lugar onde se guarda a cinza

Persunto – nádega

Pertlinho – pertinho

Perum – Perú

Pexeira – jarra, cafeteira

Piela – bebedeira

Pita – galinha

Pita – pinta

Pito – pinto crescido

Pitrol – petróleo

Pojos – poejos

Poveia – molho

Prama – prima

Pregana – pedaço de palha

Priado – zangado

Q

Qu'ó – contração de que + o

Quedo – quieto, parado

Quinbão – ajuda, Cambão

Quinsão – ajuda

R

Ralação – preocupação

Realengo – juízo

Rebêro – ribeiro

Relouquer – variar da cabeça

Remansada – água parada

Repigo – pequeno cacho de uvas

Rescunhos – notícias, indícios

Rialengo – juízo

Ritas – cócegas

Ror d'anos – muitos anos

Ruça – geada

S

Sagorro – pouco civilizado

Saio – seia

Salganhada – confusão

Salta-rosca – osga

Salva-brava – planta herbácea medicinal

Samieedos – semeados

Sarafana – pedaço de erva que se pega às meias

Sarão – deram, saco que os pastores traziam ao ombro, serão

Sardanisca – lagartixa

Sardão – lagarto

Sarna – teimoso, aborrecido

Saroulas – ceroulas

Scapla Sraptura – Sagrada Escritura

Scarbar – escavar

Scarbar – escrever

Senife – cheiro

Sequeiro – com sede, terreno seco

Seve – sebe

Sobrado – sala, sótão

Sorna – pessoa fingida

Sorna – preguiçoso

Sova – tarefa, apanhar sova

Sovina – agarrado

Sovina – pau utilizado para voltar as filhózes

Spintcarê – espetarei

Spojeros – espojadores

Staferme – estafermo

Strofel – trofel

Sueir – transpirar

T

Tabefe – estalada

Talefe – marco

Taleigo – saco pequeno e largo

Talha-da-beira – pote grande

Taloca – cavidade num tronco ou dente

Tamãe – também

Tanganho – pau seco

Tanoco – pau

Tao – então

Tchamar – chamar

Tcharinguêro – bisbilhoteiro

Tchiba – cabra

Teleigo – saco pequeno e largo

Tender – da massa fazer pão

Tepola – ramos novos

Texto – tampa panela

Tramba – cara

Trapeço – assento de cortiça

Trarão – tirarão

Treva – aselha

Tromba – cara

Tropeça – mesa com 3 pernas

Trunfa – cabelo grande

Tuta e meia – barato

U

Uga-te – para os animais se comporem

Unto-se-sal – pedaço de banha em rama de porco, que se guarda para certas doenças de animais

Urrer – urrar

V

Vâr – ver

Vardade – verdade

Vardasca – bater com uma vara

Vazio – ovelhas vazias

Vendido por cascas de alho – vendido barato

Venégre – vinagre

Ventas – cara

Vêsio – vê-lo

Vianda – alimento de porcos

X

Xara – esteva, enxotar as aves

Xó – enxotar as galinhas

Xô – enxotar aves

Z

Zamouga – cerveja

Zargão – lobisomem

Zinganito – pequenino

Zurrer – ruídos feitos por alguns animais

5. Listagem de provérbios recolhidos e divididos por unidades temáticas

- Aspectos relacionados com a Alimentação:

Comer para viver e não viver para comer.

Quem come com todo o mal pode.

Quem não presta para comer, não presta para trabalhar.

O que se quer é barriga cheia, nem que seja de palha centeia.

Quando há fome não há ruim pão.

Os figos de S. João são para quem lhe deita a mão.

Migas com pão, é comida de cão.

Água corrente não mata gente.

Está que nem uma gibóia.

Come que nem uma frieira.

Tem mais olhos que barriga.

Sem sangue não se fazem morcelas.

Come-se a perdiz com a mão no nariz.

Da mão à boca, perde-se a sopa.

Quem não trabuca não manduca.

Merenda comida, companhia desfeita.

À hora de comer sempre o diabo traz mais um.

Onde o frade canta há janta.

Quem se deita sem ceia, toda a noite esperneia.

À mesa do pobre, sempre há que sobre.

O comer e o coçar vai de começar.

Ano de nevão é ano de pão.

De grandes ceias estão sepulturas cheias.

O primeiro milho é dos pardais.

Numa casa cheia depressa se avia a ceia. Numa casa vazia mais depressa se avia.

Perdoa-se o mal que faz, pelo bem que sabe.

- Aspectos relacionados com a Ambição

O dado perde venda.

Ovelha que berra, bocado que perde.

Grão a grão é que se enche o sarrão.

Com uma mão à frente e outra atrás.

Quem o seu não vê, o diabo o leva.

A cavalo dado, não se olha o dente.

Quem dá e toma nasce-lhe uma tromba.

Quem dá e tira nasce-lhe uma tira na barriga.

Quem dá e torna a tirar, ao inferno vai parar.

Ao rico não devas e ao pobre não prometas.

Não sirvas a quem serviu, nem peças a quem pediu.

Casa de pobre, caldeira de cobre.

De graça anda o cão e ainda leva pancada.

Dar, dá o relógio e ainda é preciso que lhe dêem a ele.

Quem tudo quer, tudo perde.

Quem não arrisca não petisca.

Quem parte e reparte e não fica com a melhor parte ou é tolo ou no partir não tem arte.

Quem comeu a carne que roa os ossos.

- Aspectos relacionados com Amizade

Quem quer um amigo, dê-lhe uma sova.

Se queres um bom conselho, consulta o travesseiro.

Quem tem amigos não morre na cadeia.

Para amigo que não é certo, um olho fechado, outro aberto.

Amigo de um, amigo de muitos, amigo de nenhum.

Quem te avisa, teu amigo é.

O bom amigo vale mais que o dinheiro.

Amigos, amigos, negócios à parte.

Amigo do meu amigo, meu amigo é.

Livre-me Deus dos amigos, que eu me livrarei dos inimigos.

Procura as minhas “companhas” e saberás as minhas manhas.

Azeite, vinho e amigo do mais antigo.

Faz o bem não olhes a quem.

Vale mais um mau acordo que um bom pleito.

Amigo de todos, amigo de ninguém.

Zangam-se as comadres sabem-se as verdades.

Mais vale sozinho que mal acompanhado.

No hospital e na boda saberá quem te honra.

Quem quer um inimigo, empreste-lhe dinheiro.

Quem mais ama mais padece.

Livros e amigos, poucos mas bons.

Quanto mais te vejo, mais te quero.

- Aspectos relacionados com a Aprendizagem

O saber não ocupa lugar.

Burro velho não aprende linguagem.

Aprender até morrer.

Quem não sabe latim, fica assim.

Quanto mais se vive, mais se aprende.

Mais ensina o que bem pergunta.

Quem muito dorme pouco aprende.

Mata o teu porco e vê o teu corpo.

Quem não sabe é como quem não vê.

O diabo sabe muito porque é velho.

Só é burro quem quer.

- Aspectos relacionados com as Paixões da Alma

Antes que cases olha o que fazes.

O casamento é uma carta fechada.

Viúva rica, casada fica.

Casa de pombos, casa de tombos.

Conforme fizeres a cama assim te deitas.

Quem longe faz a boda, lá a come toda.

Duro com duro não faz bom muro.

Coelho casa com coelha e não com ovelha.

Quem casa quer casa.

Quem muito escolhe pouco acerta.

Quem desdenha quer comprar.

Casamento demorado, concerteza desmanchado.

Cada ovelha com sua parelha.

Homem velho e mulher nova filhos até à cova.

Cada panela com a sua tampa.

Quando nasceu um sapo, nasceu uma sapa.

Não há saco sem barça.

A casamento e baptizado não vás sem ser convidado.

O casamento e a mortalha no céu se talha.

Quem o feio ama, bonito lhe parece.

Casamento, apartamento.

A mulher e a sardinha quer-se da mais pequenina.

Quem ama um escaravelho, as asas lhe parecem um espelho.

Nem mulher que saiba latim, nem égua que faça in.

Não há luar como o de Janeiro, nem amor como o rainha e pelo homem coitadinha.

Quem casa em Agosto, casa com desgosto.

Entre homem e mulher ninguém meta a colher.

Quanto mais prima mais se lhe arrima.

De Espanha nem bom vento nem bom casamento.

Antes solteira que mal casada.

- Aspectos relacionados com Comportamento

A pergunta apressada resposta lenta.

A quem muito tem de fazer sempre sobeja lazer.

Antes vergar que partir.

Antes burro vivo, que sábio morto.

O consolo do pobre é coçar onde lhe morde.
As aparências iludem.
Presunção e água benta cada um toma a que quer.
Diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és.
Enquanto há homens não se confessam mulheres.
Pedra baldia não cria musgo.
De graça anda o cão e ainda apanha pancada.
Quem não deve não teme.
Quem vier atrás que feche a porta.
Quem vai à guerra dá e leva.
Quem vai ao ar perde o lugar.
Quanto mais depressa mais devagar.
Quem cospe para cima na cara lhe cai.
Gato escaldado, de água fria tem medo.
Não é por muito madrugar que amanhece mais cedo.
Quanto mais depressa mais devagar.
O fruto proibido é o mais apetecido.
Em tempo de figos, não há amigos.
Em terra de cegos, quem tem um olho é rei.
Quem corre cansa, quem anda alcança.
Ninguém está bem com a vida que tem.
Vale mais um pássaro na mão, que dois a voar.
Vale mais um gosto, que quatro vinténs.
Quem se estende mais do que a cama fica com os pés de fora.
Quem procura, acha.

Vale mais um “toma” que dois te darei.

Quem porfia, mata caça.

Agarrou a ocasião pelos cabelos.

Devagar se vai ao longe.

De tostão a tostão, vai-se ao milhão.

Nunca o invejoso medrou, nem quem ao pé dele morou.

Só com boas cunhas se racham madeiros.

Vale mais vergonha no rosto que mágoa no coração.

Cada qual sabe onde lhe aperta o sapato.

Cada um sabe de si, Deus sabe de todos.

Amarra-se o burro à vontade do dono.

Quem está no convento é que sabe o que lá vai dentro.

A corda rebenta sempre no lado do mais fraco.

Zangam-se as comadres, descobrem-se as verdades.

Sair o tiro pela culatra.

Vale mais rir que chorar.

Quem tem rabo de palha não chega perto do fogo.

Junta-te aos bons serás um deles, junta-te aos maus serás pior que eles.

Gostos não se discutem.

Deus ajuda a quem se ajuda.

Quem apanha dois e gasta quatro não precisa bolsa nem saco.

Quem não quer ser lobo não lhe vista a pele.

Quem “bole” com quem não “bole” quer que lhe mexam no fole.

Cada um puxa a brasa à sua sardinha.

Vês um argueiro no olho do teu vizinho e não vês uma tranca no teu.

A galinha da vizinha é sempre melhor que a minha.

Quem não se guarda por si não é bom guardador.

Quem dá o que tem a pedir vem.

Quem dá o que tem a mais não é obrigado.

Encomenda sem dinheiro esquece ao primeiro ribeiro.

Cavalo que voa não quer espora.

Galinha do campo não quer capoeira.

Quem anda à chuva molha-se.

Mais depressa se apanha um mentiroso do que um coxo.

Quem atura um povo atura um corno.

Quem não tem vergonha, todo o mundo é seu.

Homem calado muito cuidado.

Cão que ladra não morde.

Diz-me o que pensas dir-te-ei quem és.

Fia-te na virgem e não corras, verás o trambolhão que apanhas.

Depois de fugir o coelho, toma o vilão o conselho.

Casa roubada, trancas à porta.

Nem só de pão vive o homem.

Não metas o nariz onde não és chamado.

Malhar em ferro frio.

Quem espera por quem não vem, uma hora lhe parecem cem.

Quem espera, desespera.

Quem não aparece, esquece.

Quem o seu deixa, perdido o quer.

Quem vai por atalhos, mete-se em trabalhos.

Quem corre de gosto não cansa.

Tudo se quer no seu tempo.

- Aspectos relacionados com o Destino

Do chão se levantam os trabalhos.

De uma traição ninguém se livra.

O futuro a Deus pertence.

Deus dá as nozes a quem não tem dentes.

Deus escreve direito por linhas tortas.

Quem bem ata, bem desata.

Quem semeia ventos, colhe tempestades.

Tantas vezes vai o Cântaro à fonte, que um dia lá fica a asa.

Quem por sapatos de defunto esperou, sempre descalço andou.

Todos os caminhos vão dar a Roma.

Quem espera, sempre alcança.

Vale mais prevenir do que remediar.

Água mole em pedra dura, tanto dá até que fura.

Ir buscar lenha para se queimar.

O bem é de quem o tem, o mal todos alcançam.

O bem e o mal, à face vem.

Cada qual com a sua cruz.

Guardado está o bocado para quem o há-de comer.

Quem mal quer fazer, pior lhe há-de acontecer.

Ninguém diga – desta água não viverei.

Não rias do mal do teu vizinho, que o teu vem pelo caminho.

Mais vale tarde que nunca.

Quem não morre da doença, morre da cura.

Há sempre um chinelo velho para um pé doente.

Enquanto há vida, há esperança.

Quem com ferros mata, com ferros morre.

Ninguém é profeta na sua terra.

De pequenino se torce o pepino.

Deus dá o frio conforme a roupa.

O tempo que tudo leva e tudo traz.

Nada foi, que não tornasse a ser.

Não há bem que sempre dure nem mal que sempre ature.

- Aspectos relacionados com a Família

Pai exigente faz o filho desobediente.

Casa de pais, escola de filhos.

O bom filho à casa volta.

De mau grão não sai bom pão.

Bezerro engeitado não escolhe teta.

Cada macaco no seu galho.

Quem sai aos seus não degenera.

Filho és, pai serás como fizeres assim acharás.

Tal pai, tal filho.

Quem tem padrinho, não morre pagão.

Roupa suja, lava-se em casa.

Filho de peixe, sabe nadar.

Casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão.

Quem meus filhos beija, minha boca adoça.

Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita.

Filhos criados, trabalhos dobrados.

Quem tem filhos tem cadilhos, quem os não tem cadilhos tem.

- Aspectos relacionados com Oralidade

Quem muito fala, pouco acerta.

Quem muito fala, pouco aprende.

Quem muito fala, fala o seu e o alheio.

Pela boca morre o peixe.

As palavras são como as cerejas.

Quem escuta de si ouve.

Quem canta o seu mal espanta.

Quando um burro fala, o outro baixa as orelhas.

Enquanto um galo canta, o outro assobia.

Quem tem boca vai a Roma.

Fala pouco e bem e ter-te-ão por alguém.

Já cá não está quem falou.

O silêncio é ouro e a palavra prata.

Palavras loucas, orelhas moucas.

Cão que ladra, não morde.

Para bom entendedor meia palavra basta.

Segredo contado, logo é espalhado.

O calado diz tudo.

Quem cala, consente.

Quem mais cala, mais vence.

Quem conta um conto, acrescenta-lhe um ponto.

Quem diz a verdade, não merece castigo.

Quem diz o que quer, ouve o que não quer.

Mulher honrada, não tem ouvidos.

Nem tudo a saber, nem tudo a comer.

A água lava tudo menos a má língua.

A falar é que a gente se entende.

As paredes também têm ouvidos.

Atrás de nós virá, quem bem de nós falará.

- Aspectos relacionados com o Trabalho

Barco parado não faz viagem.

Muito e bem não faz ninguém.

Roma e Pavia não se fizeram num dia.

Guarda que comer não guardes que fazer.

Mais vale quem Deus ajuda que quem muito madruga.

Trabalho feito não mete medo.

Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje.

Quem faz o que pode a mais não é obrigado.

O que não se faz no dia de santa Maria faz-se no outro dia.

O trabalho dá saúde.

A ociosidade é a mãe de todos os vícios.

O serviço do menino é pouco, quem o perde é louco.

Mão posta, ajuda é.

Enquanto o pau vai e vem folgam as costas.

Quem não semeia não colhe.

A felicidade está em semear, pois o colher há-de acabar.

Não podes querer sol na eira e água no nabal.

Ano de lagarta, ano de milho.

Pelo santo André favas ao pé.

Quem malha em Agosto, malha com desgosto.

Em Junho vai ao campo de foice em punho.

Dia de S.Tiago vai à vinha e prova um bago.

Dia de S Lourenço vai a adega e enche o lenço.

Dia de S Martinho vai à adega e prova o vinho.

Quem muitos burros toca algum há-de ficar para trás.

Pelo Entrudo – planta pega tudo.

Mais vale um bom mandador do que o melhor trabalhador.

- Aspectos relacionados com a Vaidade

Mulher que não se enfeita, por si se engeita.

A vaidade é filha da soberba.

Quem não pode com o pote não pega na rodilha.

Quem não tem farinha não precisa de peneira.

Muita parra e pouca uva.

Quem o alheio veste na praça o despe.

- Aprendizagem de Vida

Em Abril águas mil.

Antes só que mal acompanhado.

A vaidade é filho da soberba.

O calado diz tudo.

O cavalo é que faz o cavaleiro.

Com a verdade me enganas.

Fugir dos vícios é virtude.

Mais tem quem pouco deseja.

Muita parra, pouca uva.

Não digo desta agua não beberei.

Não dinheiro que pague a honra.

Ninguém se contenta com o que tem.

A palavras loucas, orelhas moucas.

Quatro olhos vêem melhor do que dois.

Quem mais cala, mais vence.

Quem muito corre, cansa.

Quem da aos pobres empresta a Deus.

Quem diz mal dos seus não é pessoa de bem.

Quem diz mal da coisa quer comprar.

Quem desdenha quer comprar.

Quem tudo quer, tudo perde.

Vozes de burro não chegam ao céu.

Procura a tua felicidade na dos outros.

Respeita a tua opinião na dos outros.

Águas passadas não movem moinhos.

Aos dois mil chegarás e aos dois mil não passarás.

Ano de muita lagarta é ano de muito milho.

Cada terra tem seu uso, cada roca tem seu fuso.

Coisa gavada é coisa borrada.

Em casa do ferreiro espeto de pau.

Homem prevenido vale por dois.

O comer e o ralho é livre de começar.

Onde há junco, há água.

Quem não tem padrinho morre mouro.

Quem se mete por atalhos, mete-se em trabalhos.

Vê lá se te caem os parentes na lama.

Quem foi infiel uma vez, sê-lo-á duas ou três.

Par bom entendedor, meia palavra basta.

Quem seu cão quer matar, põe-lhe a alcunha de danado.

Quem não der das suas pêras, não espere das alheias.

Não gaves um dia sem lhe ver o fim.

O amor é como a lua, quando não cresce mingua.

A espada vence, a palavra convence.

Quem perde a vergonha não tem mais que perder.

A boca do ambicioso, só se enche com a terra da sepultura.

Cada um vê mal ou bem, conforme os olhos que tem.

O bem não é conhecido se não depois de perdido.

A delicadeza custa pouco e rende muito.

Sê amigo do teu amigo.

Os amigos dos meus amigos, mais amigos são.

Os inimigos dos meus amigos, são meus inimigos.

Os inimigos dos inimigos são meus amigos.

Uma das grandes virtudes ser bom e leal para teu companheiro.

A tristeza é muito amarga mas ainda o é mais na velhice, pois já não há esperança.

Um velho ao cruzar uma moça diz: Que cheirinho a Primavera!

O homem custa-se a convencer ser mais velho, mas a mulher custa mais.

Nem todos podem ser grandes mas todos podem ser bons.

Sede sempre reconhecido a quem vos beneficiar.

Quem dos outros diz mal, espera por si igual.

Fazer da noite, noite e do dia, dia, é viver com alegria.

Não faças aos outros, o que não queres que te façam a ti.

Nem tudo o que brilha é ouro.

Os homens não se medem aos palmos.

Mais vale tarde do que nunca.

Quem boa ou má cama fizer, nela se deitará.

Faz o bem sem olhar a quem.

Grãozinho a grãozinho, enche a galinha o papinho

Quem gasta mais do que tem, a pedir vem.

O prometido é devido.

Quem muito fala pouco acerta.

O que arde cura, o que aperta segura.

O saber não ocupa lugar.

Quem te avisa teu amigo é.

O invejoso é mau e manhoso.

Quem tem calos não se meta em apertos.

Raposa que dorme não caça galinhas.

Do longe se faz perto.

A verdade é como o azeite, vem sempre a tona da água.

Quem vê caras, não vê corações.

Antes a pobreza honrada, que a riqueza roubada.

A preguiça morreu de sede, a beira da água.

Quem mal anda...mal acaba.

Guarda em moço acharás em velho.

Amigo verdadeiro vale mais que dinheiro.

Quem tem unhas toca viola.

Mais vale pouco que nada.

Mais vale o vizinho à mão, que longe o nosso irmão.

Ao menino e ao borracho, põe-lhes Deus a mão por baixo.

Filho que os pais amargura, jamais espere ventura.

Apanha com o cajado, quem se mete onde não é chamado.

De livro fechado não sai letrado,

Guarda o que não presta, terás o que é preciso.

Para grandes males grandes remédios.

A mentira só dura até que a verdade não chega.

No poupar é que está o ganho.

A tua fama longe soa, mais depressa a má que a boa.

Véu e mortalha no céu se talha.

Quem faz mal espera outro tal.

Não há Domingo sem missa, nem Segunda sem preguiça.

Quem deixa o certo pelo incerto ou é tolo ou pouco esperto.

Amor com amor se paga, e com desdém se paga também.

Quem quer vai, quem não quer manda.

Do trabalho e da experiência, aprendeu o homem a ciência.

Quem de novo não trabalha, em velho come palha.

Não há onde o filho fique bem, como no colo da mãe.

- Provérbios relativos aos meses do ano

JANEIRO

A água de Janeiro vale dinheiro.

De flor de Janeiro ninguém enche o celeiro.

Não há luar como o de Janeiro não há amor como o primeiro.

Quem no ano novo não “estria” todo o ano fia.

FEVEREIRO

Chuva de Fevereiro vale estrume.

Fevereiro, o mais curto mês e o menos cortês.

Neve de Fevereiro presságio de mau celeiro.

Fevereiro faz dia e logo Santa Maria.

MARÇO

Água de Março é pior que nódoa no pano.

Em Março tanto durmo como faço.

Março, Marcezão, manhã de Inverno, tarde de Verão.

Se queres bom cabaço, semeia Março.

ABRIL

Abril frio e molhado, enche o celeiro e farta o gado.

Frio de Abril nas pedras vai ferir.

Guarda pão para Maio e lenha para Abril.

Negócios em Abril só um é bom entre mil.

MAIO

Água de Maio, pão para todo o ano.

Em Maio as cerejas leva uma a uma o gaio.

Em Maio verás a água com que regaras.

Favas o Maio as trás e o Maio as leva.

JUNHO

Chuva Junhal, fome geral.

Cortiço em Junho vai a punho.

Feno alto ou baixo em Junho é cegado.

Junho floreiro, paraíso verdadeiro.

JULHO

Deus ajudando vai em Julho marcando.

Em Julho ceifo o trigo e o debulho.

Não há maior amigo que Julho com o seu trigo.

Quem trabalha em Julho, para si trabalha.

AGOSTO

Agosto, frio no rosto.

Chuva de Agosto apreça o mosto.

Em Agosto, espingarda ao rosto.

Os nabos querem ver a luar de Agosto

SETEMBRO

Lua nova setembrina. Sete luas domina.

Setembro, andando e comendo.

Setembro é o Maio de Outono.

Setembro molhado, figo estragado.

OUTUBRO

Em Outubro, centeio ruivo.

Em Outubro suão, negaças de Verão.

Quando Outubro for erveiro, guarda para Março o palheiro.

Vindima em Outubro, que São Martinho diz.

NOVEMBRO

Caro fundo em Novembro, para plantar em Janeiro.

No dia de São Martinho, mata o teu porco e bebe o teu vinho.

Pelo São Martinho, semeia o teu cebolinho.

Dos santos ao Natal, cada dia mais mal.

DEZEMBRO

Dezembro quer lenha no ar e pichel a andar.

Em Dezembro descansa, mas não durmas.

No dia de Natal, dão os dias um salto de pardal.

Se os pepinos dessem em Dezembro ninguém os comia.

- O tempo em adágios

O tempo anda e desanda.

O tempo corre e tudo descobre.

O tempo cura o enfermo, mas não o ungento

O tempo da o remédio onde falta o conselho.

O tempo e a ocasião mostram o que se deve fazer.

O tempo e a hora não se atam com a soga.

O tempo é dinheiro.

O tempo e a maré não esperam por ninguém.

O tempo é o relógio da vida.

O tempo é que cura as meadas.

O tempo faz tudo da sua cor.

O tempo gasta tudo.

O tempo mostra o amigo.

O tempo perdido não se acha mais.

Para os que gostam de pinga:

- Os Dez Mandamentos do Abade de Travanca

Bebe-se inteiro.

Até ao fundo.

Como o primeiro.

Como o segundo.

Se estiver cheio não fica por meio.

É para provar.

É para começar.

É para continuar.

É para não tombar.

É para acabar.

CONCLUSÃO

A Beira Baixa tem na sua história um conjunto de factores que a tornam uma região singular. A geografia isolou-a, os povos que por aqui passaram e que traziam quase todos um espírito invasor tornaram a Beira, mãe de pessoas reservadas e desconfiadas de tudo o que chega do exterior.

Todos os que aqui passaram deixaram marcas suas como as pedras diferentes que amontoadas constroem os muros. Os vales profundos e isolados rodeados por serras e mato fizeram outro tanto no modo de ser Beirão.

Lusitanos, Romanos, Árabes, o cunho de combate dos Templários até à primeira invasão Francesa todos deixaram marcas profundas por estas terras. Quem é afinal o típico Beirão, um misto de gerações, povos desejos e conquistas.

Um povo talhado “bem rijo e moreno como o granito” assim diz a letra da canção. Um povo isolado, metido consigo, na tradição, na sua ímpar literatura popular, nas suas crenças e superstições. O ecoar dos adufes nas terras da raia, um povo crente que apesar disso mistura constantemente o sagrado e o profano rico de figuras poderosas (boa hora, benzelhoa, má hora, diabólca, lobisomem, bruxa) que simbolizam respectivamente o bem e o mal por estas terras perdidas no tempo, únicas no imaginário colectivo de um país.

Vales e serranias que conservaram ao longo dos anos um tesouro de literatura popular muito rico, muito próprio. Estes tesouros passaram ao longo de gerações de pais para filhos, de avós para netos, nas longas noites de inverno junto do fogo unificador da lareira nas casas simples da Beira.

Ao percorrer as povoações isoladas desde as encostas da serra de Estrela ao vale do rio Tejo ouvimos de vozes anciãs vestidas de negro, o saber dos tempos, na magia, na reza, nas histórias de medos, na literatura popular.

A língua que qualquer falante utiliza no seu dia-a-dia sofre constantes mutações e os falantes apercebem-se desse facto, o qual pode acontecer mediante as chamadas variações regionais, sociais, históricas ou outras nuances específicas.

Conhecer e estudar a língua popular, especialmente a que está ligada às localidades rurais isoladas é importante para a sua compreensão.

Todo o falar popular conserva formas arcaicas, outras perderam-se com o desaparecimento dos seus falantes.

A região da Beira Baixa é considerada um filão rico na investigação e estudo, a oralidade e o falar da Beira Baixa apresentam características singulares no seu espaço geográfico. Nos seus estudos na área Manuel de Paiva Boléo (*Mapa dos Dialectos e falares de Portugal – 1942*), e Lindley Cintra (na *Nova proposta de Classificação dos Dialectos Galego-Portugueses – 1971*) citam a Beira Baixa.

O falar da Beira Baixa caracteriza-se por ser simples e espontâneo, a produtividade lexical está bastante influenciada por motivos geográficos. Cada Beirão ao falar apresenta hábitos de discurso próprios, usando a sua espontaneidade de idioma utilizando construções gramaticais provérbios e vocábulos que o próprio uso definiu de forma singular e genuína.

Neste caso conduzimos o nosso estudo direccionado à literatura popular, mais especificamente aos provérbios utilizados na Beira Baixa. Perante um trabalho de recolha longo no tempo e na dimensão geográfica que abarcou registámos alguma satisfação pela sua concretização. Estamos conscientes que este tipo de trabalhos de recolha irá servir para preservar memórias de pessoas que já desapareceram, conservando vivos saberes ancestrais.

Os elementos agora apresentados foram recolhidos durante cerca de vinte anos em dezenas de localidades rurais da Beira Baixa. Perante a quantidade de informação recolhida conduzimos uma análise dos elementos e apontámos algumas pistas resultantes do trabalho desenvolvido.

Parte significativa dos provérbios diz respeito a elementos da ruralidade e da experiência de vida das populações ao longo dos tempos.

No final do trabalho, obrigatoriamente, o mesmo aparece limitado pelo tempo da entrega, aqui surgem momentos em que nos damos conta que os limites profissionais e pessoais impedem o aprofundamento de algumas temáticas.

Nesta altura abre o baú das recordações pois em cada frase é um lembrar do trabalho desenvolvido por mim e por outras pessoas ao longo de vários anos. Recordamos aqui as

aldeias percorridas, os informantes de que gravamos histórias, tradições momentos da vida deles e dos seus antepassados. São espaços de memória de vozes e de imagens de informantes que já não estão entre nós, mas que contribuíram para que o saber oral ancestral e a cultura tradicional da Beira Baixa não se percam. A Beira Baixa outrora isolada, o testemunho das suas gentes simples, o saber de anos é o que apresentamos neste trabalho. Em cada deslocação aprendemos coisas novas, ouvimos a riqueza do saber popular perdido nos tempos.

Desde as aldeias serranas, à raia, até à planície beirã, em todos estes locais aprendemos coisas novas, vamos completando um conhecimento do saber de outros tempos. Quando formulamos uma questão as pessoas transmitem-nos todo um rol de histórias, lendas, provérbios aprendidos dos seus antepassados. O local de aprendizagem foi quase sempre em redor do fogo unificador da lareira nas longas noites de inverno, outras vezes era a época das colheitas quando se aprendia com os mais velhos.

Na realidade, depois de aferir os resultados e mediante o número de provérbios referentes a determinada temática ser mais ou menos utilizado que os que dizem respeito a outras podemos retirar algumas conclusões.

A Aprendizagem de Vida e o Comportamento são as categorias de provérbios mais destacados. Aqui podemos levantar questões novas:

Compreendemos e será do domínio do senso comum que a experiência de vida seja um indicador forte, uma referência a nunca deixar de considerar.

Mas na análise efectuada o comportamento tem uma percentagem igualmente elevada e também distante em termos de importância em relação às outras categorias. Porque será o aspecto moral tão importante para os Beirões?

Podemos considerar a história e os longos anos de isolamento uma razão que por si justifique estes números.

As histórias que, por vezes, ouvimos quando passámos nesta ou naquela localidade transmitem-nos desde logo através de um cunho muito próprio, uma parte da memória oculta da terra. A lenda na aldeia do meio rural funciona como uma história do passado que as pessoas assumem, assumindo-as como parte indeformável dos seus mentefactos mais representativos. A literatura popular assume ainda nos dias de hoje uma dimensão considerável, especialmente nos meios rurais do interior.

Por vezes, podemo-nos interrogar porque só nestes meios encontrámos a mulher idosa vestida de preto que conta uma lenda que nos maravilha e que nos lembra algo da nossa meninice que não esquecemos facilmente. Por que será que quando caminhamos na interminável azáfama da hora de ponta ou num café da cidade, não encontrámos alguém que nos conte a mesma lenda?

A conclusão é óbvia e simples, os meios pequenos são por si só, facilitadores na transmissão dos saberes da cultura popular. Enquanto isso falámos na desertificação que acontece nesses meios pequenos onde ainda podemos encontrar as nossas raízes culturais.

Não podemos encarar esta como qualquer outra situação em atitudes extremadas que a nada conduzem. O ideal seria aproveitar a aldeia global dos nossos dias e utilizar as modernas técnicas para preservar e divulgar o nosso ideário cultural.

BIBLIOGRAFIA

- Auel, Jean M., *O Clã do Urso das Cavernas*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2006.
 - Birou, Alain, *Dicionário de Ciências Sociais*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1988.
 - Brow, Dan, *O Código Da Vinci*, Lisboa, Livraria Bertrand, 2004.
 - Carrel, Alexis, *O Homem esse Desconhecido*, Editora Educação Nacional, Porto, sd.
 - Chandelle, René, *Para Além do Código Da Vinci – O Fim do Mistério*, Lisboa, Editorial Estampa, 2005.
 - Cox, Simon, *O Código Da Vinci Descodificado*, Lisboa, Publicações Europa América, 2004.
 - Eco, Humberto, *O Pêndulo de Foucault...um Segredo Guardado pelos Templários*, Difel, Lisboa, 2005.
 - Erasmo, Roterdão, *O Elogio da Loucura*, Lisboa, Europa-América, sd.
- Guia de Portugal, II, Beira Baixa e Beira Alta, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994
- Grimberg, Carl. (1965). *História Universal. Da Aurora da Civilização ao Crescente Fértil*, vol, 1, Publicações Europa América, Lisboa, 1967.
 - Guillou, Jam, *O Cavaleiro Templário – As Cruzadas*, Bertrand Editora, Lisboa, 2005
 - *História Universal*, Círculo de Leitores, Printer Portuguesa, Lisboa 1989.
 - Medeiros, Maria Emília, (1975). *As Três Faces da Pedagogia*, Livros Horizonte
 - *Moderno Dicionário da Língua portuguesa – Lexicoteca*, Círculo de Leitores, Printer Portuguesa, Lisboa, 1985.
 - Moura, J. Carlos Duarte Moura, *Contos Mitos e Lendas da Beira*, Coimbra, A Mar Arte, 1996.

- Moura, J. Carlos Duarte Moura, *Histórias e Superstições na Beira Baixa*, Castelo Branco, RVJ Editores, 2009.
 - Nunes, António Pires, Ribeiro, João Henriques. *Castelo Branco e sua Região História - Arte – Etnografia*, Epartur, Coimbra, 1980
 - Kalogridis, Jeanne, *No Tempo das Fogueiras*, Lisboa, Saída de Emergência, 2006.
 - Saraiva, J, H, *História Concisa de Portugal*, Lisboa, Publicações Europa América, 1995
 - Redfield, James, *Deus e o Universo em Evolução*, Lisboa, Editorial Notícias, 2002.
 - Espírito Santo, Moisés, *As Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa*, Lisboa, Assírio e Alvim, 1984.
 - Vasconcelos, J. Leite, *Religiões da Lusitânia*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1913.
 - *Revista Lusófona de Educação*, Edição da Universidade Lusófona do Porto, 2008.
- www.ielt.org/pagina/artigos
- www.apantropologia.net/publicações
- [www.folclore – online.com/glossario](http://www.folclore-online.com/glossario)

ANEXOS

I - Lista de Informantes por Localidade

Alcains – Anabela Beirão, António Roxo, Manuel Pequenão, José Pinto, Maria dos Anjos Martins

Alpedrinha – A. Prata

Belmonte – Sandra Marta

Benquerenças – Rosalina Martins Antunes

Borradeira Cristina Gonçalves

Caféde – Paula Cristina, Raquel Martins

Cebolais de Cima – Conceição Afonso

Castelo Branco – João Silva, Elisa Amaro, Maria dos Anjos, José Duarte

Covilhã - Pedro Gonçalves

Escalos de Baixo – M Gabriela de Deus, Amável Fazenda, Manuel Tomé, Maria Catarina Oliveira

Fonte Longa – Miguel Penedo Azeitona, Zulmira Gonçalves Rosa

Fundão - Mónica Sofia Rodrigues, Joaquim Silva Ferreira

Fundada - Conceição Farinha

Janeiro de Cima – João Martins, Helena Martins

Juncal do Campo – Adilio dos Santos Afonso

Lardosa – Natalina Martins, José dos Santos, Joaquim Boavida

Lisga - Pedro

Louriçal do Campo – Nuno Santiago, Sérgio João Correia, João Nogueira

Lousa – Sérgio Mendes

Madeirã – Paula Antunes, Aida Antunes

Malpica do Tejo – Isabel Correia

Mata – Paula Cristina Pereira

Monfortinho – Conceição Patrocínio

Monforte da Beira – Maria Dias

Ninho do Açor – Miguel Carvalhinho

Orjais – Cristina Gonçalves

Penha Garcia – Amélia Carrolino, Ti Xitas, Ti Catrina Avó, Amélia Pascoal

Perais – M Ferreira Mateus

Póvoa de Rio de Moinhos – Domingos Pereira, Elisabete dos Santos Ribeiro, Maria de Fátima Cruz

Rochas de Baixo – Fernanda Santos Marques

S. Vicente da Beira – José Jerónimo Duarte

Salgueiro do Campo – Cristina Soares

Salvador – Ti Candeias

Sarzedas – Isabel Nunes Fernandes

Sobral do Campo – Silvia Belo Cruz

Taberna Seca – Paulo Barata

Tinalhas – Sandra Cristina Calmeiro, Lidia Santos Barata

Tortozendo – Olga Pereira

Vila Velha de Rodão – Odete Roque Silveira, Cristina Caetano

II – Contos Mitos e Lendas da Beira

O CABEÇO DO CARVÃO

Uma vez ia um caçador a passar pelo Cabeço do Carvão em Alcains. Uma mulher ao longe acenou-lhe. “Que me quererá ela”, pensou o caçador. Quando lá chegou ela tinha um pano estendido com passas de figo e disse-lhe para tirar passas.

Ele tirou apenas três, meteu duas no bolso e deu a outra ao cão. Mais adiante lembrou-se e meteu as mãos ao bolso, mas não encontrou as passas mas sim duas peças de ouro. Imediatamente voltou ao local onde encontrara a mulher. Já não estava ninguém, mas no local ouviu uma voz: ”Dobrade-me o meu encanto”. Mais tarde matou o cão para ver se encontrava outra peça de ouro, mas nada mais encontrou.

Recolha efectuada em Alcains – Concelho de Castelo Branco

O CABEÇO DO CACHOPINHO

Em Alcains há um cabeço com este nome; dizem que há muitos anos um cachopinho que andava ali a guardar o seu rebanho desapareceu. Depois de muito procurar o rapaz e o rebanho, apenas encontraram os sapatos do cachopinho com os seus pés ainda dentro. O cachopinho e o seu rebanho tinham sido comidos pelos lobos.

Recolha efectuada em Alcains – Concelho de Castelo Branco

SINO DA IGREJA

Andavam dois homens a lavrar o cabeço da Pelada. Um era de Alcains e o outro da Lardosa. Encontraram um sino que a charrua trouxe à superfície.

Cada um queria que o sino fosse para a sua terra porque o tal cabeço fica entre Alcains e a Lardosa.

Resolveram então ir à sua terra, buscar um carro de bois e o primeiro a lá chegar ficaria com o sino. O homem de Alcains foi o primeiro com direito ao sino.

Este sino encontra-se numa das torres da igreja, mas devido a uma fenda teve que ser refundido.

Recolha efectuada em Alcains – Concelho de Castelo Branco

ANDAVA NA SERRA

Era e não era
qu'andava na serra
lavrando cos bois que não tinha
como podia ser
seu pai estava morto e
sua mãe por nascer
meteu por ma serra abaixo
encontrou ma avelanzeira carregada de avelãs
começou a olhar para elas
com muito arreceio
ainda não tinha colhido nenhuma
já tinha o saco cheio
veio de lá o ladrão do dono
ó ladrão atirou-lhe com um torrão
bateu-lhe num calcanhar e
correu-lhe o sangue para o pescoço.

(A minha mãe costumava dizer um chocalho de merda ao teu pescoço.)

Recolha efectuada em Alcains – Concelho de Castelo Branco

PRAGA DOS GAFANHOTOS

Dizem os antigos que em 1640 a Beira Baixa foi invadida por sucessivas nuvens de gafanhotos. Alcains não escapou a esta praga e as suas searas de centeio, feijão e milho, assim como as hortas, foram destruídas pela praga daqueles insectos. Alguns habitantes lembraram-se de acender fogueiras e outros, com chocalhos e latas faziam barulho tentando afugentá-los. Mas não conseguiram nada.

Então o povo, desesperado, pediu aos Santos da sua devoção que afastassem aquilo que se suspeitava ser castigo.

Tentando lutar contra a fome e com outros males que ela provocava, o povo implorou a protecção de Nossa Senhora, de Nosso Senhor e de são Pedro prometendo realizar 3 festas anuais em Domingos seguidos de Agosto.

Na segunda festa, realizada no quarto Domingo de Agosto, eram feitas ofertas que na maior parte eram de milho miúdo, cereal ou dinheiro.

Percorridas as ruas da povoação, no esperado Dia das Papas cada rancho regressava a casa do seu festeiro, na qual descansavam. Depois, alguns rapazes com os sacos de milho miúdo, trajes de festa, dirigiam-se para os moinhos manuais. Feita a farinha voltavam à casa do festeiro. As raparigas tiravam o carolo dos sacos, e separavam-no. A farinha era lavada repetidas vezes e acendiam-se na rua tantas fogueiras quantas caldeiras de papas calculadas. Os rapazes arranjavam colheres de pau muito compridas para tirar as papas das caldeiras recebendo certos “aborrecimentos” das raparigas que os acompanhavam. Finalmente, as papas ficavam antes do pôr-do-sol e os rapazes punham na rua 3 ou 5 tabuleiros de madeira com mais de um metro de comprimento, onde se vasavam as caldeiras.

Assim, as pessoas pobres e as crianças aproximam-se com colheres para se servirem.

Terminado o jantar das papas, o rancho saía para a rua e em frente da casa do respectivo festeiro, dançava-se e cantava-se.

No entanto, actualmente as festas sofreram algumas alterações. O milho para as papas já não é miúdo e os moinhos manuais já não existem.

Depois desta data foram registadas novas pragas de gafanhotos. Nunca, porém, os efeitos foram tão desastrosos como naquele terrível ano que deixou tristes recordações.

Recolha efectuada em Alcains – Concelho de Castelo Branco

A FADA DO CABEÇO DE CARVÃO

Dizem alguns que se alguém desse sete voltas e meia ao Cabeço do Carvão, da meia-noite à uma hora da madrugada, sem olhar para trás, abrir-se-ia uma porta do Palácio Colossal, com divisões sem fim. E quem entrasse teria de levar um longo calabro a cingi-lo à cintura.

Uma das pontas teria de ficar no exterior, porque se não fosse assim, como são muitas as divisões ninguém daria com a porta de saída e ficaria encantado no lugar da Moura. Está lá uma Moura elegante, graciosa, coberta de esmeraldas, safiras e rubis, que passeia com o visitante mas não lhe fornece informações para tudo o que viu. A Moura encantada presenteia sempre quem a visita.

De uma vez disse a um ganhão, despedindo-se dele à porta: “Toma uma bolsa de passas de figo muito boas”. Quando a porta se fechou atrás de si ele disse: “Ainda bem que tenho ali na cabaça uma pinga de aguardente e se as passas prestaram, com este frio de Dezembro será muito bom.”

Quando foi para comer as passas estas transformaram-se em moedas de ouro. Tentou outra vez e então reparou que quando ia para trincar as passas estas se transformaram em moedas de ouro.

Pouco depois viu-se com um saco cheio de moedas de ouro.

Regressou a Alcains e o ganhão que era pobre tornou-se rico.

Recolha efectuada em Alcains – Concelho de Castelo Branco

O CHIBATO DA FEITEIRA

Diz-se que um dia à meia-noite um homem descia no caminho da Feiteira (Alcains) e ouviu uns berros de um cabrito. Apanhou o animal, pô-lo ao pescoço e levou-o para casa. Consoante ia descendo, o animal parecia crescer e ficar mais pesado e tornou-se tão pesado que lhe parecia um monstro. Não podendo com o animal atirou-o para um silvado. O animal disse-lhe então: “Olha para os meus dentes e vê se não são como os do teu pai”.

Recolha efectuada em Alcains – Concelho de Castelo Branco

RIBEIRO DA VELHA

Em tempos já longínquos, um casal de camponeses construiu junto às margens de um rio a sua habitação, pois ficava perto das suas terras para melhor deslocação para as tratar e junto dos animais que ali podiam pastar.

E ali viviam; tudo seguindo conforme os planos até que uma noite invernosa, fez com que o casal se recolhesse a casa mais cedo. Quando acabaram de jantar o homem foi junto do gado que estava no bardo ou curral, um pouco afastado da sua residência, com o necessário para os tratar. A mulher estava nos seus afazeres domésticos e quando estava para ir para a cama, precisou de sair, e ao abrir a porta, não se conteve e exclamou:

- Mas que noite para ladrões! – Eis se não quando uma voz lhe retorquiu: - E aqui os tem, velha...Sem se perturbar, a mulher convida-os a entrar para se aquecerem à lareira que ainda crepitava e dizendo-lhes que lhes iria preparar uma bela refeição, pois deviam estar esfomeados, àquela hora. Com esta hospitalidade, os malfeitores tentaram acomodar-se o melhor possível, deixando as armas atrás. Alegando ir buscar uma galinha para matar e preparar o comer, saiu de casa e foi avisar o marido, insistindo para ele se dirigir a Castelo Branco a pedir socorro. O homem assim fez. Durante a preparação da refeição, aproveitando a distração dos intrusos, foi deitando para os canos das armas, água, com o fim de impedir o seu uso aquando da chegada das autoridades. Quando já comiam a ceia, que lhes havia sido preparada, surgiam a galope os cavalos montados pelos soldados que

vinham dominar a prender os criminosos. Estes surpreendidos sacaram as armas, que de nada lhes serviam, pois não dispararam. Presos, seguiram o caminho do quartel e do merecido castigo.

Recolha efectuada nas Benquerenças – Concelho de Castelo Branco

SENHORA DO VALVERDE

Diz-se que a capela da Nossa Senhora do Valverde, foi noutros tempos construída noutro local. Segundo consta os povos do Juncal e do Freixal do Campo, muito devotos de Nossa Senhora do Valverde, querendo que a capela fosse construída noutro local mais próximo das suas povoações, vinham roubar a imagem da Santa da sua capela e iam colocá-la na toca duma pedra de granito que ainda hoje se encontra atrás do altar na actual capela. Diziam então que era a Senhora do Valverde que queria a sua capela naquele local e foi portanto, ali construída uma nova capela.

Recolhida em Caféde – Concelho de Castelo Branco

A LEBRE BRANCA E O GALO PRETO

Havia um homem muito selvagem que tinha uma devoção de rezar todos os dias um Pai Nosso a S. Francisco. Quando esse homem estava para morrer apareceu-lhe um anjo e disse-lhe: “Se deres três esmolas avultadas, ainda te salvarás”. Passado algum tempo entrou um velhinho na quinta e os cães não lhe fizeram mal. O guarda quando viu o velhinho dirigiu-se até ele e disse-lhe:

- Como é que entrou aqui sem os cães lhe fazerem nada?

O velho respondeu:

- Eles são mansinhos, fiz-lhes umas festas e eles não me fizeram mal.

O velhinho foi visitar o homem que estava para morrer e pediu-lhe uma esmola, o homem vira-se para o criado e diz-lhe:

- Dá-lhe cinquenta alqueires de milho.
- Mas ele não trás saco – diz o criado para o patrão.
- Dá-lhe um saco dos melhores para levar o milho.
- Também não te como transportá-lo – diz o criado.
- Então põe o milho na carroça e vai levá-lo a casa.

O criado assim fez tudo e lá foi mais o velhinho. Quando já iam a caminho ouviram o sino da igreja tocar. O homem que tinha dado as esmolas ao velhinho já tinha falecido. Nisto passou-lhes por perto uma lebre branca a fugir de um galo preto. O velhinho vira-se para o criado e diz-lhe:

- “O teu patrão já morreu, e a lebre branca, que passou, significa que ele se salvou, o galo preto era o inimigo que vinha a correr atrás dele, mas não o apanhou. Aquele que fizer o bem já neste mundo se salvará e tu meu amigo podes levar o milho que eu não preciso” – e dito isto desaparece.

O velhinho, a quem o homem deu a esmola e com quem o criado falou era o Santo a quem o homem rezava todos os dias um Pai Nosso.

Recolha efectuada em Caféde – Concelho de Castelo Branco

OS HABITANTES DO SUBSOLO

Vai já para alguns anos quando uma parteira terminou o seu turno e saiu.

À porta do Hospital, foi abordada por um indivíduo de aspecto algo esquisito.

O indivíduo pediu-lhe então que fosse ajudar uma mulher que estava e dificuldades de parto.

A parteira embora receosa resolveu ir, mas espanto seu foi-lhe tapada a cabeça e foi conduzida por esse indivíduo estranho.

Andaram pouco tempo, quando lhe destaparam a cabeça encontrava-se num túnel rodeada por pessoas que vestiam e falavam de modo estranho. Fez o seu trabalho, ajudou uma criança a nascer.

Quando terminou, agradeceram-lhe, taparam-lhe de novo o rosto e conduziram-na ao local onde a tinham ido buscar, uma vez aí deixaram-lhe na mão algumas moedas de ouro antigas e desapareceram.

Recolha efectuada em Castelo Branco

O GUILHERME

Era uma vez uma mulher que tinha um filho, e este não obedecia à mãe. Pensou o filho em fugir de casa e foi para os matos cortar lenha para vender na aldeia. Um dia viu uma rapariga de quem gostou e com quem casou.

Deste casamento nasceram seis filhos, com pouca diferença de idade.

Quando o mais velho tinha dezoito anos pensou em fugir de casa e levar os irmãos para os bosques do rei e caçarem veados.

Os pais ficaram muito tristes. Tiveram outro filho, a quem puseram o nome de Guilherme.

O menino tinha cinco anos quando sua mãe morreu.

O pai ficou gravemente doente, pedi ao filho que procurasse os seus irmãos, para eles tomarem conta do Guilherme. Nesta altura, o enfermo lembrou-se do que tinha feito a sua mãe e pediu fervorosamente a Deus que os seus filhos voltassem.

Os filhos voltaram, mas o pai tinha morrido. O Guilherme tinha ficado sozinho com o seu cão Piloto. Os irmãos acenderam um lume, assaram um veado e convidaram o Guilherme para comer.

Este não aceitou. Os irmãos fizeram uma poça e enterraram o pai. Prenderam o cão e levaram o Guilherme montado num burro para um bosque que ele desconhecia. Foi aqui que Guilherme adormeceu e que seus irmãos o abandonaram. Quando acordou e se viu sozinho, correu e chorou todo dia, o mato era tão alto que ele não via nada. À noite ouvia os lobos a uivar e como tinha medo subiu a uma árvore. Pensava no seu cão e rezava. Lá do cimo da árvore viu uma luz. Saiu do mato e já sem medo correu. Quando estava para atravessar um ribeiro sentiu os passos e atirou-se ao chão com receio que fosse algum lobo, era o seu cão que o ajudou a passar o ribeiro e que o defendeu de uma fera esfomeada. O

cão ia ferido e Guilherme muito cansado, quando chegaram à casa de ma velhinha que logo os acolheu e os tratou.

Perguntou-lhe quem era, e como se chamava o pai. O garoto disse que era Guilherme e que seu pai se chamava António Silva. O coração da boa velha deu um salto ao ouvir o nome de seu filho que a abandonara. Agora tinha na sua frente um neto que ela iria amar como seu António.

Guilherme guardava as cabras, foi à escola e foi um bom neto.

Fez-se homem e casou com uma boa rapariga. Tiveram duas filhas e dois filhos, eram muito educados e trabalhadores.

Numa tarde quente de verão, Guilherme saboreava a fresca sombra de uns arbustos, quando viu chegar seis homens todos sujos, e perguntou-lhes:

- Onde vêm?
- Da cadeia.

Guilherme recordou os seus seis irmãos. E perguntou-lhes?

- De quem sois filhos?
- Nós somos filhos de António Silva.
- O que foi feito do vosso irmão mais novo?
- Nós não tínhamos nenhum irmão.
- E o Guilherme que deitasteis aos lobos?
- Perdoa-nos. (Lembram-se que tinham abandonado o irmão quando o pai morreu).

Guilherme chamou a sua mulher e seus filhos para que vissem abraçar os seus irmãos.

Estavam arrependidos da vida que tinham levado, mas não tinham possibilidade de se tornarem homens honestos. Como trabalhadores ninguém os queria, todos desconfiavam deles e não tinham dinheiro para comprarem terreno e o cultivarem.

Foi Guilherme que lhes resolveu a situação. Terreno tinha ele muito onde eles podiam trabalhar e a casa seria construída por eles.

Recolha efectuada em Castelo Branco

LENDA DE S. SEBASTIÃO

Contam os mais velhos que durante as Guerras de Independência, os Escalos de Baixo foram invadidos pelos Castelhanos. Mais tarde, chegaram até Castelo Branco as

tropas Franco-Espanholas. Chegou então aos ouvidos dos Escalheiros que essas tropas iam marchar até à fronteira e por isso passavam obrigatoriamente pelos Escalos e arredores. Com lembranças das anteriores destruições, o povo decidiu combater contra a poderosa tropa Franco-Espanhola começando a rezar a S. Sebastião “defensor da fome, pestes e guerras”. Curiosamente formou-se um denso nevoeiro quando as tropas se aproximavam, o que tornou a povoação despercebida aos seus olhos, passando ao lado. Para cumprir a promessa o povo construiu a capela, situada ao lado da ribeira e fazendo frente à via que dava acesso a Castelo Branco. Também todos os anos são feitos grandes festejos em honra do Santo Defensor.

Recolha efectuada em Escalos de Baixo – Concelho de Castelo Branco

O CRUZEIRO ENSOMBRADO

Num dia de Verão, um casal resolveu ir buscar colmo para fazer vassouras e dirigiram-se para uma ribeira no Alentejo. Quando lá chegaram havia muito colmo e começaram a cortar, mas fez-se de noite e tiveram de lá dormir. Nessa noite viram um vulto do tronco para cima, ouviam os passos mas não viam as pernas. Ouviam-se as correntes a azurrar. Ultrapassou a ponte para o outro lado e começou a tocar o sino. O homem afoito foi atrás desse vulto. Chegou à ponte ia para ultrapassar para o outro lado mas a mulher disse para ele voltar pra trás. Dormiram e no outro dia puseram-se a cortar até se fazer de noite. Nessa noite viram as pernas do tal vulto mas não viram as pernas do tal vulto mas não viram o tronco. Passou outra vez a ponte e começou a tocar o sino e o homem pegou na bengala e ia atrás dele mas a mulher não o deixou ir. Quando se fez de manhã estenderam o colmo. À tardinha foram à aldeia dormiram lá essa noite. De manhã perguntaram a um velhinho o que era aquilo no rio. O velho disse: “Foi um rapaz que morreu lá atado num cruzeiro com correntes e por isso aparece todas as noites.” Foram outra vez ao rio e levaram o velho, chegaram lá e encontraram o colmo todo desfeito e julgaram que tivessem sido os javalis mas o velho disse que talvez fosse o rapaz e nesse mesmo dia voltaram para casa.

Recolha efectuada na Fonte Longa – Concelho de Castelo Branco

O CAVALO MÁGICO

Era uma vez uns grupos de casais que foram a acampar atrás do posto da Polícia em Toulousa. Nessa noite o burro da minha tia começou aos coices ao tanque onde estava preso e a minha tia levantou-se para ver o que se passava.

Ela viu um cavalo todo preto e chamou o meu tio; o cavalo levantou-se a zurrar e o meu tio seguiu-o quando estava mais ou menos a 3 metros dele não conseguia andar nem para trás nem para frente. Depois de estar assim mais ou menos 5 minutos o cavalo preto desapareceu fazendo um clarão.

Recolha efectuada na Fonte Longa – Concelho de Castelo Branco

O CAVALO PRETO

Era uma vez um homem que veio até à Fonte Longa ao Clube Desportivo, mais ou menos Às 10h00 foi para casa e no meio dos pinheiros viu um cavalo preto deitado. Quando ele passou, o cavalo desapareceu logo.

Recolha efectuada na Fonte Longa – Concelho de Castelo Branco

AS TRÊS CHAMAS

Era uma vez uma senhora e um grupo de homens que foram apagar um fogo a outra terra. Ao voltarem de noite viram no caminho três chamas. Um homem atirou-lhes uma pedra e cresceram. Depois eles foram-se embora e passaram por eles no meio da estrada três cobras vermelhas que desapareceram.

Recolha efectuada na Fonte Longa – Concelho de Castelo Branco

LENDA DA MOURA DA MARIA GADANHA

Um dia muito belo apareceu a um senhor uma moça muito bela e que tinha cabelos de ouro. Essa pessoa que passava por ali ao nascer o sol viu a porta da caverna aberta e a

tal dita moça dos cabelos de ouro. A bela moça estava a penteá-los, e com os raios do sol o seu cabelo tinha um aspecto deslumbrante. Então volta-se o senhor e diz-lhe:

- Que moça tão bela que tu és, quem me dera casar contigo!

Nesse mesmo momento que o moço acaba de pronunciar esta frase e a linda moça de cabelos de ouro desaparece.

Recolha efectuada na Lardosa – Concelho de Castelo Branco

O SINO

Um sino foi descoberto entre os limites da freguesia da Póvoa de Rio Moinhos e da Lardosa, pois aí estavam dois lavradores a lavar. Um deles era da Póvoa de Rio de Moinhos, e os dois queriam o sino. No final da discussão, combinaram ir buscar um carro de bois, e aquele que chegasse primeiro ao sítio combinado podia carregar o sino e lavá-lo para a sua aldeia. A distância das duas localidades era praticamente a mesma. O lavrador da Lardosa encontrou perto do lugar onde o sino tinha sido descoberto um carro de bois, claro que o lavrador da Lardosa foi o primeiro a chegar, ele carregou o sino e foi-se embora.

O sino está actualmente na Lardosa na torre da sua igreja. Esse sino tem umas inscrições pouco legíveis.

Recolha efectuada na Lardosa – Concelho de Castelo Branco

HISTÓRIA DO PASTOR LUÍS

O pastor Luís, que guardava ovelhas e cabras nos montes um dia em que vinha dos montes com o seu rebanho passando pela estrada, ouviu um cabrito a berrar. O pobre cabrito estava cheio de frio e todo molhado. O pastor pegou o cabrito às costas e levou-o com ele. Num dado momento, o pastor passou em frente da porta do cemitério o cabrito mijou-lhe as costas. Nesse mesmo momento o cabrito entra para dentro do cemitério e evapora-se, nunca mais ninguém o tornou a ver.

Recolha efectuada na Lardosa – Concelho de Castelo Branco

AS ALMAS DO OUTRO MUNDO

Dizem que as almas do outro mundo foram roubadas pelo padre que estava antigamente na Lardosa. Esse padre tinha o hábito de roubar as coisas aos mortos e também o dinheiro da igreja. Após ele ter feito isso, todos dizem que esse padre foi transformado num porco. No dia em que o padre tinha sido transformado, um senhor que passava por ali viu o porco e foi-se embora para casa. Depois contou a história à mulher dizendo-lhe que aquele porco era uma bela matação. A mulher dele mandou ir buscá-lo, e ele assim fez. O homem queria trazer o porco que era o padre mas ele não se deixava apanhar. O porco tinha tendência a fugir para a sua quinta. O senhor pegou o padre que era o porco pelas orelhas e nesse mesmo momento o porco lhe disse para ele ir puxar as orelhas do pai dele. Dizem que o padre foi para a sua quinta e que de vez em quando ele aparecia lá na igreja, no meio de toda a gente.

Recolha efectuada na Lardosa – Concelho de Castelo Branco

A CABRA E O SEU LEITE

Foi uma vez um pastor que estava no pasto com as suas cabras e dizem que passou uma bruxa e que lhe pediu para lhe dar um pouco de leite que ela estava cheia de sede. Mas o pastor disse-lhe que não lhe podia dar leite porque senão o patrão dele ia dar por falta desse leite, ao que a bruxa lhe respondeu:

“À noite falta lhe acharás”, o pastor nunca mais ligou ao que lhe tinha dito a bruxa.

Quando ele regressou a casa da sua patroa para ordenhar as cabras, a melhor cabra que tinha no rebanho que dava mais ou menos 4 a 5 litros de leite estava sem pingo de leite. A sua patroa perguntou-lhe o que tinha passado, porque é que hoje havia menos leite que nos outros dias. O pastor respondeu-lhe que tinha sido uma das cabras que tinha posto a pata dentro do balde do leite e tinha entornado o conteúdo do balde onde estava o leite.

No dia seguinte o pastor foi para o pasto com as suas cabras. Pelo caminho ele voltou a encontrar a bruxa e disse-lhe: “Ou tu devolves o leite à minha melhor cabra ou eu te mato”, e começou a bater nela com um pau. Por fim ela já suplicava para a deixar que a sua cabra havia de ter novamente leite quando fosse a ordenhá-la, e assim foi. A pessoa que contou esta história disse que teve de ordenhar a cabra duas vezes pelo caminho antes de chegar a casa com tanto leite que a cabra tinha nas tetas.

Recolha efectuada na Lardosa – Concelho de Castelo Branco

A SEMENTEIRA

Dizem que não há muito tempo na altura das sementeiras estava reunido um grupo de pessoas, e nesse dia havia muito vento. Na altura em que o grupo estava a almoçar levantou-se um burburinho devastando toda a sementeira. Nesse momento um senhor do grupo todo enraivado pelos acontecimentos atirou com a faca que ele tinha na mão para o burburinho. As pessoas que viram só sabem dizer que a faca caiu para chão toda cheia de sangue.

Recolha efectuada na Lardosa – Concelho de Castelo Branco

O SENHOR RICO

Era uma vez um senhor muito rico que andava a visitar os seus campos, porque no último dia tinha estado a chover e a fazer muito vento. Quando ele viu toda a sua sementeira destruída disse: “Se eu apanhasse a pessoa que fez isto matava-o!” e apontando com a arma para o céu deu um tiro. Dizem que no mesmo momento a terra abriu um profundo buraco. As pessoas dizem que encontraram o senhor enterrado até ao pescoço todo negro já morto, quando o descobriram todo cheio de sangue mesmo à sua volta.

Recolha efectuada na Lardosa – Concelho de Castelo Branco

PRAGA DOS GAFANHOTOS

Conta a Lenda dos Gafanhotos que por volta de 1640 uma praga de gafanhotos devastou toda a aldeia da Lousa. Todos os habitantes das freguesias vizinhas (Alcains, Escalos de Baixo, Escalos de Cima e Lardosa) resolveram prometer uma festa ao Santo de maior afecto na freguesia, pedindo a as protecção contra aquela terrível praga que os estava a deixar na miséria. A Lousa recorreu a Nossa Senhora dos Altos Céus, com a promessa de fazer uma festa no terceiro Domingo do mês de Maio de cada anos, em louvor e acção de graças se a virgem ouvisse a sua súplica. O povo acorreu ao altar da Senhora pedindo o favor da sua ajuda e foi ouvido. Os danosos bichos desapareceram e os campos e hortas voltaram ao seu vício primitivo. Mas a tradição não fica por aqui... quando se soube na freguesia que os gafanhotos tinham levantado voo, os Lousenses correram aflitos ver em que estado tinham ficado os campos, e as suas searas, pois não acreditavam facilmente que tinha sido um milagre da Virgem. Porém nem todos correram. Um alegre casal (Timoteu e Micaela), ficaram a dançar de alegria no adro da igreja com as suas oito filhas, pensando e bem, que aquele acto de alegria poderia servir de agradecimento a quem depressa lhes tinha ocorrido. Os que regressaram depois de ver as suas hortas e searas juntaram-se àquela família dando largas à sua alegria. E quando todos entraram na igreja para agradecerem À senhora, esta desceu as suas mãos para que todos expressassem o seu agradecimento.

Recolha efectuada na Lousa – Concelho de Castelo Branco

LENDA DAS FORMIGAS

O local é conhecido por Torre, mais especificamente um dos seus cabeços foi o berço da freguesia do Louriçal do Campo e a história até tem as suas razões, pois as povoações antigas costumavam existir em pontos altos, para melhor se defenderem dos inimigos, do que nos pontos altos, para melhor se defenderem dos inimigos, do que nos pontos baixos onde se situa actualmente o Louriçal do Campo. Mas segundo contam os mais velhos um inimigo pelo que eles não esperavam fez mudar o Louriçal para 2 Km mais abaixo. Pois foi

uma epidemia de formigas que fez mudar o Louriçal para mais abaixo com menos rochas e para melhor se defenderem das formigas.

As pessoas instalaram-se depois da Ribeira Ocreza talvez porque as formigas não passavam tão facilmente pela água.

Recolha efectuada na Lardosa – Concelho de Castelo Branco

A MULHER E OS ANJOS

Havia na Mata, uma senhora chamada Maria Isabel que dizem as pessoas tinha o poder de falar com os anjos. Essa senhora sentava-se à porta, juntando as crianças e adolescentes em seu redor e contava-lhes o que a geração dos seus filhos e neto ia ter. dizia ela na altura que as mulheres iam andar atrás dos homens como cães atrás das cadelas. Havia de haver tantos carros no ar como no chão.

Quando dizia isto ainda não tinha visto nenhum automóvel. Havia de haver muitos sapatos sem calcanhar, saias pela meia perna e mais tarde saias com um palmo. As mulheres haviam de casar hoje e abandonar o marido para outro ao fim de uns tempos. Havia de haver muitos cavalos sem tripas e uma electricidade muito grande tanto no ar como no chão. Os miúdos riam-se quando ela dizia isto, chamando-a mesmo de maluca. Ela não ligava e dizia apenas que era verdade. Então voltavam a perguntar-lhe quem lhe contava. Ela respondia que eram os anjos que lhe contavam tudo, quando de noite lhe vinham cortar as unhas dos pés.

Recolha efectuada na Mata – Concelho de Castelo Branco

JOÃO SOLDADO

Havia um rapaz chamado João que foi chamado para a tropa. No fim de 24 anos de servir saiu. Quando acabou dizia ela que o primeiro e o último que tinha ganho foi um pão e quatro vinténs. Vinha ele a caminho de casa com o seu ordenado quando lhe surgem dois

homens pedindo esmola. Era Nosso Senhor e São Pedro. Partiu o pão ao meio e deu metade a cada um. Foram embora e ele continuou seu caminho. Mais à frente voltaram a aparecer-lhe Nosso Senhor e São Pedro, pedindo esmola. João Soldado disse-lhes: - Bem me lembro, acho que já lhes dei esmola, mas pensando bem João Soldado serviu o rei 24 anos o primeiro que lhe tirou foi um pão e quatro vinténs, o que é meu é dos outros, tomai lá. - E dividiu os quatro vinténs. Pedro chegou-se ao Nosso senhor e disse: - Ó mestre, ele ficou em nada, como vai ele agora fazer. - Nosso Senhor respondeu: - Não te preocupes.

Voltou-se para João Soldado e perguntou: - O que queres tu para ganhares a vida? Este respondeu: - O que eu queria mesmo é ter de que comer e que ninguém fizesse pouco de

mim. Nosso Senhor entregou-lhe um bornal dizendo: - Pega nele e põe-o às costas, quando quiseres comer, basta dizer, “Abre-te bornal, estende-te pano e põe-te mesa”. Logo terás tudo do bom e do melhor. E assim era, João Soldado tinha tudo. Um dia ao passar por uma feira, estava um feirante a assar uma chouriça. João Soldado, deu um ai e disse: - Oh,

chouriça salta para o bornal. Logo a chouriça deixou as brasas, passando por cima da cabeça de um freguês e veio directo para o bornal de João Soldado. O feirante quando ia comer a chouriça não a tinha. Como este se lamentava pela perda da chouriça, João

Soldado voltou a dar-lha. Seguiu este o seu caminho. Ia cansado e com fome, quando chegou a uma aldeia e pediu pousada. Na primeira casa disseram que não tinham quartos.

Indicaram-lhe uma casa onde se comia e bebia bem. Havia lá muitos quartos, mas que ninguém lá queria pernoitar, pois andava lá o medo. Pois aí tinha morrido um condenado.

João soldado disse: - É para aí mesmo que eu vou, não tenho medo.

Chegou e puseram-lhe logo a mesa com tudo o que queria juntamente com um garrafão. Quando bebia ouviu dizer lá em cima, no telhado: - Ai que eu caio, ai que eu caio. Responde João Soldado: - Cai se quiseres, João Soldado serviu o rei 24 anos, o primeiro que lhe tirou foi um pão e quatro vintens por isso nem teme nem deve. Continuou a beber, logo caiu um braço. Nada importou, continuou a beber. Tempos depois ouviu outra vez a voz: - Ai que eu caio, ai que eu caio. João sem medo voltou a dizer: - Cai se quiseres, João Soldado serviu 24 anos, o primeiro que lhe tirou foi um pão e quatro vintens

por isso nem teme nem deve. Logo caíu uma perna. João Soldado ficou passivo, continuando sua refeição.

Tempos depois voltou a ouvir: - Ai que eu caio, ai que eu caio. Voltou João soldado a dizer: - Já te disse cai se quiseres. João soldado serviu rei 24 anos, o primeiro que lhe tirou foi um pão e quatro vuntens por isso nem teme nem deve. Caíu o corpo do condenado, que tinha ido para o inferno e cuja alma pairava sobre a pousada. O diabreto voltou-se para João Soldado e disse:

- Agora vais ter de te haver comigo. João Soldado respondeu:
- Vem daí, mas antes aconselho-te a subir aquela árvore e comeres umas frutas, enquanto eu acabo de comer. O diabreto assim fez, subindo de seguida à árvore.

João Soldado, assim que o viu no alto pegou no seu bernal e pô-lo às costas. Quando o diabreto saltou da árvore já satisfeito, João Soldado ordenou:

- Salta para o bernal. Este não queria, mas a tentação foi maior que ele e entrou. Quando João Soldado o apanhou lá dentro começou a bater-lhe com um pau. O diabrete voltou para o inferno todo partido. Quando lá chegou explicou ao diabo o que tinha sucedido. Este, todo zangado replicou: - Deixa lá, agora vou lá eu. Meteu pés a caminho. Quando lá chegou, João Soldado continuava a comer e a beber. Voltou-se para o diabo para João Soldado e disse: - Venha daí. Quando este se levantou João Soldado disse: - Salta para o bernal. Este acabou por entrar e voltou a bater-lhe com o pau. Quando saiu, saiu todo partido. Voltou para o inferno e mandou chamar ferreiros de ferro, pois não queria que João Soldado lá entrasse. Não havia força nenhuma que o derrubasse.

Recolha efectuada na Mata – Concelho de Castelo Branco

AS BRUXAS DA MATA

Havia na Mata, uma senhora, já com 45 anos e não tinha filhos. Quando saía para a horta com o seu marido, dizia às suas vizinhas: - Oh! Vizinha, se os meus chorarem, faz favor de os ir buscar, e dar de comer. As vizinhas respondiam: - “Nosso Senhor não é surdo, ainda a há-de castigar”. No ano seguinte, ficou grávida e teve 2 filhos gémeos. Como era de idade, não tinha leite que chegasse para os dois. Quem os criou foram duas cabras que ela possuía. Depois voltou a ficar grávida e teve um trio. Duas meninas e um menino, eles também foram alimentados com o leite das cabras.

Havia por outro lado, um preconceito muito grande com respeito à existência das bruxas. Entre as 24h00 e a 1h00, ninguém saía à rua. Diziam que era a hora das bruxas se juntarem na encruzilhada das ruas para executarem suas danças e maldades. As pessoas acreditavam que existiam, apesar de nunca as verem. Desconfiavam de certas pessoas.

Muitos casais descobriam-se umas aos outros. Se por acaso um deles acordasse a essa hora, e não visse seu companheiro (a) na cama, era porque ele (ela) também era bruxo (a). Então toda a gente ficava a desconfiar dele (a). Para fazer mal às pessoas, eles sacrificavam animais. Há quem diga que é verdade, pois foram vistos por duas vezes; numa oliveira, no seu último ramos mais fino, uma cabra enfiada pela cabeça num dos galhos do ramos, coisa extraordinária. A cabra nunca se ia enfiar nesse galho enfiando-o na boca até ao rabo. Depois o galho, por mais fino que fosse, e por mais gorda que a cabra fosse, este nunca vergava. Dizem as pessoas que isso só é obra das bruxas.

Quem cozia pão, tinha o quarto onde estava, sempre fechado à chave. Pois as bruxas divertiam-se com o pão. Levavam-no até à cozinha, faziam uma cruz no chão com o pão. Este ficava com a parte de baixo voltada para cima. Dizem os antigos que dá má sorte colocar o pão na mesa com a parte de baixo para cima.

Minha avó, contou-me uma história passada com ela quando ainda era recém-casada.

Meu avô, veio com o dinheiro do dia e deitou-se para cima da mesa todo amarrotado. Minha avó foi fazer o comer e esqueceu-se do dinheiro. A irmã do meu avô foi lá a casa pedir um copo de água ao qual minha avó respondeu que podia beber em baixo pois estava mais fresca. Quando esta última abalou, minha avó lembrou-se do dinheiro. Foi ver e o dinheiro tinha desaparecido. Quando meu avô chegou, ela contou-lhe o sucedido, este não acreditou que a irmã fizesse uma coisa dessas. Tiraram tudo quanto havia de em cima da mesa e sacudiram a toalha. Mas nada, nem rasto do dinheiro. Minha avó muito descontente pegou no balde da comida de porco e pô-lo na cabeça. Chegada entre as portas, voltou a olhar para a mesa e começou a lamentar a perda da jornada, pois fazia-lhe muita falta.

De repente a sua atenção é chamada para um canto da toalha quadrada. Chamou meu avô e disse-lhe: Ó Joaquim olha, olha bem. Vês o que eu vejo? – Sim, responde este – é o dinheiro. Está como se colado, ponta contra ponta e como se tivesse sido passado a ferro. Ela ficou contente de encontrar o dinheiro mas ficou descontente de pensar que as bruxas andavam a brincar com ela. Pois a irmã do meu avô não podia nem que quisesse deixar a nota tão direitinha, nem negas.

Recolha efectuada na Mata – Concelho de Castelo Branco

O VELHO O MENINO E O BURRO

Era uma vez um velho, um menino e um burro e foram a uma feira. Passaram numa barra e as pessoas começaram logo a “mermurar” porque não iam montados. Então o velho montou o menino no burro. Passaram noutra aldeia e as pessoas tornaram a “mermurar” se o velho não se envergonhava de ir a pé que era mais velho e o menino a cavalo. Então o velho tirou o menino e montou-se ele. Passaram noutra aldeia e as pessoas de novo “mermuram” de ir o velho montado e o menino a pé. Então o velho resolveu montarem-se os dois. De novo passaram noutra aldeia e as pessoas de novo “mermuraam2 se o velho não tinha pena do burro e irem os dois montados. Então o velho disse: “não sei como hei-de calar a boca ao mundo, mal se vou a pé mal se vou a cavalo.”

Recolha efectuada na Mata – Concelho de Castelo Branco

ORIGEM HISTÓRICA DA PÓVOA DE RIO DE MOINHOS

O facto da Póvoa de Rio de Moinhos estar localizada entre o Ocreza e a Ribeirinha foi explicado durante muito tempo, pela quantidade de águas que a Ribeirinha levava, a tal ponto de saírem do leito e alagarem os campos vizinhos de uma fazenda denominada Mortogão e Mourarias. Tentando escapar deste incidente os habitantes resolveram edificar pouco a pouco as suas casas de habitação neste local, onde hoje se situa.

Estando mais defendidos de semelhantes incidentes foram-se aglomerando pouco a pouco dando origem à Pova ou Póvoa.

Assim, chamava-se Póvoa de Rio de Moinhos por estar situada entre dois: O Ribeirinha e o Ocreza, que mais abaixo se unem e fazem um afluente do Tejo, e Moinhos por existirem nesta região muitos moinhos, estando actualmente alguns em funcionamento.

Recolha efectuada na Póvoa de Rio de Moinhos - Concelho de Castelo Branco

NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO

Há na Póvoa uma lenda sobre capela da Sr.^a da Encarnação que diz o seguinte: A capela da Sra. Da Encarnação pertencia à Póvoa mas estava situada no terreno de Tinalhas. Foi naquele lugar da quinta do Sr. Visconde de Tinalhas porque havia lá um cabeço de Nossa Senhora da Encarnação no qual diziam que a Sra. Aparecia a cavalo num burrinho (o cabeço é o mais alto desta zona e é espantoso como ele se segura). Começando as pessoas a ter muita devoção pela Santa, resolveram dedicar-lhe um dia de festa – Segunda Feira de Páscoa – e fizeram-lhe um santuário. Nessa festa religiosa participavam a duas povoações, visto a Santa ter aparecido em terrenos de Tinalhas e ser também disputada pelas gentes da Póvoa. Começaram as bulhas e os homens de Tinalhas à noite roubavam a Santa, mas dizem, ninguém sabia como. No dia seguinte a Santa aparecia sempre na Póvoa. As pessoas da Póvoa diziam que não havia dúvidas de que a Santa preferia a Póvoa pois voltava sempre para lá. Mas a festa continuava a fazer-se com as duas povoações. Até que num certo dia, uma menina estava sentada no muro da cerca e veio um rapaz de Tinalhas que a empurrou. Aí ela caiu e vieram os pais de ambos. Houve uma grande zaragata entre gentes da Póvoa e as de Tinalhas conseguindo os da Póvoa expulsar os de Tinalhas, tendo ficado com a Santa. As pessoas de Tinalhas estavam terminantemente proibidas de visitar a capela da Santa. Por rivalidade, estas fizeram uma capela, compraram uma Santa e começaram a fazer festas na mesma Segunda Feira de Páscoa.

Entretanto surgiram várias quadras que se cantavam por rivalidade.

Recolha efectuada na Póvoa de Rio de Moinhos - Concelho de Castelo Branco

LENDA DO CABEÇO DA CANTAREIRA

Contam os antigos que no Cabeço da Cantareira existiam Mouros e Mouras encantados, e que viviam em profundas e longas cavernas. E as pessoas começavam a ver os Mouros quando para lá iam com os rebanhos de gado. Mas quando começaram a falar da existência desses Mouros nessas cavernas, havia pastores que deixaram de para lá ir porque tinham medo, apesar de dizerem que os Mouros tinham lindos rostos e não lhes faziam mal só faziam gestos da porta das cavernas. E se alguém para lá ia de manhã cedo encontrava sempre montes de carvão perto das cavernas.

As pessoas nesse tempo para irem À missa tinham que lá passar perto porque só havia uma capela nas Sarzedas, em Santo André ainda não se dizia missa, e então as pessoas iam em grupos. Havia uma certa mulher chamada Joana que tinha uma filha chamada Felícia, que dizem ser essa menina muito bonita. Então a mãe todos os Domingos quando ia para a missa antes de passar o cabeço sujava a cara da menina com o medo que os Mouros lha roubassem. E dizia para a filha:

- Anda para aqui Felícia que pode vir um Mouro encantado e roubar-te!

As pessoas antigas sempre disseram que nessas cavernas existia riqueza. Conta a lenda que quando uma pessoa fazia uma casa ou outra coisa qualquer de valor que necessitava de dinheiro, e outra lhe perguntava onde é que arranjou dinheiro dizia:

- Olha foi ao cabeço da cantareira!

E ainda hoje pessoas que utilizam essa expressão. Há até quem sonhasse com arcas cheias de ouro!

Recolha efectuada em Santo André das Tojeiras - Concelho de Castelo Branco

LENDA DO MARMELEIRO DO FRANCÊS

Aquando da primeira invasão francesa o exército invasor seguia da Covilhã em direcção a Castelo Branco.

Sendo informados da resistência que os guardava na soalheira, alteram o seu itinerário. No Salgueiro do Campo o povo escondeu-se onde podia, levando consigo alimentos e pequenos tesouros, pois os Franceses eram vistos como filhos de Mafarrico. a resistência foi feita coma a organização de pequenos grupos, tendo ficado um pequeno destacamento Francês no Salgueiro. O mesmo foi despachado aquando da vitória Anglo-Portuguesa sobre França. Quando a alegre notícia da expulsão dos Franceses chegou ao Salgueiro logo o tirano Francês foi duramente castigado. Após ter sido espancado foi enterrado vivo perto do cemitério. No local foi enterrada a vara de marmeleiro que ganhou que ganhou raízes e se transformou num grande marmeleiro, a que se chama o marmeleiro do Francês.

Recolha efectuada em Salgueiro do Campo - Concelho de Castelo Branco

A LENDA DA MOURA

Noutros tempos existia no Salgueiro do Campo uma barraca no sítio da Penha, que lhe chamavam a Casa da Moura. Esta, tinha dantes, à maneira de um altar que foi destruído por um pedreiro, que a utilizou na construção da sua casa na Rua da Serra.

Embora a referida pedra da Casa da Moura não chegasse, fez no entanto parte da obra.

No entanto, a lenda que ainda hoje é conhecida pelos Salgueirenses, conta que a referida Moura enterrou na Penha uma caldeira cheia de moedas de ouro.

A caldeira, porém, nunca foi encontrada, pois segundo a mesma lenda a sua asa gastou-se devido ao constante passar dos rebanhos.

Recolha efectuada em Santo André das Tojeiras - Concelho de Castelo Branco

TRIÂNGULO DAS TRÊS CAPELAS

Conta a lenda que Santa Cruz, S. Brás e S. Tiago eram três irmãos e que estes demonstraram o desejo de que as capelas em sua honra se avistassem umas às outras.

E na verdade assim acontece. Da capela de Santa Cruz existente no Sobral do Campo avista-se a capela de S. Brás no Barbaído e a de S. Tiago que se encontra na Partida.

Recolha efectuada em Sobral do Campo - Concelho de Castelo Branco

O ESCORPIÃO E O TESOURO

Por baixo de uma rocha que está situada junto à capela de Santa Cruz no Sobral do Campo, dizem que há um grande escorpião que guarda um tesouro. Mas ninguém se atreve a ir desenterrar o tesouro porque se alguém o fizer, deparará com a cabeça do escorpião. Nessa altura pode-se matá-lo e ficar com o tesouro. No entanto se se deparar com a cauda poderá morrer.

Recolha efectuada em Sobral do Campo - Concelho de Castelo Branco

A LENDA DAS FORMIGAS

Existe à entrada do Sobral do Campo um cruzeiro, num local chamado Chaparral, cruzeiro este que anteriormente não estava ali mas sim num local situado a dois quilómetros, Fonte dos Alamos.

Segundo a história foi nesse local que se iniciou a construção da povoação. Acontece que nesse local existia grande quantidade de formigas, que frequentemente atacavam as crianças, especialmente os bebés. Devido a tal facto foi necessário mudar a povoação local.

Quanto ao cruzeiro este continuou na Fonte dos Alamos até 1952, altura em que a junta de freguesia ordenou que a transferissem para o local onde está hoje.

Recolha efectuada em Sobral do Campo - Concelho de Castelo Branco

O RAPAZ E OS LOBOS

Conta a lenda, que m rapaz namorava uma rapariga e que uma noite resolveu ir vê-la às escondidas dos pais. Para isso colocou debaixo dos cobertores várias almofadas dando a impressão de lá estar.

A mãe do rapaz acordou sobressaltada com a sensação de que o filho não estava em casa. Levantou-se, foi ao quarto dele e vendo o vulto voltou para a cama. Mas continuava inquieta. Levantou-se novamente dirigiu-se à cama do filho, destapou as almofadas e viu

que este não estava lá. Imediatamente ela, o marido e mais algumas pessoas se puseram à procura dele.

Foram encontrá-lo no meio do mato com um pau na mão rodeado de lobos. Quando o viram, gritaram:

- Descansa que já aqui há quem te valha.

O rapaz distraiu-se e imediatamente e os lobos aproveitaram essa distração para se deitarem a ele e o desfazerem. A lição que nos pretende dar esta lenda é a seguinte:

Se as pessoas tivessem agido silenciosamente; e anteriormente pedido ajuda a S. Sebastião (padroeiro da freguesia) em princípio tudo teria corrido pelo melhor: mas em vez disso precipitaram-se e querendo mostrar que eram fortes e que nada havia a temer, a desgraça aconteceu.

Recolha efectuada em Sobral do Campo - Concelho de Castelo Branco

LENDA DA SENHORA DA ORADA

Uma donzela da vila, filha de pais honrados, foi acometida de uma terrível moléstia que lhe fez inchar muito o ventre.

O pai pensando que ela se tinha esquecido do que devia a si e aos seus, levou-a a um lugar cheio de matos e bosques incultos, onde havia muitos animais ferozes, decidido pôs a filha à ferocidade deles. Esta, que estava inocente, implorou à misericórdia da Santíssima Virgem, a qual lhe apareceu, dizendo-lhe que não temesse nada que ela lhe valeria. Disse-lhe que o inchaço era produzido por uma cabra que se havia gerado no ventre, que fosse para casa e dissesse ao seu pai que mandasse aquecer um pouco de leite e que ao cheiro dele, sair-lhe-ia a cabra pela boca. Assim fez e o resultado foi como se esperava. O pai da Donzela, mandou logo construir na tal brenha onde tinha exposto a filha, e na ermida colocou a pele de cabra.

O local da aparição da Nossa Senhora da Orada, em memória da oração que ali fizera a filha, e na ermida colocou a pele da cabra.

O local da aparição da Nossa Senhora da Orada encontra-se assinalado com uma cruz de pedra, que fica próximo da capelinha.

Recolha efectuada em S. Vicente da Beira - Concelho de Castelo Branco

ACONTECIMENTO EM S. VICENTE DA BEIRA HÁ SECULOS ATRÁS

Uma rapariga foi beber água num ribeiro. Quando bebeu a água engoliu uma cobra pequenina e depois a cabra foi crescendo e o ventre da rapariga também crescia. O pai pensando que ela andava grávida foi pô-la a um monte chamado Couto, para as feras a devorarem e ela rezou muito e pediu a Nossa Senhora para lhe acudir. Depois Nossa Senhora apareceu-lhe e disse-lhe:

- Vai para casa e diz a teu pai que ponha uma caldeira com leite a ferver ao lume e que te debruce para dentro do leite e o que tens lá dentro, te sairá.

A rapariga regressou e fez o que Nossa Senhora lhe tinha dito e uma cobra lhe saltou lá de dentro.

O pai em agradecimento a Nossa Senhora mandou construir uma capela no local do milagre em honra a Nossa Senhora da Orada. A partir daí todos os anos fazem uma festa no quarto domingo de Maio onde vai muita gente e onde já tem havido mais milagres.

Recolha efectuada em S. Vicente da Beira - Concelho de Castelo Branco

TABERNA SECA

Diz a lenda que os primitivos habitantes se estabeleceram num local a cerca de dois quilómetros para Norte da actual Taberna Seca e a cerca de uns 500 metros para cá do rio Ocreza. Foi aí situada com o nome de Casalinhos e ainda hoje se pode bem observar em dois cabeços a pouca distância um dos outros dois casebres, pois em qualquer deles existiam ainda parte das divisórias. Pode até concluir-se que devido às fracas condições de alojamento da época, que ali deviam habitar quatro ou cinco famílias. Diz a lenda que estes primeiros habitantes foram obrigados a abandonar este local pelo motivo das famílias comerem os olhos aos seus filhos recém-nascidos que deixavam a dormir enquanto os pais se ocupavam na sua faina agrícola. Esses habitantes resolveram então estabelecer-se onde é hoje a actual Taberna Seca, com o nome de Airosa passando mais tarde a denominar-se

Taberna Seca, pelo motivo de chegar a este local um grupo de almocreves ou mercadores, que acabaram com o vinho numa fraca taberna já ali existente nessa época. Deriva daqui o nome da Taberna Seca, porque os mesmos queriam beber mais e já não havia vinho.

Recolha efectuada em Taberna Seca - Concelho de Castelo Branco

LENDA DOS MOUROS

Contam as pessoas mais idosas de Tinalhas, que num terreno chamado Chão da Capela (outrora pertencente ao Visconde de Tinalhas) havia uma mina - a dos Mouros. Nessa mina diziam que havia mesas, bancos, camas, tudo feito em pedra.

Diz-se que aí viveram os Mouros durante muito tempo aquando da sua estadia cá.

Recolha efectuada em Tinalhas - Concelho de Castelo Branco

LENDA DA COBRA

Via-se uma cabra com um olhar muito estranho, que até parecia humano no Ribeiro das Oliveiras. A cobra aproximava-se das crianças recém baptizadas que as mães deixavam nos seus berços debaixo das oliveiras. Ao verem a cabra as mães fugiam aterrorizadas com os seus filhos num lado e a roupa no outro.

Caso estranho é que a cobra se levantava a observar as crianças como se esperasse algo delas. As mães aflitas contaram ao padre. Este disse que isto acontecia quando havia recém – nascidos, possivelmente cobra queria lambar os óleos sagrados do baptismo. Provavelmente tratava-se de uma Princesa encantada que com os óleos sagrados quebraria o seu feitiço. Depois disto a cabra com os filhos debaixo das oliveiras. Dizem que a cobra já tinha sugado os óleos sagrados e quebrado o seu feitiço.

Recolha efectuada em Tinalhas - Concelho de Castelo Branco

LENDA DAS BRUXAS

As pessoas mais idosas de Tinalhas contam por vezes, que nos seus tempos havia bruxas, as quais saíam de casa entre a meia noite e a uma da madrugada. Encontravam-se nos cruzamentos onde dançavam nuas (mas ninguém as via, pois eram invisíveis e não se conheciam umas às outras).

Se desse a badalada da uma hora no relógio da torre e elas não estivessem já em casa, já não podiam ficar na rua sem serem vistas nuas.

Conta a lenda que uma vez houve uma que deixou que batesse a uma hora sem ir para casa, foi apanhada por um homem, toda nua que a reconheceu e viu que era sua tia.

Também uma mulher, certa noite estando na cama, sentiu um grande peso em cima de si e sentiu-se afoguentada, mas não conseguiu gritar nem sequer falar. Então pensou para consigo credo e ao proferir silenciosamente esta palavra começou a sentir o peso diminuir a sentir-se menos sufocada. Benzeu-se muitas vezes e meteu-se debaixo dos cobertores sem voltar a ser importunada por nada semelhante.

Outro dos episódios das bruxas, foi o de um homem que saiu de casa à meia-noite e encontrou na galinha que a cada pancada que se lhe dava, cantava. “Era uma bruxa”, disse o homem.

Conta-se ainda que há já muitos anos uma mulher que fora cozer o seu pão no forno do povo, à uma hora menos cinco minutos saiu do forno com o tabuleiro de pão à cabeça, quando viu um cavalo a correr atrás dela e muito aflita fugiu para um balcão de pedra que ali se encontrava. O cavalo foi atrás dela mas assim que soou a badalada da uma da manhã o cavalo desapareceu misteriosamente.

Recolha efectuada em Tinalhas - Concelho de Castelo Branco

A SENHORA DO MIRADOURO

Esta capela apareceu em Tinalhas devido a uma promessa, segundo reza a lenda. Na altura da 1ª invasão Francesa 1807 – 1808, os habitantes de Tinalhas, ouvindo dizer que os franceses matavam as pessoas, fizeram uma promessa; promessa que consistia em que os Franceses não conseguissem levar nada, construiriam uma capela no cimo do morro que ali existia.

Quando os Franceses chegaram as pessoas refugiaram-se todas no cimo do morro. Como os Franceses vinham a cavalo não conseguiam de maneira nenhuma escalar o morro. Então danados exclamavam:

- Avança cavalo, não sabemos que Santo é este que tremendo milagre faz!

No momento em que eles tentavam subir, ouviam uma voz que dizia:

- Avança barreira, avança.

Assim, eles não levaram nada. Então como havia sido prometido a capela foi construída em cima do morro e foi-lhe posto o nome de Capela da Sra. do Miradouro.

Dizem ainda que é o Santo de devoção dos rapazes que vão à inspecção. Já lá vão alguns anos em que os rapazes que iam à inspecção, faziam uma grande festa, com Missa e Procissão pelas ruas da aldeia.

Recolha efectuada em Tinalhas - Concelho de Castelo Branco

ANTES DO POVOAMENTO DE ORJAIS E BORRALHEIRA

Tudo teve início na Serra de Nossa Senhora das Cabeças (Abas da Serra da Estrela) onde existia um castro e morava um senhor muito rico com os seus servidores. A terra que se situava entre a Serra até ao Rio Zêzere tinha o nome de Campos de Trigo. O dono daquelas terras tinha uma filha que casou com Viriato, atribuindo assim a região da Serra da estrela à Beira Baixa. Aquela região foi abandonada. Os moradores levaram consigo o que puderam, deixando o resto aos invasores.

Fugindo ao longo do rio Zêzere o perigo era constante por causa das emboscadas, então para que pudessem fugir com mais velocidade quando chegaram à actual Borralheira

enterraram o seu tesouro que mais tarde pensavam vir recolher, quando tivessem oportunidade. Infelizmente essa oportunidade nunca ocorreu, ficando assim o tesouro enterrado.

Recolha efectuada na Borracheira - Concelho da Covilhã

O CABEÇO DO JUIZ (O) DE FORA

Neste cabeço, situado na Serra da Gardunha e “a avistar para Castelo Novo”, encontrava-se uma imagem de pedra, com bancos em pedra, para onde uma família se mudou nos tempos das grandes guerras. Lá e cima havia uma barroca com água onde os pastores iam dar água ao gado e às vezes botavam-se à bulha por causa do gado que se misturava. Então era nesse cabeço onde morava a tal família de fora que os pastores consultavam o juiz(o) que decidia as pertenças do gado.

Recolha efectuada em Alpedrinha - Concelho do Fundão

SÃO JORGE

Antes o Anjo da Guarda era o Santo de Alpedrinha, mas foi levado para o Fundão emprestado pouco antes de a sede do concelho ser mudada para lá e então durante a viagem (pela estrada Romana que leva ao Fundão) e até ao alto da serra o Santo foi virado para Alpedrinha, e a partir do alto da serra (sobranceira de Alpedrinha) foi virado para o Fundão, foi assim porque sabia que não mais ia voltar, para se despedir-se de Alpedrinha.

Recolha efectuada em Alpedrinha - Concelho do Fundão

LENDA DE S. SEBASTIÃO EM JANEIRO DE CIMA

Cerca do ano de 1757-58, a população de Janeiro de Cima foi assolado por uma forte epidemia, devido à qual sucumbiu uma grande parte do número de habitantes de então. As mortes eram em tão grande escala e o medo que a epidemia se alastrasse era de tal ordem, que muitas vezes as pessoas ainda não haviam morrido completamente, e já as estavam a enterrar. Segundo a lenda a perda de vidas teria sido maior se não tivesse sido a divina interferência de S. Sebastião. A história que passou de geração em geração, é esta: Os Janeirenses ao verem dia a dia a sua população diminuir, decidiram recorrer a S. Sebastião, advogado das pestes, guerras e epidemias, pedindo que os ajudasse. Como não tinham a imagem do mártir, pediram-na à aldeia vizinha, Janeiro de Baixo. Mas os habitantes de Janeiro de Baixo, receando que a epidemia se alastrasse para outro lado do rio, não permitiram que os habitantes de Janeiro de Cima fossem à sua aldeia buscar o Santo. Na manhã seguinte, vieram eles mesmos, de madrugada, colocar o Santo na margem esquerda do rio, partindo imediatamente tal era o seu medo. Como o Santo afastou a peste, os Janeirenses cumpriram o que lhe haviam prometido; construíram-lhe uma capela e compraram uma imagem do Santo, celebrando no dia 20 de Janeiro de cada ano a sua festa. Nessa festa 16 Janeirenses oferecem 100 pães e 5 litros de vinho começando-se a dádiva no cimo da aldeia e dando a volta completa. A festa ou tradição, mantém-se ainda hoje, oferecendo os Janeirenses este bodo, pão e vinho, a quem se encontrar no local. Esta é uma das tradições mais pitorescas desta aldeia.

Recolha efectuada em Janeiro de Cima - Concelho do Fundão

LENDA DOS JANUÁRIOS

Por volta do século XVI, XVII, (não se sabe a data ao certo), um senhor, talvez nobre, possuidor de grandes bens e terras nas duas margens do rio Zêzere, resolveu, ao morrer, legar os seus bens aos dois filhos de nome Januários. Entregou a um as terras da margem direita do rio, ao outro as da margem esquerda. Assim nasceu Janeiro de Cima na margem esquerda de Janeiro de Baixo na margem direita.

Mas Janeiro de Cima não começou a sua formação no local onde hoje se encontra. A primeira pedra foi lançada numa pequena elevação ainda hoje chamada “Esmoroços”, local onde construíram a sua primeira igreja, uma capela em honra do Divino Espírito Santo. No entanto, nos Esmoroços as formigas eram muitas e atacavam os berços das crianças, principalmente no Verão. Foi então que os antigos, que eram muito sabidos, decidiram soltar no local que esses animais que possuíam (burros e vacas) por uma noite; no local que esses animais fossem pernoitar construíram eles as suas casas parecem cair aos pedaços, perguntando-se as pessoas como é que elas ainda se mantêm de pé. A partir desse cabeço é que a povoação se começou a alargar formando hoje uma das maiores freguesias do Fundão.

Recolha efectuada em Janeiro de Cima - Concelho do Fundão

LENDA DE JANEIRO DE CIMA

Segundo diz a lenda Janeiro de Cima, aldeia do Concelho do Fundão do qual dista 43 quilómetros, deve o seu nome aos seus fundadores, os Januários, que como diz a lenda eram filhos de um rico senhor, que resolveu dividir as suas terras pelos seus dois filhos. Um ficou a morar no que viria a ser Janeiro de Cima e o outro onde viria a ser Janeiro de Baixo. Contudo a formação da aldeia não se iniciou no mesmo local onde hoje se encontra situada. Esta bela aldeia da margem do rio Zêzere, iniciou-se antes num local denominado Esmoroços um pouco mais afastado do centro da aldeia. Infelizmente as formigas eram muitas e no Verão atacavam as crianças no berço, pelo que os ancestrais decidiram que tinham de mudar de local.

Tiveram então uma ideia: deixar o gado, cabras e vacas à solta durante a noite, onde o gado fosse pernoitar seria o seu novo lar. Ao amanhecer os animais tinham-se deslocado para um lugar denominado Vale, por e encontrar numa espécie de cova e por ter terra funda e preta. Aí estabeleceram a sua nova morada e construíram a nova Igreja que data do séc. XVII. Ainda hoje, quem for a Janeiro de Cima, encontra neste local casas ancestrais feitas de pedra de barro, prestes a caírem pela sua muita idade e uso memória de tempos imemoriais. *Recolha efectuada em Janeiro de Cima - Concelho do Fundão*

O REI E A RAINHA

Na primeira carruagem
Vinha o Rei, a Rainha
Quando a tal cabrina
O Rei experimenta a coragem.
Só no chão teve paragem
Morreu sem outra esperança.
A rainha com muita ânsia
Soltou gritos de socorro:
- Portugueses vinde todos
A ver D. Carlos de Bragança
Espelho de mocidade.
- Adeus minha Mãe querida
 Esposa tão amiga e tão bela
 Adeus Princesa D. Amélia (Avó)
 A quem eu queria tanto bem,
 Adeus meu mano também
 Agora ficas senhor da coroa.
 Dá-te com toda a pessoa
 Para se viver neste país

 Que o Príncipe D. Luís
 Apregue em toda a Lisboa.
 Adeus amigo João franco
 De minha morte causador
 Queria-te mandar para Timor
 Uma gente que eu gosto tanto.
 Para fugires não eras manco
 Tens essa felicidade
 Senão tinhas a barbaridade
 Que D. Carlos sofreu

Todos os dias ele morreu
Adeus ó Pátria querida.
Correm todos Portugueses
À primeira capital
Ver D. Carlos de Bragança.
Espelho da mocidade
Correm todos Portugueses
À cidade de Lisboa
A ver D. Carlos de Bragança
Que perdeu a vida e a coroa.

- Que linda está Joaquina
Pareces uma condessa
Vestida à última moda
Já de touca na cabeça.
- Sequer o senhor conhece-me
Sempre é muito atrevido
Não gasto à sua conta

E que lhe importa o meu vestir?

- Estranho não ser costume
Ver-te vestida à fadista
Abandonas-te o trabalho
Nunca mais foste modista
Pelo luxo te arrastaste
Que não é dado como artista.
- Desculpa minha senhora
Para andar asseada
Com a esteira arrebatada
E mais a mais quer Excelências
Isso não me custa nada.
- Já tenho tido Excelências
Por outros e mais elevados
Porque não hei-de ter
Da boca dos depenados?

- Ó sua provinciana
Olhe lá tenha cuidado
Já me coutei algum dia
Para me chamar empenado?
Guarde lá o seu Dinheiro
Que ninguém lho pede emprestado.
O seu valente assobrado
Seu escartador de carteiras
Quer fazer figurão
Sem ter vintém na algibeira
Se não quer ser já descomposto
Retire-se já da minha beira
- Trata-me bem Joaquina
 Se não queres ouvir más respostas
 Quem diz aquilo que quer
 Ouve aquilo que não gosta
 Se me fazes puxar pela língua
 Eu ponho-te a cauda À mostra.
 Você é que anda a dizer
 Que não me vê trabalhar
 Mas se eu vivi assim melhor
 Para que me hei-de eu ralar?
 Um artista que pode dar
 Trabalha de sol a sol
 Mal se pode ele sustentar
 Eu tenho árvores mais fortes
 Onde me posso encostar.

Nota: Joaquina, fora em tempos, uma modista. Vivia com um homem que teve de partir e deste modo deixa-la durante uns tempos. Quando este regressa a casa, encontra Joaquina muito modificada; e esta, finge já não o conhecer.

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

MORENA

Morena! Não negues confessa

Que tens certa pena
Que as mais raparigas
Te chamem morena.

Pois eu não gostava
Parece-me a mim
De ver o teu rosto
Da cor do jasmim.

Eu não me desenfio
Em fraca razão
Mas que te importa
Se eu gosto ou não?

Há rosas dobradas
De muitas outras cores
Mas rosas morenas
Só tu linda flor.

E olham ao que for
Morenas e bem
As mais lindas moças
As de Jerusalém.

A Virgem Maria
Nasceu nesse dia
Morena também
Moreno era Cristo

Vê lá se depois disso
Ainda tens pena

Que as mais raparigas

Te chamem morena.

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

MILAGRES

Deus Nosso Senhor, antigamente andava pelo mundo com a Nossa Senhora. Nosso Senhor ia num cavalo e Nossa Senhora num burrinho. Andando pelo mundo encontraram um noitibó, um pássaro, que espantou a burra de Nossa Senhora. Esta então disse-lhe:

- Ah! Amaldiçoada! Espantaste-me a burra! Ia caindo. Mais adiante, levantou-se-lhe um bando de perdizes. Disse então Nossa Senhora:
- Amaldiçoada sejas notibó que me torna-te a espantar a burra. Mas, depois arrependeu-se e disse:
- Amaldiçoadas sejam as penas que a carne é para os doentes!

Continuaram e encontraram três lavradores, que lavravam as suas terras um aqui, outro além.

Nosso Senhor ia à frente e pergunta o primeiro:

- Que sementes tu lavrador?
- Semeio pedras. Que lhe interessa a si o que eu semeio? – Respondeu-lhe o lavrador.
- Então com elas serás apedrejado. – Disse-lhe Nosso Senhor. Falando com o segundo lavrador perguntou-lhe:
- Que sementes tu lavrador?
- Semeio cornos, que lhe interessa a si o que eu semeio? – Respondeu-lhe o lavrador. (Cornos é uma coisa que o centeio toma em certos anos.)
- Então cornos colherás. – Disse-lhe Nosso Senhor. Seguindo para o terceiro perguntou-lhe:
- Que sementes tu lavrador?
- Ai Senhor, semeio pão. – Respondeu-lhe o lavrador.
- Então pão colherás! Vem ceifa-lo amanhã por estas horas que já estará bom. - Respondeu-lhe Nosso Senhor.
- Noutro tempo, na semana Santa; só se trabalhava até ao meio dia, e do meio-dia para a noite era dia Santo; andava um lavrador a semear uma tapada de trigo, mas

até ao meio dia não a conseguiu semear toda. Os outros trabalhadores vinham do campo, disseram então para o lavrador:

- Oh! Fraldinhas! (assim se chamava o lavrador)
- Já é meio-dia mas ainda me falta semear aqui uma velga pra acabar a tapada e ainda a semeio. – Assim fez, semeou a velga. O outro trigo nasceu muito bem, mas aquela velga não nasceu. Dizem-lhe mais tarde os outros lavradores:
- Olha o Fraldinhas semeou aqui o trigo mas não nasceu. – Seria milagre ou não seria?

No outro dia, no dia de Corpo de Deus, andaram os lavradores a juntar o pão para o telheiro, tendo já juntado algum no dia anterior para outro telheiro. Depois do terem recolhido todo, caiu uma faísca que queimou o pão que foi recolhido no dia de Corpo de Deus. Ao pão que foi recolhido no dia anterior não lhe aconteceu nada. Seria milagre ou não seria?

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

OS COMPADRES

Era uma vez um casal que tinha vários filhos e a mulher era muito religiosa mas era amiga de um compadre. O marido veio a saber e começou a pensar como havia de os desmascarar.

Teve então uma ideia: quando a mulher fosse rezar aos Santos, ele escondia-se atrás do altar. Assim fez. No dia seguinte guardou a mulher e quando ela foi a rezar ele escondeu-se atrás do altar. A mulher disse então:

- Ó meu Santo cegai ou matai o meu homem. – O marido ouvindo isto responde-lhe como se fosse o Santo:

- Ó minha Senhora dai-lhe bastante de comer e beber que ele há-de cegar pouco a pouco. – Ao almoço a mulher disse para o marido:

- Ó homem come e bebe bastante que eu quero-te bastante forte e gordo.

Quando a mulher ia rezar, lá se escondia ele e respondia:

- Dá-lhe bastante comer e beber que ele há-de cegar pouco a pouco.

No outro dia ao almoço o homem disse para a mulher:

- Ó mulher então não vês que me anda a dar uma cegueira.

A mulher toda contente diz-lhe:

- Ó homem come e bebe pode ser que te ponhas melhor.

Tornou a mulher a ir rezar ao Santo o mesmo aconteceu. Alguns dias depois, o homem ao almoço disse:

- Ó mulher já não sei como nós havemos de fazer as vidas porque eu já não vejo nada.

- Ó homem não te preocupes que os filhos ajudam-nos.

No outro dia a mulher convida o compadre para jantar como se fosse comemorar. No fim da janta, sentaram-se todos à mesa. Diz então o homem para o compadre:

- Ó compadre o que me custa é ter ficado cego e ainda não ter ensinado os meus filhos a caçar. Ó mulher trás-me cá a espingarda que eu ainda lhes vou dar uma explicação.

A mulher trás então a espingarda e ele diz para os filhos:

- Olhai filhos aos coelhos atira-se assim de cifrada, às lebres de corrida, às perdizes é no ar e aos que me enganam em primeiro lugar. (pum).

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

CONTO DO GROU

Era uma vez o conto do grou
o rabo do conto logo se acabou.

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

DONA ALINA E DOM FLORES

Dona Alina estava grávida e queria ter o filho em casa de sua mãe. O marido não concordava, mas ela, mesmo assim foi para casa da mãe. Quando o marido soube disse:

Altos, altos meus criados
Meus cavalos a ferrar
Vou ver D. Alina
Que a quero ir matar.

Quando chega à porta diz:

Levanta-te ó D. Alina
Se te queres levantar
Se lá chego aí dentro
Pelos cabelos te hei-de arrastar.

A filha aflita diz para a mãe:

Levante-se ó minha mãe
Se se quer levantar
Que está o D. Flores à porta
Jura que me haverá de matar.

Diz novamente D. Flores da porta:

Levante-se ó D. Alina
Se te queres levantar
Se aí chego dentro
Mesmo aí te hei-de matar.

Diz novamente a filha para a mãe:

Levante-se ó minha mãe
Se se quer levantar
Dê-me cá o meu menino
Que também o quero levar.

D. Flores atou D. Alina a uma corda e prendeu-a ao cavalo. Arrastou D. Alina esta a certa altura diz:

Ollha pra trás ó D. Flores
Olha para trás se queres olhar
O cavalo era branco
E já é do meu natural.

O filho com três dias por milagre diz para o pai vendo a sua mãe quase morta:

Olhe para trás ó meu pai
Olhe para trás se quer olhar
As florinhas do campo
Por minha mãe a chorar.

Ao ouvir isso diz D. Alina:

Olha para trás ó D. Flores
Olha para trás se queres olhar
Que um menino de três dias
Será milagre falar.

Diz-lhe D. Flores:

Fica aqui D. Alina
Neste fresco areal
Que eu vou chamar o padre
Para que te venha confessar.

Respondeu-lhe D. Alina:

Pois aqui é que eu não fico
Neste fresco areal
Leva-me àquela ermida
Que além está a branquear.

Que bicuda a tua espada
Minha cova abrirás
E com as patas do teu cavalo

Minha terra patearás.
Aqui tens o meu menino
Não o dês à tua mãe
Que ela o irá matar
Entrega-o à minha mãe,
Que ela o saberá criar.

A irmã de D. Alina vingando-se da morte da irmã diz para D. Flores quando chega a casa:

Senta-te aqui ó D. Flores
Que vens cansado do caminho
Senta-te aqui nesta cadeira
E bebe este copo de vinho.

D. Flores:

Que fizeste tu ao copo
Que deitas-te tu no vinho
Eu tinha a rédea na mão
E já não vejo o cavalinho.

A irmã de D. Alina respondeu-lhe:

Deitei-lhe pós de lagarto
Deitei-lhe pós de lagarto
Daquele que era mais fininho.

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

OS TRÊS HERDEIROS

Era uma vez um homem que tinha três filhos. Quando chegou a hora da sua morte chamou-os e disse-lhes:

- Filhos eu estou a morrer, mas o que me custa mais é deixar-vos tão pobres, pois não tenho mais nada para vos deixar senão uma foice, um gato e um galo.

Quando o pai morreu o filho mais velho ficou com a foice, o do meio com o galo e o mais novo com o gato. Decidiram então correr o mundo. Um dia o mais velho passando por um campo de trigo viu os ceifadores a ceifar o trigo com facas e disse-lhes:

- Então vocês andam ainda a ceifar o trigo com isso? Eu trago aqui um bichinho que ceifa tudo num instante.

Ceifou um pouco de trigo coma a foice, as pessoas admiradas com a rapidez do bichinho perguntaram-lhe quanto queria por ele. O rapaz pediu-lhes muito dinheiro, mas as pessoas precisavam dele deram-lho. Os ceifadores não sabiam ceifar com ele e o primeiro que o experimentou cortou-se e disse:

- Ai raio do bicho já me mordeu! Atirou a foice para o meio do trigo as outras pessoas ao verem aquilo e a ferida do companheiro, começaram a atirar à foice, esta aquando as pedras lhe caíam em cima fazia:
- ZIM, ZIM, ZIM.....
- Atirem mais que está assanhado. – Diziam uns para os outros. E assim continuaram a ceifar com facas.

O filho do meio, certo dia, muito cedo, encontrou uns homens com carros de bois e disse-lhes:

- Então onde vão tão cedo com os caros de bois?
- Olha vamos buscar a manhã; todos os dias nos levantamos cedo e vamos buscar a manhã.
- Eu tenho aqui um bichinho que lhes poupa todo esse trabalho, todos os dias chama a manhã.
- Então quanto quer pelo bichinho? – perguntaram os homens. O rapaz pediu muito dinheiro, mas deram-lho. Todos os dias o galo cantava:
- CO-CO-RO-CO-CO e amanhecia.

O filho mais novo, certo dia passou por uma cidade onde havia muitos ratos. As pessoas andavam com grandes varapaus a matá-los, mas por mais que matassem não conseguiam acabar com ele. Quando viu isto disse para as pessoas:

- Vocês andam aí com tanto trabalho a caçar ratos com paus, eu tenho aqui um bichinho dentro desta saca que os comeria todos, - e deitou-o fora um bocadinho. Este ao apanhar-se cá fora começa logo a comer neles.

As pessoas assim que viram isto perguntaram-lhe logo:

- Quanto quer pelo bichinho?

O rapaz pediu muito dinheiro. Deram-lho e pôs-se a caminho. Quando lá ia longe as pessoas lembraram-se que não tinham perguntado o que o bichinho comia e começaram todos a chamá-lo perguntado:

- Olhe lá o que come o bichinho?

Ele responde:

- Do que a gente come.

Como já ia longe eles perceberam:

- Muita gente come.

Começaram então todos à pancada no gato até que o mataram. Assim ficaram de novo com muitos ratos na cidade. Os três irmãos que apenas tinham herdado a foice, o galo e o gato ficaram ricos e viveram felizes.

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

A ÁGUIA E A RAPOSA

Era uma vez uma águia uma raposa que eram comadres. Um dia a águia convidou a raposa para ir a uma boda ao céu; a raposa respondeu:

- Eu gostava d'ir comadre mas não posso.
- Não faz mal, anda qu'eu levo-te nas unhas.

Foram as duas. A raposa ia nas unhas da águia e quando lá iam no alto diz a águia para a raposa:

- Segura-te comadre que eu quero cuspir nas unhas.

Quando disse isto largou a raposa. Esta quando vinha no ar dizia pa ma lage:

- **Foge lage que te parto qu'eu vanho do céu, se escapar desta já no volto bodas no céu.**

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

A MENINA E A ÁGUIA

Antigamente houve uma menina que foi deixada no meio da floresta. Veio uma águia e levou-a para uma rocha, para o seu ninho e criou-a. E ela fez-se uma linda donzela. Certo dia um Príncipe foi para aquela zona caçar. Ao ver aquela linda donzela quis mostrá-la aos pais. Ela já tinha noiva mas mesmo assim pediu aos pais que lha deixassem apresentar. Os pais deram-lhe permissão e quando ele já levava a rapariga para o Castelo aparece-lhes a mãe águia que lhe diz:

- Ah! Velhaca já lá vais. Deixa lá que em cara de cabra te faças. Assim aconteceu, mas o Príncipe não desanimou porque sabia a cara que ela tinha e o que se tinha passado. Chegando ao Castelo, os pais lá tiveram de a aceitar e disseram às duas noivas do Príncipe que a que fizesse o vestido mais bonito casava com o seu filho. Fecharam-nas cada uma em seu quarto e deixaram-nas sózinhas. A rapariga toda preocupada pois nunca tinha feito nada, nem sabia fazer nada chamou pla sua mãe águia. Ela apareceu-lhe então e ensinou-lhe a fazer o vestido. Quando foram apresentar os vestidos, os Reis ficaram espantados com o vestido da rapariga da rocha, porque ganhava ao da outra. Ainda não convencidos os Reis disseram:

- Agora a que fizer melhor come é a que casa com o meu filho. A rapariga aflita chamou pela sua mãe águia que lho ensinou a fazer. No fim a mãe águia disse-lhe que quando estivesse a comer para meter todos os ossinhos para a manga do casaco. Quando provaram o comer os Reis ainda ficaram mais admirados com a rapariga da rocha, porque ganhava ao da outra. Quando estavam a comer a rapariga fez o que mãe lhe tinha mandado: começou a ditar ossinhos para a manga do casaco. A outra ao ver aquilo encheu-lhe a barriga de porca mal ajeitada, mal educada. Os Reis ainda não convencidos fizeram um baile e disseram que a que dançasse melhor casava com seu filho. A rapariga começou a mexer-se e a dar aos braços e começaram a sair das mangas onde estavam os ossos pombas brancas e pretas.

Uma pomba branca pousou na cabeça da outra que ficou feia. Ao verem aquilo os Reis já concordaram que o Príncipe casasse com a rapariga da rocha.

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

A RAPOSA E A CARRIÇA

Era uma vez uma raposa e uma carriça. A raposa andava com muita fome e ia todos os dias ao tronco do carvalho e dizia:

- Oh comadre carriça deite-me um carricinho abaixo senão eu levanto o rabo e corto o carvalho. A carriça com medo deitava-lhe um carricinho. Três dias lá foi e em todos lhe comeu carricinho, dizendo que lhe levantava o rabo e lhe cortava o carvalho. Ao quarto dia a raposa lá foi outra vez e disse:

- Oh comadre deita-me cá um carricinho abaixo senão eu levanto o rabo e corto o carvalho. A carriça deitou-lhe novamente um carriço, mas ficou a pensar como é que havia de se livrar da raposa. Na mesma tarde foi lá o mocho que lhe disse:
- Oh comadre carriça onde estão os teus filhinhos?
- Deitei-os à comadre raposa, que vem aí e diz que levanta o rabo e corta o carvalho. Responde-lhe o mocho:
- Ah parva! Quando ela voltar diz-lhe que rabo de raposa não corta carvalho só a força de homem e do gume do malho. No dia seguinte a raposa voltou lá e disse:

- - Oh comadre carriça deita-me num carricinho abaixo senão levanto o rabo e corto o carvalho. A carriça já tinha aprendido a lição e disse-lhe:
- **Rabo de raposa não corta carvalho, só a força do homem e o gume do malho. A raposa lá se foi embora com o rabo entre as pernas. Desta maneira a carriça livrou-se da raposa manhosa.**

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

D. GARCIA E DONA BRANCA

Diz a lenda que D. Garcia, Governador do Castelo da Penha Garcia, raptou em certa noite de tempestade, Dona Branca, figura de grande beleza, filha do Governador de Monsanto. Este ficou furioso e perseguiu D. Garcia durante meses, até que o apanhou. A justiça impunha para estes casos a pena de morte.

Mas o Governador de Monsanto condoído por causa da filha, puniu publicamente D. Garcia, tendo substituído pena capital pelo corte do braço esquerdo. Segundo reza a lenda a figura do decepado, continua ainda, no alto das torres, vigiando e olhando o morro sobranceiro de Monsanto, causa da perda do seu braço.

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

HISTÓRIA DO BURRINHO

O mundo ralha de tudo
Tenham ou não tenham razão
Vou contar-vos um história
Em prova desta ascensão.

Partiu um velho campónio do seu monte ao povoado.
Levava um boneco que tinha no seu burro montado.

Encontra uns que lhe dizem:

- Olha aquele que tal é, ele montado no burro e o pobre do velho a pé.

Então disse o velho para o rapaz:

- Desce do burro que eu monto e tu vem caminhando a trás.

Encontra outros que dizem:

- Tamanhão como uma rata, ele a cavalo do burro e o pobre pequeno à pata.
- Façamos os dois mais esta, montamo-nos os dois no burro ver se ainda nos censuram.

Encontram outros que dizem:

- Apeiem-se almas de bréu, querem matar o burrinho, aposto que não é seu.

Agora ainda lhe pegaram os dois pelas pernas e outros pelas patas, assim lhe fizeram ao burro a ver se os censuram.

Então, nesta foi uma das mais grandes censuras, tornados burros do burro.

- É mau se monto no burro, se o rapaz monta mau é. Ambos montados é mau e é mau se vamos a pé. Rapaz vamos como dantes sirva-nos esta lição, é mais tolo quem dá ao mundo satisfação.

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

A RAPOSA NA VINHA

Era uma vez ma raposa qu'andava a roubar gatchos numa vinha. O dono da vinha certo dia começou a dar pa falta das uvas e no outro foi guardar avinha, encontrando-a lá em cima do sobreiro diz-lhe:

- Ó poeta tás aqui?

Respondeu-lhe a raposa:

- Andava nas minhas vinhas

A ver as novidades,

Os cães das vizinhas,

Fizeram-me esta caridade.

Diz-lhe o dono da vinha:

- Cavar nunca soubeste

Vinhas nunca tiveste.

Comer galos e galinhas

E algumas eram minhas.

Estou capaz de te tirar a fessura

Pa saia do meu gato.

Responde-lhe a raposa:

- Cala-te aí meu macaco

Qu'eu tenho ma pele

Muito linda e muito bela

Nem cão, nem bicho olha para ela.

Quando o dono ia puxar pa spingarda, ela manda um pulo e foge.

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

O LOBO E A RAPOSA

Era uma vez uma raposa e um lobo qu'eram compadres. Um dia andavam uns malhadores a malhar e tinham as papas do almoço a arrefecer. A raposa disse pó lobo:

- Ó compadre e se fossemos além roubar as papas aos malhadores?
- Ai comadre seria mesmo bom, qu'eu stou com ma fome, mas como é que havemos de passar, andam lá os malhadores?
- Olhe compadre vossemecê vai po lado dos malhadores pós distrair enquanto eu vou por este lado pa trazer as papas.

Lá foram, o lobo quando chegou junto dos malhadores levou ma malha tão grande cos mongais que ficou todo partido.

A raposa muito matreira comeu as papas quase todas e ficou com um pequeno resto que pôs na testa.

O lobo quando chegou ao pé dela disse:

- Ai comadre deram-me uma malha tão grande que nem posso andar.
- A mim compadre, ainda me fizeram pior, olhe aqui até me deitaram os miolos de fora – disse a raposa.

- Ó comadre se stá assim tão mal ande no se preocupe qu'eu levo-a às costas. Quando iam no caminho a raposa começa a dizer:
- Rão, rão podre leva são.
No fim dum bocado diz o lobo;
- Ó comadre atão o que é que vai a dizer?
- Ah! É uma oraçãozinha qu'eu cá sei, pa me por melhor.
Respondeu-lhe a raposa.

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

LENDA DO AI QUE FAREI

A filha estava a dizer à mãe para ir ao baile. “Oh! Tomara que te casasses nem que fosse com o Diabo.”

A rapariga foi ao baile e logo lhe apareceu um noivo (um senhor bem preparado) que a pediu logo em casamento. Chegou-se o dia do casamento e não lhe conheciam família (ao noivo) de lado nenhum. A mãe da rapariga começou a pensar na palavra que tinha dito, logo desconfiou que o noivo da filha devia ser o Diabo. No dia do casamento a mãe arranjou uma pouca de água benta e um ramo de oliveira e disse para a filha.

- Quando te fores deitar benzes o quarto todo com esta água benta. Se o teu marido te procurar diz-lhe que é costume da terra.

Quando ela benzeu o quarto o noivo deu dois urros e saiu pela fechadura da porta. A mãe dela quis ver o que se passava lá dentro do quarto, agarrou um frasco e pô-lo na fechadura e o Diabo ao sair entrou para lá. Quando o lá sentiu fechou-o bem. Foi pô-lo numa serra muito alta a que ficou o nome de “Ai que Farei”. Depois veio um soldado da tropa que já lá andava há 7 anos e disse para a mãe que queria ir à tal serra para ver tudo de lá, mas a mãe disse-lhe:

- Ó filho não vais lá, pois nem os pastores lá arrimam. Está lá uma coisa má a chamar. “Tirai-me daqui para fora, ai que farei, tirem-me daqui!”

- Mas eu quero lá ir.

E foi, chegou lá e começou a ouvir a voz “Tira-me daqui, hei-de fazer-te feliz”.

O soldado aproximou-se e disse-lhe:

- Quem é que te meteu aí?

- Foi a minha sogra. Tu deita-me fora, que quando sair daqui vou meter-me em espírito no corpo da filha do Rei. Depois vão lá muitos médicos e não a conseguem curar, mas vais lá tu e mandas-lhe voltar a cabeça para o lado dos pés, que eu depois vou-me logo embora do corpo dela e o Rei dá-te a filha em casamento. – E assim fizeram.

O Rei viu a filha muito doente e mandou chamar muitos médicos e curandeiros, mas com a condição se não fossem capazes de a curar seriam mortos. O soldado ao saber o que se passava, fez como combinado. Ao chegar ao Castelo, o Rei disse-lhe:

- Dou-te três dias para curares a minha filha, passado esse tempo se não conseguires mando-te matar tal como fiz com os outros.

O soldado ao chegar junto da princesa lá fez tal como o Diabo lhe tinha dito, voltou-lhe a cabeça para onde tinha os pés, mas o feitiço não saía do corpo da princesa. O tempo passava e só já lhe faltava um dia, para terminar o prazo.

Como já tinha poucas alternativas lembrou-se de mandar tocar os sinos em honra da princesa, ao ouvir os sinos o Demónio perguntou:

- Porque Santo replicais!?

- Por tua sogra que a mandei chamar.

Assim que ouviu o nome da sogra fugiu rapidamente do corpo da princesa com medo que a sogra viesse e o metesse no frasco de novo. O Rei ficou muito contente e tal como tinha prometido deu a sua filha em casamento ao soldado. Fizeram festa rija pelo casamento e o soldado e a princesa viveram muito felizes.

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

AS DEZ VERDADES

Era uma vez um pastor que estava no campo, e o patrão ia levar-lhe lá o comer. Mas cada vez que o pastor ia a comer aparecia-lhe um homem. Ele fazia-se-lhe vergonha e oferecia-lhe de comer, o patrão levava-lhe o suficiente para ele, mas o pastor andava cada vez mais magro. Depois o patrão precurrou-lhe:

- Trago-te tanto de comer e tu estás cada vez mais magro?

O pastor disse que todos os dias quando ia comer aparecia-lhe lá o tal homem. O patrão perguntou ao pastor:

- Tu não sabes rezar?
 - Não, nunca aprendi.
 - Então, olha quando fores comer persignas a comida fazes uma cruz por cima. “Tão longe é daqui ali, como dali aqui”.
- Chegou-se a hora de comer e o homem apareceu outra vez, o pastor disse-lhe:
- Ande venha comer (mas já tinha feito a cruz).
 - Se tu quisesses, que eu comesse não tinhas feito o que fizeste. Quem é que ensinou a fazer isso?
 - Foi o meu patrão.
 - Então já sei que sabes muito, agora tens que me dizer as dez verdades.

Da 1 – Alumia mais o sol que a lua.

Da 2 – P’ra mãos se fazem as luvas.

Da 3 – Do pau de pinho se faz o pez.

Da 4 – Da pele do boi se faz o sapato.

Da 5 – P’ra cintura se faz o cinto.

Da 6 – Do bom vinho bebem os Reis.

Da 7 – P’lo campo anda a serva (animais selvagens).

Da 8 – Do bom trigo se faz o biscoito.

Da 10 – Rebenta Diabo, que não sei quem és.

E o Diabo e rebentou e nunca mais apareceu.

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

OS COMPADRES

Era uma vez dois compadres e um compadre era amigo da comadre. O outro compadre era um pouco cego e precisava urgentemente de um criado. A mulher certo dia disse-lhe, vais à terra mais próxima e trás um criado mas não tragas um Pedro. O homem lá foi, encontrou um rapaz e disse-lhe:

- Olha lá queres ser meu criado?

- Quero, respondeu-lhe o rapaz.

- Como te chamas? – perguntou-lhe o homem.

- Pedro.

- Então não te quero, que a minha mulher disse que não levasse Pedro – disse-lhe o homem.

Chegando a casa diz pa mulher:

- Olha só consegui arranjar Pedro.

Os compadres andavam a lavrar pa outro patrão a ajudá-lo.

A mulher mais o compadre combinaram dela mandar ma galinha pó almoço e lha levar só a ele. O compadre disse-lhe:

- Olha, pra me diferenciarees dos outros ganhões eu vou por um lençol branco sobre as vacas assim já me diferencias.

O Pedro disse pó patrão:

- Olhe eu vou consigo mas só se pá hora do almoço, quando começa a fazer calor me deixa por um lençol branco por cima das vacas por causa das moscas, porque senão no faço vida delas.

A mulher ao longe, por azar, a primeira junta de vacas que viu foi a do homem e foi lá ter. Quando lá chegou viu o compadre ao longe também a lavrar e disse pó homem:

- Oh homem, anda além o compadre, não seria melhor ires lá chamá-lo que ele anda só com um bocado de pão.

O homem respondeu-lhe que não ia lá que lá fosse o Pedro. O Pedro pôs-se pronto, mas só se lhe enchessem os bolsos de nozes e figos secos para comer no caminho. Foi espalhando os figos e as nozes um aqui e outro além. Chegando lá, em vez de o convidar para almoçar diz-lhe:

- Se vir o meu patrão fuja-lhe, que ele disse que se o apanhava que o matava.

Voltou e o patrão perguntou-lhe:

- Então ele não quis vir?

- Ele disse que só vem se o patrão lá for – respondeu o Pedro.

O patrão lá foi e quando começou a apanhar os figos e as nozes, o compadre, ao longe, ao ver aquilo pareceu-lhe que vinha a apanhar pedras. Começou a fugir e o patrão do Pedro ao vê-lo fugir disse-lhe:

- Não fujas, não fujas que eu quero falar contigo.

O compadre ao ouvir aquilo fugiu ainda mais e ele nunca mais tornou lá a aparecer.

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

O LÚIS E O CÃO

Luís morava num casal longe do povoado. Andava na escola que ficava numa aldeia próxima. Como havia muitos lobos por ali, levava sempre o seu cão, que tinha uma coleira de ferro cheia de picos. O cão brincava com os meninos no recreio. No fim da aula acompanhava sempre o dono até ao casal.

Uma tarde, quase ao cair da noite, quando o Luís regressava a casa viu no caminho um grande lobo. Luís começou a gritar e a fugir. Não havia casas perto, ninguém ouvia os gritos e o lobo cheio de fome corria para o Luís. Já o menino se sentia perdido, quando lhe apareceu o Piloto. Gritou ao cão e este atirou-se ao lobo dando tempo ao Luís de fugir.

Já o menino estava em casa quando o cão apareceu cheio de marcas e coberto de sangue. Os pais do menino ajudaram-no a tratar do cão e abraçados choravam de alegria, porque o cão livrara o seu filho da morte. Toda a gente soube e o professor disse na escola, que todos deviam ser amigos dos cães.

Recolha efectuada na Madeirã- Concelho de Oleiros

A VELHA E O LOBO

Era uma vez uma velhinha que tinha uma filha que ia casar longe da sua terra, uma boa hora de caminho. A velhinha não pode acompanhar a família logo de manhã, e só depois do sol pôr, se meteu a caminho, lembrando-se então de que tinha que atravessar um grande bosque, o qual metia muito medo por causa da escuridão que nele fazia. Mas como não tinha outro remédio, lá se meteu a caminho.

Depois de ter andado já bastante apareceu-lhe um grande lobo com a boca muito aberta e disse-lhe:

- Ó velha, vou-te comer!

A velhinha cheia de medo disse-lhe:

- Ó lobo, sou tão magrinha não há em mim que comer, deixa passar a velhinha, que do casório da filha voltará mais gorduchinha.

O lobo achou que a velha tinha razão e deixou-a seguir o seu caminho, mas no dia seguinte lá estava à espera do petisco, e então a certa altura lá estava ele.

-Ó cabaça, não viste por aí uma velha, muito velha e gorduchinha? – E com grande espanto do lobo saiu da cabaça uma voz que dizia assim:

- Eu não vi nenhuma velha, nem velhinha, nem velhão gira roda cabachinha, roda gira cabação, - mas o lobo ficou desonfiado e seguiu a cabaça. Mas, quando chegou à porta da velha a cabaça deu um grande estouro. O lobo fugiu com medo e a velha chegou à sua casa sã e salva e ainda hoje a ouvem cantar:

- Eu não vi nenhuma velha, nem velhinha, nem velhão gira roda cabachinha, roda gira cabação.

Recolha efectuada na Madeirã - Concelho de Oleiros

A RAPOSA E O CÃO

Era uma vez uma raposa muito manhosa, que queria enganar um cão, então disse-lhe:

- Olha, há bocadinho passei por um poço que tinha um queijo no fundo. Então pensei que me podias ajudar a beber água para depois comermos o queijo, - disse a raposa.
- Com toda a certeza que não te ajudo, mas depois tens que me dar também um bocado do queijo.
- Está bem, então anda – disse a raposa, já com água na boca. E assim foram quando lá chegaram começaram logo a beber. O cão já não podia mais e a manhosa da raposa a fazer que bebia enganou o cão.

Depois de muito tempo o cão já tinha bebido a água quase toda. Então a raposa salta muito rapidamente para dentro do poço e para grande azar bate com o focinho no chão, porque aquilo não era nenhum queijo, mas sim o reflexo da lua.

Recolha efectuada na Madeirã - Concelho de Oleiros

A RAPOSA E A CEGONHA

Certo dia a raposa matreira convidou a cegonha ara jantar em casa dela. Então fez papas de milho, mas serviu-as num prato muito razo. A pobre cegonha picava, picava, mas não comia nada e a raposa só com uma lambedela comeu tudo. A cegonha muito zangada convidou a raposa para no dia seguinte ir almoçar em casa dela e também fez papas de milho, mas serviu-as numa garrafa. A raposa não comeu nada e a cegonha comeu tudo, porque meteu o seu bico pela garrafa abaixo.

Recolha efectuada na Madeirã - Concelho de Oleiros

LENDA DE FAJÃO

Os homens de Fajão não sabiam construir moinhos, até que um dia lá passou um homem e lhes ensinou. Mas disse-lhes que o moinho nunca podia parar.

Então eles estavam sempre a moer o milho, até que um dia acabou-se o milho e o homem teve que ficar a topar a levada.

Certo dia o homem que lhes ensinou a fazer o moinho passou lá e perguntou-lhe o que é que ele estava a fazer. Ele respondeu-lhe, que se tinham que render, porque o moinho tinha acabado. O homem perguntou-lhe se ele tinha presuntos lá em casa. Este disse que sim. O homem então disse-lhe para o ir buscar que ele ficava a tapar a levada. O homem foi buscar o presunto e quando lá chegou tapou a levada com o presunto. O homem de Fajão foi a correr à povoação para contar como se tinha resolvido o caso. O outro homem trocou o presunto por uma laje do ergueu as mãos ao ar e disse:

“Bendito seja o Senhor que já transforma presuntos em lajes”:

Recolha efectuada em Fajão - Concelho de Pampilhosa da Serra.

O GATO

Um dia as pessoas de Fajão andavam a correr atrás de um rato. Passou lá um estranho e perguntou o que é que andavam a fazer. As pessoas disseram-lhe que andavam atrás de um rato para o matar. Ele perguntou-lhes quanto é que lhe dava para ele arranjar um bicho para a apanhar o rato. As pessoas disseram que davam um par de pás, um grande presunto e 30 mil reis em tostão, que era o dinheiro de Fajão. Nessas condições, o homem arranjou um gato, entregou-o às pessoas e as pessoas deram-lhe tudo o que prometeram, mas esqueceram-se de perguntar ao homem e perguntaram de longe:

- Ó Senhor, o que é que o bicho come?

Ele disse: - Come comer de gente. Só que eles perceberam, que comia gente. Com medo, eles começaram a correr o gato à pedrada. O gato, como não sabia para onde ir, decidiu fugir para um buraco do palheiro, mas não o conseguiram apanhar. Por isso meteram fogo ao palheiro julgando que o gato morria, mas ele tinha fugido.

No outro dia de manhã, eles foram ver o se o gato tinha morrido.

Ficaram espantados quando viram o gato em cima da trave do palheiro, e este começou a passar com a pata no focinho. Os de Fajão começaram a dizer que o gato os estava a ameaçar.

Andaram para cá, andaram para lá e eles fugiram com medo do gato.

Recolha efectuada em Fajão - Concelho de Pampilhosa da Serra.

LENDA DOS MOINHOS DE ÁGUA

Antigamente existiam moinhos movimentados a água onde se moía o milho, que era cultivado nas terras, para depois fazerem o pão para seu alimento. Esses moinhos existiam longe da povoação e estava sempre uma pessoa a guardá-lo durante a moagem, porque havia pessoas que iam roubar a farinha.

Certo dia um senhor estava no moinho de noite e apareceram-lhe duas bruxas que o levaram para dançar a um terreiro.

Andou lá o tempo que elas quiseram e depois voltaram a levá-lo ao moinho, onde ele disse uma oração que havia na altura para as segurar, que era a seguinte:

“Santo Eroto Dominoto

Pera Barata Areate esteca”

E para as mandar embora tinha que começar onde se tinha acabado. E ele as diziam mande-os agora embora. E ele, dizia para elas se irem embora que ele não as tinha lá chamado. E elas diziam que não era assim que tinha que dizer a oração ao contrário. Ele teve que dizer com elas a oração, porque ele sózinho não era capaz. Elas foram-se embora e disseram-lhe para ele nunca dizer o nome delas senão elas voltavam e matavam-no.

Até hoje o homem não desvendou o nome delas.

Recolha efectuada no Concelho de Pampilhosa da Serra.

LENDA DE SANTA SOFIA

Santa Sofia é uma das Santas de devoção do Salvador. A sua capelinha situa-se numa elevação sobranceira à povoação. Diz a lenda que Santa Sofia, jovem e linda, tinha um cavaleiro belo, que a pretendia. Como Santa Sofia lhe fugiu o cavaleiro perseguiu-a até ao cimo do monte, onde ainda se vêem os sinais das ferraduras do cavalo onde, segundo reza a lenda, nasceram umas ervas, que têm na extremidade uns sapatinhos, que recordam o sapato perdido pela jovem Santa na sua fuga. Diz ainda a lenda que o monte sobre o qual está edificado a capelinha de Senhora Santa Sofia tem por baixo um braço de mar, que não arrasa a povoação pela protecção válida da mesma Santa, a quem atribuem a protecção da freguesia de todas as calamidades.

Recolha efectuada em Salvador - Concelho de Penamacor

A LENDA DA SENHORA QUE ORDENAVA PADRES

Antigamente, havia uma senhora que ordenava padres, principalmente os pobres. Um dia ela morreu, e na casa onde ela morava começou a haver barulhos. Ninguém podia lá entrar, lá nem os vizinhos tinham descanso. Um dia veio um padre para visitar a senhora, pois não sabia que ela já tinha morrido. Pediu a chave de casa e começou a ler um livro, e então surgiu uma voz que dizia “O que é que estás aqui a fazer meu malandro, eu já levava metade da gente desta cidade virada para o meu lado”. Até esta altura as pessoas pensavam que era a alma da mulherzinha e muitas deixavam-se ir pelas vozes que surgiam na casa, visto que a mulher era muito boa. Mas, a partir daí, o padre disse para as pessoas não acreditarem, porque era o pecado que á andava para atentar as almas.

Recolha efectuada nas corgas - Concelho de Proença a Nova

O PASTOR E A MOURA

Nas Corgas havia um pastor que costumava ir com as cabras para uma serra. E um dia andava lá com as cabras e apareceu-lhe uma mulher, e disse para ele: “Você podia-me dar a sua corna com leite para os meus filhos?”

O homenzinho pegou na corna e foi ordenhar a sua melhor cabra. Quando acabou de urdinhar a cabra, pegou na corna e deu-a à mulher, ela disse para ali aguardar um bocadinho, que ela já lhe vinha trazer a corna, e desapareceu pelo bale. Quando voltou entregou-lhe a corna, disse obrigado e foi-se embora. Quando o pastor olhou para a corna ficou todo chateado e disse: “Dei o leite, e agora aquela vaca traz-me a corna toda suja”. E vai lavar a corna a uma nascente que por ali havia. Mas primeiro despejou os carvões que tinha dentro, lá para trás de uma moita. Quando acabou de lavar a corna ela começou a brilhar muito, e ele viu logo que era ouro, foi a correr ver onde ele tinha entornado o resto, para apanhar, mas tinha desaparecido.

Dizem que eram os mouros, que aqui andavam e quando pediam alguma coisa a alguém agradeciam com ouro.

Recolha efectuada nas Corgas – Concelho de Proença-a-Nova

A CASA ASSOMBRADA

Havia um casal que morava num vale. A uma certa altura o marido morreu, e sem filhos a mulher ficou sozinha. Passado um tempo ela morreu também. A casa ficou fechada. Um dia passou lá uma pessoa do povo vizinho e deparou com tudo aberto, entrou e lá estava tudo desarrumado, roupa pelo chão, etc. No início pareceu-lhe que a casa tinha sido roubada visto que era uma casa sozinha num vale. Mas de repente começou a ouvir barulhos estranhos e vento dentro da casa, mas não ligou, fechou as portas e foi-se embora.

Quando chegou à aldeia contou o sucedido, ninguém quis acreditar, puseram pés a caminho e foram lá. Quando lá chegaram estavam as portas abertas, entraram e viram. De seguida arrumaram tudo e fecharam as portas. Mas passados alguns dias, tornou a passar lá gente e viu tudo aberto, a casa desarrumada e os mesmos barulhos. Cena esta se foi repetindo, tentavam fechar as portas e janelas mas não conseguiam, e por cada vez que lá passavam a roupa estava sempre espalhada pelo chão. Dizem que era o Diabo que lá andava, e que fazia aqueles barulhos esquisitos para apanhar almas.

Recolha efectuada nas Corgas – Concelho de Proença-a-Nova

LENDA DE UM PAI QUE ERA MAU PARA O FILHO

Andava um Rapazinho de dez anos
numa vinha de seus pais a cavar,
mas como o seu trabalho não rendia
à noite pelos pais era espancado.

O Rapaz já farto de sofrer
no mundo ouvir martírios tais
então o que pensou ele fazer:
abandonar a casa de seus pais.

Numa aldeia bem distante o garotinho

a uma porta rica foi bater
pedia-lhe com ternura e com carinho
pedia de dormir e de comer.

Então olha ó garoto escuta lá,
então porque estás abandonado?
E o garoto respondeu:
Senhor, o meu pai é um malvado.

Então olha ó garoto escuta lá
em vistas do teu pai ser um traidor
se não queres voltar lá, fica cá
eu te farei um homem de valor.

O garoto aceitou mas sem saber
que o homem era um honrado professor
ensinou-o a ler e a escrever
estudou até chegar a ser doutor.

Depois já curava muita gente
era um médico muito bom e forte
um dia soube que o pai estava doente
à pressa lá o foi salvar da morte.
Depois de estar salvo diz-lhe um ai
já está salvo o meu Pai, eu sinto brilho.
Em visto de você ser um mau pai
eu quero pagar-lhe sendo um filho.
Perdoa filho, meu mal que eu te fiz
a vida que eu te dei amargurado,
diz-me lá quanto é que eu te devo.
O filho diz: Cumpri o meu dever, não deve nada.

Recolha efectuada em Vale de Água – Concelho de Proença-a-Nova

A LENDA DO BEZERRO DE OURO

Na Lapa do Aivado, bem no fundo da gruta encontra-se um bezerro de ouro. Este poderá pertencer aquele que conseguir chegar ao fundo da gruta. Mas só o terceiro irá realmente conseguir, pois segundo a lenda, existe a seguinte profecia: “ O primeiro passará, o segundo morrerá e o terceiro aproveitará.”

Recolha efectuada em Vila de Rei.

LENDA DA BUFAREIRA

Entre o “Penedo Furado” e a “Bicha Pintada” existe uma gruta. Lá dentro um bezerro de ouro guarda uma linda Moura encantada.

Recolha efectuada em Vila de Rei

LENDA DA MOURA

No tempo em que os mouros habitaram o concelho de Vila de Rei fixaram-se em vários locais. Um deles designado por Penha (lapa) do Aivado, local de grutas escavadas na rocha.

Conta a lenda que havia na Penha do Aivado uma moura, que estava para ter um filho, mandou então pedir ajuda a uma mulher parteira da povoação mais próxima – as Cortelhas. A mulher foi em auxílio da moura e esta como recompensa deu-lhe três carvões e disse-lhe que os guardasse. Quando chegasse a casa deveria colocá-los na cantareira e no outro dia pela manhã veria o que tinha acontecido. A mulher, pelo caminho, pensando na inutilidade dos carvões deitou dois fora que foram apanhados pelo mouro que a seguia prevendo já a atitude da mulher. Quando chegou a casa, a mulher colocou o carvão, que lhe restava na cantareira tal como a moura tinha recomendado. No outro dia pela manhã foi

à cantareira ver o que tinha acontecido – o carvão transformara-se em ouro. A mulher foi então à procura dos carvões que tinha deitado fora, mas já não os encontrou.

Recolha efectuada em Fundada – Concelho de Vila de Rei

LENDA DO ASADO DE OURO

No lugar de Fundada, num sítio chamado Boucinha existem umas barreiras de barro vermelho onde está enterrado um asado grande cheio de barras de ouro encarnado; aquele que o quiser desencantar terá que ir a esse local à meia-noite, levar uma pêra consigo. Este deve levar uma sobreplis, uma estola, um missal, uma pedra de ara e uma caldeirinha de água benta. No local devem ler algumas orações do missal e devem começar a escavar simultaneamente. Entretanto, no lado de trás, aparecerá o diabo na figura de um grande carneiro que rugirá horrorosamente. Deverão então, deitar água benta mas não se poderão voltar para trás. Se o fizerem não conseguirão desencantar o ouro.

Recolha efectuada em Fundada – Concelho de Vila de Rei

O HOMEM DAS CORTELHAS

Viveu no Casal das Cortelhas um homem que tinha 14 filhos. Vigorava nessa altura a lei dos Morgadios. O homem, descontente com a lei, resolveu armar-se e armar os seus filhos com forquilhas e varapaus e assim partiram rumo aos passos do Concelho (Vila de Rei).

Fizeram tamanha revolta que conseguiram que a lei fosse alterada. Conta-se que a partir daí todos os filhos passaram a ter direito a herdar.

Recolha efectuada em Fundada – Concelho de Vila de Rei

LENDA DOS TREMOÇOS

Quando as Invasões Francesas atacaram o Concelho de Vila de Rei, as pessoas ao saberem da proximidade das tropas fugiam das povoações e escondiam-se nos matos levando consigo alguns mantimentos. Segundo consta, um grupo de pessoas refugiou-se junto à Ribeira da Isna. Estando aí já algum tempo, esgotaram os mantimentos restando somente tremoços amargos. Correu então a notícia que os Franceses se aproximavam. Os que aí se refugiaram afastaram-se então dessa zona deixando as panelas dos tremoços amargos. Os Franceses ao passarem por ali vinham famintos e comeram os tremoços. Mas como estes amargavam muito, julgaram que tivessem veneno e assim abandonaram a região.

Recolha efectuada em Fundada – Concelho de Vila de Rei

O CARRINHO DE OURO

Uns homens encontraram um carrinho de ouro num poço muito fundo do Rio Ocreza chamado Vale Mourão. Esse lugar é conhecido pelos seus penhascos e pela beleza das suas paisagens

Então, os homens felizes da vida, subindo a barreira quase a pique lá iam no seu caminho quando um exclamou: “Queira Deus quer não, este carrinho de ouro já é nosso.”

Então Deus por castigo, fez com que o carrinho rebolesse e fosse cair no fundo do poço com mais de cinco metros de profundidade. E há quem diga que ainda hoje se encontra lá.

Recolha efectuada em Foz do Cobrão Concelho de Vila Velha de Rodão

MINA DE OURO

Dizem os antigos que certa vez andavam sete cavalos numa noite a carregar ouro para uma mina, mas não se sabia a sua localização- Diz-se que seja na área dos Casalinhos e Raposeiro (terras destinadas à agricultura e à oliveira). A lenda diz também que deverá encontrar-se perto de uma nascente para que os donos desse ouro quando voltassem o soubessem encontrar. Para o encontrar é preciso sonhar três vezes com a localização da mina sem dizer nada a ninguém. Há quem diga também que os cabritos pretos adivinham onde está o ouro.

Mas o pior é que se encontra uma semente de guarda ao tesouro e a lenda avisa de que se a serpente não vir a gente devemos matá-la, mas se ela nos vir primeiro devemos fugir.

Recolha efectuada em Foz do Cobreiro Concelho de Vila Velha de Rodão

O PENEDO DOS CÁGADOS

Esta lenda diz que a Nossa Senhora foi buscar esta enorme pedra de forma cilíndrica ao cimo da serra e que a levou à cabeça até cá abaixo, a fiar com as mãos e o penedo à cabeça; então chegou ao ribeiro pousou o penedo em tão boa hora que nunca mais se mexeu.

Recolha efectuada em Foz do Cobreiro Concelho de Vila Velha de Rodão

A LENDA DO FETO REAL

Dizem os mais velhos que a flor do feto real só abre na meia noite da noite de S. João. Então aparece uma voz a quem a colher, por trás, pelas costas, que pergunta à pessoa o que deseja, poder ser habilidade ou riqueza.

Recolha efectuada em Foz do Cobreiro Concelho de Vila Velha de Rodão

A BURACA DA MOURA

Dizem que existe um buraco entre a Foz e o Vale do Cobreiro que atravessa a serra e que dá perto de uma pequena localidade de nome Chão das Servas, mas o túnel tem armadilhas pelo meio, pois tem um grande tesouro.

A razão do nome, é que, dizem também que a certa hora do dia aparece uma Moura que penteia os seus cabelos com um pente de ouro.

Recolha efectuada em Foz do Cobreiro Concelho de Vila Velha de Rodão

LENDA DA NOSSA SENHORA DO CASTELO

Conta a lenda que numa altura em que as portas de Rodão iam fechadas, um arrais mandou os seus pescadores passarem por lá, mas nessas alturas tudo o que por ali passa vai ao fundo. Então os pobres pescadores pediram a protecção da Virgem prometendo erguer-lhe uma capela na serra, perto do castelo. Então movidos pela fé e coragem avançaram com o barco. Este afundou-se tendo vindo a aparecer um pouco adiante junto à Fonte das Virtudes. Deu-se no entanto um caso estranho: desapareceu o barrete de um pescador. Então quando os pescadores olharam para a serra viram a imagem de Nossa Senhora. A promessa foi cumprida, a imagem foi transportada para a capela que os pescadores construíram.

Todos os anos em Agosto lá vão cumprir a promessa por a Santa ter salvo os pescadores.

Recolha efectuada em Vila Velha de Rodão

LENDA DO REI WAMBA

Nas portas de Rodão ao lado da Beira Baixa (Norte do Tejo) vivia um rei que tinha lá um castelo que se chamava Rei Wamba e que dominava este lado. Este era um guarda avançado da Egitânia (Idanha-a-Velha).

O lado de lá era dominado por um Rei Mouro.

A mulher do Rei Wamba perdeu-se de amores pelo Rei Mouro e este para a raptar tentou fazer um túnel que passaria por baixo do Tejo para a poder ir buscar.

Os cálculos do Rei Mouro foram mal feitos e o buraco saiu acima do nível das águas (conforme ainda se pode ver). A mulher do Rei Wamba entrou em pânico e o Rei Wamba descobriu a finalidade do buraco.

O Rei Wamba vendo a paixão que ela manifestava pelo outro, ofereceu-a então ao outro Rei como presente, mas sendo atada à mó de um moinho, rolando pelas encostas até ao Rio Tejo. Pelo sítio onde passou a mó com a mulher do Rei Wamba atada nunca mais nasceu qualquer vegetação, conforme hoje ainda se pode verificar no local.

Recolha efectuada em Vila Velha de Rodão

Quadro de Temática Etnológica
(Aplicada ao caso português, isto é, a Portugal – a Terra e o Homem)

(Assuntos que a Etnografia e o Folclore geralmente Observam e Estudam)

I – Carácter Nacional

1. Áreas Culturais
2. O Homem Português
3. Psicologia Popular

II – Estudo de Comunidades

1. Grupos Étnicos
2. Grupos Profissionais

III – Ergologia

1. Edifícios
 - 1.1. Edifícios Particulares
 - 1.1.1. Casas de Habitação
 - 1.1.2. Anexos de Exploração Rural
 - 1.1.3. Espigueiros
 - 1.2. Edifícios religiosos (Igrejas, capelas, ermidas)
 - 1.3. Edifícios Sociais
 - 1.3.1. Cemitérios e Túmulos
 - 1.3.2. Pelourinhos
 - 1.3.3. Fontes e Chafarizes
 - 1.4. Sistemas de Construção
2. Objectos e Alfaias
 - 2.1. Mobiliário
 - 2.2. Objectos de Uso Doméstico
 - 2.3. Sistemas Antigos de Iluminação
 - 2.4. Alfaias Agrícolas
 - 2.5. Instrumentos Profissionais
3. Transportes

3.1. Transportes Terrestres (carros, carroças, etc.)

3.2. Transportes Aquáticos (Barcos, etc.)

3.3. Transportes Humanos

IV – Tecnologia e Economia

1. Artes Plásticas

1.1. Pintura e Gravura Populares

1.2. Escultura (Em pedra e barro)

1.3. Trabalhos em Madeira

1.4. Trabalhos em Chifre e Osso

1.5. Trabalhos em Cortiça

1.6. Trabalhos em Ferro e outros metais

1.7. Trabalhos em Papel

1.8. Trabalhos em Ouro (Ourivesaria Popular)

1.9. Arte Pastoril

2. Indústrias Populares e Artesanato

2.1. Tecelagem

2.2. Cerâmica e Olaria

2.3. Moagem (Moinhos, etc)

2.4. Cestaria e Esteiraria

2.5. Fogo de Artifício (Pirotecnia)

2.6. Rendas e Bordados

2.7. Lacticínios (Queijaria, etc)

3. Agricultura

3.1. Milho

3.2. Trigo

3.3. Vinho

3.4. Linho

3.5. Azeite

3.6. Sistemas de Debulha

3.7. Sistemas de Rega

4. Pesca

4.1. Processos, Redes e Instrumentos de Pesca

5. Caça

6. pastoreio

7.Comércio

7.1.Feiras

7.2.Mercados

V – Costumes Sociais e Profissionais

1.Comunitarismo

2.Compadrio

3.Corporações e Confrarias

4.Vindicta Popular

5.Direito Popular

6.Classes Sociais e Profissionais

7.Nascimento

8.Namoro

9.Casamento

10.Luto

11.Heranças

12.Diversos Usos e Costumes Sociais e Profissionais

VI – Usos e Costumes

1. Festas Cíclicas

1.1.Janeiras e Reis

1.2.Candelária

1.3.Carnaval

1.4.Encomendação das Almas

1.5.Serração da Velha

1.6.Ramos

1.7.Judas

1.8.Páscoa

1.9.S.José

1.10 1º de Abril

1.11. 1º e 3º de Maio

1.12.Ascensão

1.13.Pentecostes

1.14.Santos de Junho (Santos Populares)

1.15.Todos os Santos (Dia de todos os Santos)

1.16.Fiéis Defuntos (Dia de Finados)

1.17.S.Martinho

1.18.Natal

1.19.Fim de Ano

1.20.Outras Festividades

2. Ritos de Passagem

2.1.Nascimento

2.2.Amor,Namoro e Casamento

2.3.Morte

2.4.Diversos

3.Costumes e Festas Agrárias

4.Banhos Santos

5.Mascarados e Máscaras

6.Outros Usos e Costumes Populares

VII – Crença Popular

1.Catolicismo Popular

1.1.Hagiografia Popular (Santos Venerados pelo Povo)

1.2.Objectos Relacionados com o Culto

1.2.1Presépios

1.2.2Ex-Votos

1.2.3Diversos

1.3.Orações

1.4.Romarias e Festas

2.Outras Religiões

3.Crenças,Superstições e Práticas Mágicas

3.1.Ensalmos

3.2.Amuletos

VII – Literatura Popular

- 1.Poesia Popular (Quadras, etc)
- 2.Romanceiro
- 3.Contos,Mitos e Lendas
- 4.Adivinhas
- 5.Provérbios e Outros Ditos
- 6.Pregões e Fórmulas
- 7.Parlengas e Rimas
- 8.Alcunhas e Apodos
- 9.Folhetos de Cordel
- 10.Vocabulário Regional
- 11.Toponimia (Nomes de Terras, etc)
- 12.Onomástico (Nomes de Pessoas)
- 13.Linguagem Regional e Popular

IX – Música e Dança

- 1.Música Popular
2. Instrumentos Musicais e Tocadores Populares
- 3.Danças Populares

X –Teatro Popular

XI – Diversões Populares

- 1.Jogos e Brincadeiras
- 2.Brinquedos Infantis
- 3.Touradas e Cavalhadas
- 4.Festas e Romarias

XII – Alimentação

- 1.Culinária e Doçaria
- 2.Manjares Cerimoniais e Festivos
- 3.Vinhos e Outras Bebidas

XIV – Ciência Popular

1. Medicina e Farmácia Populares

2. Práticas Mágicas

3. Meteorologia Popular

Ribas, Tomás, Etnologia 1, FAOJ, Lisboa, 1977